

Revista aeronáutica

2003

E-mail: caerof@domain.com.br

Número 237

A FAB Tem Novo Comandante





Até breve, companheiro!

Marcelo Qanitz Damasceno
Ten.-Cel. Av

Não és o primeiro de quem me despeço.

Quando em vez, tiram o primeiro da fila, o mais antigo. Seu gládio alado de prata sairá desta farda que envergas pela última vez, será banhado em ouro, incrustado em uma estrela e haverá de pousar em algum par de ombros que possui a quinta parte da idade dos teus.

Um menino, em Barbacena, ocupará a tua vaga. É um brasileiro, imberbe, 14 anos, no fim da fila. Não és o primeiro de quem me despeço. Sempre foi assim! Não haveria de ser diferente contigo, não haverá de ser com ninguém. Neste nosso evolutivo mundo fardado nada há de permanente, exceto as mudanças acordadas, oriundas de nossos preceitos. Acho que por isto vocês me tornaram tão respeitada.

Este menino que envergará as tuas asas será um descendente de italianos dos vinhedos do sul?

Será um filho e neto da Amazônia deslumbrado com os novos radares que margeiam o Rio Negro?

Ou será um outro filho de comerciantes portugueses, de um pequeno bairro entre o Méier e o Engenho de Dentro: a *Chave de Ouro*?

Eu mal completava quatro anos, tu chegavas aos 13. Findava o maior conflito armado do último século. O Grupo de Caça voltava da Itália. Eu não era nem mulher formada e já possuía um ventre promissor. Meus primeiros filhos eram chamados de heróis. Os meninos do subúrbio recepcionavam seus ídolos.

Foste assistir o sargento Mário, herói da *Chave de Ouro*, desfilar na avenida. Soube que a tua emoção foi tanta que me elegeste como ofício de vida. Não te confesso que eu imaginaria ter ali o meu primeiro comandante do próximo século. Não notei a tua presença. Só tinha olhos e coração para os atuais filhos.

Em 1949 inaugurei o meu berçário: a EPCAR. Ali a tua roda da fortuna deu seu primeiro giro. Encontrou-se com o rodar da minha.

Começavas uma incomum navegação. Os outros navegadores – os comuns – são aventureiros que fazem o rastro, abrem caminho, mas não o fixam. Não o demarcam.

Não trataram acordo com a continuidade.

És um daqueles poucos navegadores que são mais amados por Deus e mais respeitados por seus seme-

lhantes. São navegadores que possuem um brilho diferente, pois abrem o caminho e o tornam caminho para os outros. Desde cedo, considere-te um destes iluminados. Franqueaste o rumo aos menos experientes.

As orientações que te dei no início foram suficientes para poder acompanhar-te calada por todo o resto. Mas ainda assim, por tudo teimavas em me agradecer.

Agradeces até hoje, na saída!

Em um momento delicado da minha história, foste chamado para o grande desafio de sua vida: assumir o meu comando e pelejar. Agora a meta era a minha recuperação operacional.

És um destes iluminados navegadores que influenciam mentes e corações.

Iniciaste o teu comando com um novo horizonte de prioridades e aquisições materiais. Mas acima de tudo, vieste com a chuva fecundadora das idéias novas, das criações sonhadas, do eterno renovar de quem ensina e, portanto, como um iluminado navegador que, ao descobrir, transmite a descoberta.

Ao decidires pelo rejuvenescimento de meus aviões mexeste com a minha vaidade, e ela vai mais além. Sei que és grato aos teus antigos mestres, teus instrutores de vôo, aqueles que coloquei em teu caminho e te acompanharam na tua formação e no teu aperfeiçoamento.

Ajudamo-te a melhor usares a cabeça.

Por teu valor pessoal aprendeste a usar as palavras.

Fizeste delas a tua quarta dimensão.

Se ao bem cuidares de mim tornaste-me por demais vaidosa, dos ciúmes não me fizeste sofredora. Sei o quanto devo a tua esposa. Conheço os nossos homens e sei o quanto o amor lhes fez produzir em prol da minha existência. Se não fizeram em maior quantidade, com certeza fizeram com mais intensidade e melhor.

É hora de nos despedirmos. Pelo tanto que temos nos respeitado em nossas existências, sei que haverá de entender o momento. Sou já uma senhora e continuo respeitada por manter os nossos preceitos.

Entendas que apenas saíste da fila que com tanta honra soubeste encabeçar.

Saíste da fila, não da minha vida!

FORÇA AÉREA BRASILEIRA



Revista 
aeronáutica
 2002 E-mail: caerorj@domain.com.br Número 237

Órgão Oficial do Clube de Aeronáutica

Presidente:
 Brig.-do-Ar R/R Danilo Paiva Álvares

1º Vice-Presidente:
 Brig.-Med.R/R José Américo de Albuquerque Montenegro

2º Vice-Presidente:
 Cel. Int. R/R Ricardo José Clemente

DEPARTAMENTOS

Administrativo:
 Cel. Int. R/R Haroldo Prado de Azevedo

Patrimonial:
 Cel. Av. R/R Fernando Moura Correia

Social:
 Ten.-Cel. Int. R/R José Pinto Cabral

Cultural:
 Cel. Av. R/R Mário F. Pontes Filho

Finanças:
 Ten.-Cel. Int. R/R Irajá Domingues da Silva

Beneficente:
 Cel. Int. R/R Haroldo Prado de Azevedo

Secretaria Geral:
 Cap. Adm. R/R Ivan Alves Moreira

Assessoria Jurídica:
 Dr. Francisco Rodrigues da Fonseca

SUPERINTENDÊNCIAS

Sede Aerodesportiva:
 Cel. Av. R/R Ronald Helio de Lemos Pinheiro

Divisão de Ultraleves Motorizados:
 Ten. Av. Ref. José Menezes Filho

Sede Social:
 Ten.-Cel. Av. R/R Cleber Cirilo dos Santos

Sede Lacustre:
 Márcio Ganem Álvares

CHICAER:
 Ten.-Cel. Sup. R/R Gilberto Cunha

Endereço:
 Prç. Marechal Âncora, 15 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20021-200
 Tel.: (21) 2210-3212 Fax: (21) 2220-8444

Expediente do CAER:
 Dias: de 3ª a 6ª feira - Horário: 9 às 12h e 13 às 17h
 Sede Aerodesportiva: (21) 3325-2681
 Sede Lacustre: (24) 2662-1049

Revista do Clube de Aeronáutica
 Tel./Fax: (21) 2220-3691

Diretor
 Mário F. Pontes Filho

Jornalista Responsável
 J. Marcos Montebello

Produção Gráfica
 Luiz Ludgerio P. Silva
 Márcia Regina I. H. Galhardo

Revisão
 Dirce Brizida

Conselho Editorial
 Presidente
 1º Vice-Presidente
 2º Vice-Presidente
 Chefe do Departº Cultural
 Diretor Revista aeronáutica e Jornal arauto

As opiniões emitidas em entrevistas e em matérias assinadas estarão sujeitas a cortes, no todo ou em parte, a critério do Conselho Editorial, não representando com isto ponto de vista do Clube de Aeronáutica e, sim, dos seus autores. As matérias não serão devolvidas, mesmo que não publicadas.

 Consultoria, Produção Gráfica e Fitolito
 Rua do Rezende, 80 - Centro - RJ
 Tels.: (21) 2263 3892, 2221 1485
 pigmento@pigmentofotolito.com.br

Índice

NOSSA CAPA

06 ENTREVISTA

Ten.-Brig.-do-Ar Luiz Carlos da Silva Bueno

10 REFLEXÃO

Uma crônica de final de ano e de época

Ten.-Brig.-do-Ar José Carlos Pereira

13 ENTRETENIMENTO

Alsácia e o vinho

Cel.-Av. xxxxxxxxxxxx Adonis

18 VISÃO DOS FATOS

Echelon - Rede de Espionagem Global

Carlos Ilich Santos Azambuja

21 ARTE

Pode o artista ser antiético?

Araken Hipólito da Costa - Cel. Av. RR

22 DECEA

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Brig. Rogério

27 RECORDAÇÃO

Campo dos Afonsos

José Nazareno de Vasconcelos

Ten. -Cel. Farm. RR



EDITORIAL

EDITORIAL

EDITORIAL

O ano de 2002, para nossa agremiação, acabou com um saldo bastante positivo.

Os sócios foram beneficiados com uma série de melhoramentos, como inaugurações de novas salas de *visitas*; mudança no *lay-out* dos Departamentos do Clube, ainda em fase de implantação; novos eventos sociais; criação do Departamento de Náutica, com os cursos de arrais e mestre-arrais, dentre outros melhoramentos menos significativos.

As sugestões da Diretoria, sugestões e prestações de contas mensais, foram aprovadas pelos Conselhos Deliberativo e Fiscal. Medidas de contenção de despesas foram implementadas, postergando alguns projetos menos prioritários. Em contrapartida, a criação do Sócio Departamental, já aprovado pelo Conselho Deliberativo, incrementará a receita do Clube a partir de meados do ano que se inicia. A cobrança de mais uma mensalidade dos sócios, também já aprovada por aquele egrégio Conselho, viabiliza de modo definitivo o provisionamento de recursos para pagamento do 13º salário dos funcionários.

Administrativamente, duas ações, dentre outras desenvolvidas em 2002, merecem destaques especiais: a primeira, foi a informatização completa do Clube; e a segunda, a criação de um Sistema de Contabilidade de Custos.

Na área jurídica, como já é do conhecimento de todos, demos início à retomada de bens do Clube (terreno do Morro do Chapéu Mangueira) no Leme com a ética e correção adequadas ao momento histórico pelo qual passamos como Nação.

Como grande notícia a nossos associados, a luz no *final do túnel* do empreendimento de Jacarepaguá (CHICAER), finalmente iluminou a trajetória do Clube de Aeronáutica.

Como já é do conhecimento de todos, o empreendimento citado vem, desde 1987, gradativamente, colocando o Clube de Aeronáutica em um beco sem saída. O problema tornou-se tão grave, no final de 2002, que a ameaça, subitamente, tornou-se uma realidade: fomos declarados insolventes em segunda instância. Estávamos ameaçados, na prática, por força da lei, de entregarmos a administração de nossa agremiação a terceiros (já nominados), com a finalidade de encerrar todas as atividades do Clube, transformar o nosso patrimônio em moeda corrente, através de leilões judiciais, e ressarcir os prejuízos causados aos





mutuários do empreendimento Jacarepaguá

Chegaria ao fim, dessa maneira, uma entidade da família da Aeronáutica brasileira, com uma existência e tradição de mais de cinquenta anos. O que fazer sem ter contado com a ajuda de, absolutamente, ninguém?

Porém, como afirma o imortal Paulo Coelho: “quando temos um sonho muito desejado o destino torna-se cúmplice da gente!”

Quis esse mesmo destino que o atual Presidente, apesar dos esforços, dedicação e perseverança dos que o antecederam, conseguisse retirar a ameaça que rondava a nossa agremiação há bastante tempo. Como último recurso, decidiu apelar para a Presidência da Câmara Cível do Estado do Rio de Janeiro, através de um Recurso Especial, solicitando que o processo de insolvência do Clube fosse apreciado pelo Supremo Tribunal de Justiça de nosso país.

Pois bem, no apagar das luzes de 2002, o Recurso Especial foi admitido e, conseqüentemente, o processo de insolvência, englobando

todos os processos existentes contra a CHICAER e o Clube de Aeronáutica, será, enviado, em meados de fevereiro, ao STJ.

Resolvido o problema? Claro que ainda não, porém ganhamos um tempo precioso para resolver, definitivamente, todo esse processo.

Torna-se imperioso aos sócios estarem cientes de que, apesar de todos os contratempos históricos pós-Jacarepaguá, até os dias de hoje, o nosso Clube continua vivo, pujante e cada vez melhor para seus associados, e assim vai continuar, pois a sua Diretoria tem a certeza que, com a coragem moral, a competência e o patrimônio atualmente disponível poderá equacionar de forma cabal essa *herança maldita* deixada por antigos administradores da CHICAER.

Ano novo, vida nova!

Feliz 2003 para todos nós!!!

Clube de Aeronáutica

Entrevista com o novo Comandante da

AERONÁUTICA

Ten.-Brig-do-Ar Luiz Carlos da Silva Bueno, campista do Rio de Janeiro, em 22 de fevereiro de 1940, é Aspirante de 61, casado, pai e avô.

Horas de vôo, condecorações, cargos e comissões, na posição ora ocupada, tornam-se meros simbolismos.

No particular, onde se faz presente seus desejos e medos, incertezas e ambições, poucos são os que o conhecem.

Porém, seu modo transparente de ser, faz com que sua universalidade de quase todos seja conhecida: aí repousa seu caráter amalgamado entre a família e a FAB e sua determinação do fazer bem feito; aí repousam demais substantivos e adjetivos que, de acordo com a época e interlocutor estarão a caracterizá-lo.

É uma pessoa íntegra.

A presença do Comandante, divulgando suas idéias e objetivos, e mostrando, com sua visão a médio e longo prazo, o caminho onde o diferencial pode ser alcançado, significa uma deferência especial para a Revista aeronáutica. Somos profundamente gratos.



RA - Seus planos de vida incluíam esta função?

CMT - Quando iniciei a caminhada, na Escola de Aeronáutica, no Campo dos Afonsos, o primeiro sonho era formar-me Oficial-Aviador. Ao longo dos anos, a cada cargo ou função exercida, os horizontes se ampliavam e os cargos de Comando, inicialmente tão distantes, foram sendo alcançados, paulatinamente, na ascensão funcional.

O sonho de contribuir e engrandecer a Força Aérea sempre esteve presente em mim e assim como em todos nós que amamos e servimos

“Na Força Aérea Brasileira, buscamos a continuidade administrativa...”

à Força. Estar Comandante foi, também, uma decorrência natural da carreira.

RA - Novo Presidente, novo Ministro, novo Comandante. O que esperar?

CMT - O povo clamou por mudanças no Governo, as quais, de certa forma, deverão atingir também toda a esfera militar. Na Força Aérea Brasileira, buscamos a continuidade administrativa, tentando aprimorar e colaborar com as idéias já postas em prática. Além disso, estamos prontos para apoiar os planos do Presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, e do Ministro da Defesa, José Viegas Filho. Com criatividade e a ajuda de todos, esperamos atingir novas metas que venham a engrandecer a Força Aérea e o Brasil, como um todo.

RA - Como Vossa Excelência encara o desafio dos “cofres vazios”?

CMT - A preservação da soberania de uma



“Cofres vazios é uma expressão inadequada, pois recursos existem.”

nação deve, no campo militar, ser suportada por Forças Armadas compatíveis com sua estrutura estratégica, em cujo âmbito se incluem as dimensões territoriais, compreendendo o Continente, o mar territorial e o espaço aéreo sobrejacente.

“Cofres vazios” é uma expressão inadequada, pois recursos existem. Não são os valores ideais para o melhor cumprimento de nossa missão, mas são suficientes para realizá-la de modo eficiente e satisfatório. Sabemos que os recursos devem ser otimizados e que devemos aplicá-los da melhor maneira. Temos que fazer nossos pilotos voarem, colocar nossas aeronaves em perfeito estado de uso e dar excelentes condições de trabalho e de vida aos nossos militares. A meta primordial do nosso Comando é uma Força Aérea, eficiente e eficaz, através de homens bem preparados e de boa vontade.

RA - Como consolidar uma Força Aérea equipada, confiante e confiável no cumprimento de sua missão básica?

CMT - Uma nação como um todo deve envolver-se nas atividades de defesa, levando-se em conta as disponibilidades de recursos e a construção de um modelo de desenvolvimento, compatibilizando prioridades nos campos políticos, social, econômico, militar e tecnológico.

A consolidação de uma Força Aérea equipada e confiável não se restringe apenas à excelência de seus equipamentos, mas, sobretudo, no enfoque ao homem, desde os bancos escolares, proporcionando-lhe condições para que a qualidade da sua formação conduza-o ao melhor emprego dos meios à sua disposição. Nesse sentido, defendemos a inten-

“A consolidação de uma Força Aérea equipada e confiável não se restringe apenas à excelência de seus equipamentos, mas, sobretudo, no enfoque ao homem...”

sificação na busca das qualidades morais e intelectuais como premissa da formação básica de nossos efetivos.

Para ser útil, o homem precisa de apoio e condições

de trabalho. Apoio significa um gerenciamento cuidadoso das áreas de saúde, intendência, administração de pessoal, aptidão física, assistência social e religiosa, além da orientação profissional. As condições de trabalho são dadas através de equipamentos modernos e em condições de serem utilizados. Assim, temos uma Força Aérea equipada, equilibrada, sadia, confiante e confiável, em que a missão básica venha a prevalecer naturalmente.

RA - A partir das notícias dos jornais, não há como não focar o adiamento do projeto FX. Vossa Excelência poderia fazer algum comentário?

CMT - A decisão não surpreendeu a Força Aérea Brasileira, pois os integrantes do Governo já haviam expressado suas prioridades para a área social, especificamente

“A medida não foi interpretada como uma ação contra os militares e nem um mau começo, mas como uma necessidade política, do Governo.”

para o combate à fome. A medida não foi interpretada como uma ação contra os militares e nem um mau começo, mas como uma necessidade política, do Governo. A boa vontade tem sido demonstrada desde o primeiro momento por todos que nos cercam. A compreensão de que um Brasil pujante necessita de Forças Armadas adequadas é a tônica. Temos que dizer em uníssono: - estamos trabalhando com o Governo e pelo Governo.

RA - Quais as considerações de V. Exa. sobre as dificuldades da aprovação da ANAC e a permanência do DAC na estrutura da Aeronáutica?

CMT - Não seria oportuno considerações sobre as dificuldades para a aprovação da ANAC, pelo fato



“... o DAC possui uma estrutura maior do que a da própria Força Aérea e pode seguir seu caminho de forma independente e eficiente.”

do Projeto de Lei que cria a Agência encontrar-se na esfera do Poder Legislativo. Entretanto, no que tange ao DAC, enquanto permanecer na estrutura do Comando da Aeronáutica, estaremos envidando esforços para continuar a manter e aperfeiçoar o patamar de eficiência e respeito que o sistema possui no mundo.

Vale ressaltar que o DAC, desde o início, foi organizado pela Aeronáutica. Por isso, tenho enorme respeito pelos homens que, no passado, fizeram com que a aviação civil, num país em desenvolvimento como o nosso, viesse a se tornar uma das mais eficientes e respeitadas do mundo. Hoje, completados mais de 60 anos de sua existência, o DAC possui uma estrutura maior do que a da própria Força Aérea e pode seguir seu caminho de forma independente e eficiente. Com uma possível desvinculação do DAC, a Aeronáutica seria apenas a Força Aérea Brasileira, que voltaria toda a sua atenção ao cumprimento de sua missão: a defesa da soberania do País.

RA - Diariamente a reforma previdenciária tem sido alvo de reportagens na imprensa. O que o senhor pode dizer sobre o assunto, em relação aos militares?

CMT - O assunto previdência será ainda objeto de amplos estudos e debates, tanto no âmbito do Ministério da Defesa, com a efetiva participação de representantes das Forças Armadas, quanto junto aos diversos setores do Governo. Seja qual for a sistemática a adotar em relação ao sistema previdenciário dos militares, os direitos adquiridos por aqueles que já atendem às condições de ingresso na inatividade serão preservados. Será necessário, também, um processo de transição que considere o tempo de serviço já acumulado daqueles que ainda não completaram os requisitos para a transferência para a reserva. A possível criação de planos de previdência complementar será objeto de estudos con-

juntos do Ministério da Defesa e das Forças Armadas, para aqueles que ingressarem após as alterações que, talvez, sejam necessárias. Ao contrário do que está sendo divulgado pela mídia, os militares não têm privilégios, mas direitos consagrados no ordenamento jurídico em vigor.

RA - Dentro do Programa de Fortalecimento do Controle do Espaço Aéreo Brasileiro, os projetos aprovados no Governo anterior terão continuidade?

CMT - Sim, todos os projetos aprovados no Governo anterior serão mantidos. Dos sete projetos que fazem parte do Programa de Fortalecimento do Controle do Espaço Aéreo Brasileiro, apenas o projeto F-X está adiado, como você mesmo citou. Os outros seis foram aprovados e já estão sendo conduzidos pelo Subdepartamento de Programas e Projetos do Departamento de Pesquisas e Desenvolvimento.

O primeiro é o Projeto AM-X. Os A-1 da FAB serão modernizados, aumentando sua vida útil para mais 20 anos. Com isso, os A-1 vão alcançar maior eficiência no teatro de operações, sendo capazes de atacar e se defender simultaneamente. O segundo, o Projeto P-3 Orion, prevê a modernização de todo o sistema operacional e bélico de nove aeronaves P-3 Orion, adquiridas em 2000. Esses aviões vão operar no teatro marítimo, realizando missões de patrulha marítima e guerra anti-submarino nos 8.000 km da costa brasileira.

Outro projeto é o AL-X, que prevê a aquisição de 76 A-29, aeronaves leves de ataque, para atender à demanda criada pelo Sistema de Vigilância da Amazônia (SIVAM). O quarto, o Projeto CL-X, refere-se à aeronave leve de transporte que vai substituir os atuais C-115 Búfalo, com desativação prevista para o ano de 2005. Para tanto, serão adquiridas 12 aeronaves, com vida útil de 30 anos.

Há também o Projeto CH-X, de helicóptero de grande porte. Ele prevê a aquisição de quatro aereo-

naves, com capacidade mínima de carga de 8.300 quilos, bimotor ou trimotor, fuselagem com porta

Ao contrário do que está sendo divulgado pela mídia, os militares não têm privilégios, mas direitos consagrados no ordenamento jurídico em vigor.



e rampa de carga traseira. Por último, há os projetos que envolvem os F-5: o F-5BR e o F-5 E/F. No F-5 BR, serão feitos “upgrade” nas 54 aeronaves, sendo que os primeiros aviões começarão a ser entregues pela EMBRAER ao final de 2004. Já no F-5 E/F, a FAB vai adquirir outras 16 aeronaves, além das já existentes. Essa aquisição vai permitir que o 1º Esquadrão do 4º Grupo de Aviação (1º/4º GAV), da Base Aérea de Natal, também opere esses caças, somando-se ao 1º Grupo de Aviação de Caça e ao 1º Esquadrão do 14º Grupo de Aviação (1º/14º GAV). Com isso, os F-5 se tornarão a base da aviação de caça, aumentando a capacidade operacional da Força e atualizando os meios de treinamento.

Com isso, os F-5 se tornarão a base da aviação de caça, aumentando a capacidade operacional da Força e atualizando os meios de treinamento.

RA - Como a Força Aérea Brasileira pode contribuir com os programas do Governo na área social?

CMT - A Força Aérea Brasileira possui um aspecto ímpar: suas aeronaves podem chegar a localidades de difícil acesso e transportar grandes quantidades de carga. Por isso, desde a sua criação, a Força Aérea realizou ações de grande importância social, contribuindo com meios materiais e humanos para o desenvolvimento do nosso país. São várias ações de apoio direto e indireto à nossa sociedade: as Missões de Misericórdia, levando assistência médica a comunidades em diferentes locais do país; o trabalho do Correio Aéreo Nacional, unindo localidades isoladas, principalmente na Região Amazônica, e contribuindo para a integração nacional; o apoio às comunidades indígenas e à FUNAI; a participação no Projeto RONDON, com o transporte de universitários; o transporte de urnas eleitorais, nas eleições nacionais; o apoio no

resgate e transporte de pessoal e material em locais de calamidade pública; o apoio da FAB ao Projeto Calha Norte de ocupação da Amazônia e levantamento topográfico da Amazônia; no Projeto RADAM, levantamento de dados pelas aeronaves R-99 do 2º/6º GAV; e resgate às tripulações e passageiros acidentados com as nossas missões de busca e salvamento; a construção da infra-estrutura aeroportuária na

Região Norte e, entre outras, o auxílio em ações de vacinação do Ministério da Saúde e em campanhas epidêmicas na pecuária do Ministério da Agricultura; as missões de resgate de naufragos e embarcações em perigo; as missões SAR no Atlântico Sul.

Além disso, há o trabalho feito nas Unidades, as ações cívico-sociais que propiciam à comunidade acesso à saúde, à educação, ao esporte e ao lazer, com o objetivo de resgatar a cidadania das pessoas mais carentes; e projetos de assistência à criança e ao adolescente. Especificamente sobre os adolescentes, recordo-me que, quando Comandante da Base Aérea do Galeão, criei o projeto Pró-Menor, cujo objetivo é dar aos jovens a oportunidade de abraçar uma carreira técnica, promovendo a iniciação profissional. Esse projeto foi tão bem sucedido que se espalhou por várias Unidades da Aeronáutica e pelo País, como a Base Aérea de Recife, Base Aérea de Santa Maria e os Parques de Material Aeronáutico, em suas escolinhas e muitas outras Unidades.

Há muitas escolas apenas a Unidades da Força e que contribuem, sobremaneira, para o ensino no Brasil: Escola Jenny Gomes, junto à Base Aérea de Fortaleza; Escola Coronel Bertier, junto à Base Aérea de Santa Cruz; creche, no Sexto Comando Aéreo Regional; Colégio Newton Braga, no Terceiro Comando Aéreo Regional; Escola Rego Barros, em Belém e um grande número de outras.



“Esse projeto foi tão bem sucedido que se espalhou por várias Unidades da Aeronáutica e pelo País...”



Uma Crônica de Final

“Importante mesmo é que o quarto ficou limpo para novas encenações...”

Há muitos anos criei o hábito de programar para o mês de dezembro a leitura ou releitura de algum clássico da filosofia, uma forma de preservação espiritual e, ao mesmo tempo, uma ajuda para escapar da banalização bestializante do *merchandising* de época. Venho cumprindo razoavelmente bem esta rotina, ao contrário de tantas outras promessas nunca cumpridas do tipo: aprender alemão, perder peso, não aumentar a pressão arterial diante dos avanços da corrupção explícita, conhecer a Casa Gerontológica da Aeronáutica, e tentar conviver mais pacificamente com níveis aceitáveis de incompetência e intolerância.

Especificamente neste ano, antevendo um ritmo de ação alucinante, já em agosto decidi pela releitura de Ortega y Gasset, provavelmente um dos dez maiores pensadores do século passado (o XX), e que já há algum tempo não frequentava minha consciência lógica. Reuni três ou quatro livros de Ortega à espera de dezembro, enquanto prossegui mergulhando no brutal universo de contradições, incertezas, urgências e emergências que caracterizam a operacionalidade de uma Força Aérea garroteada economicamente, e que não consegue saber exatamente quanto de recursos disporá na próxima semana, mas, enquanto isso, tem que socorrer naufragos a mil milhas do

litoral, tem que, de alguma forma, tentar conter ou, pelo menos, dificultar a invasão diária das esquadrilhas de traficantes de drogas, armas e bandidos de toda espécie, tem que ajudar nos incêndios florestais, nas calamidades amazônicas, tem que vacinar crianças onde só se chega de helicóptero, tem que suportar com transporte aéreo a grande estrutura terrestre de vigilância de nossa fronteira, tem de transportar autoridades, feridos, presos, índios, alunos, cargas que variam de semente de feijão a geradores elétricos e gasolina. Mas, também, tem que estar treinada e preparada para manter sua função dissuasória básica e se engajar com absoluta segurança em operações reais e de risco com outras instituições militares ou não.

Junto com a frenética atividade no Quartel-General do COMGAR e em Comandos subordinados, sobretudo com a decisão de realizar o grande exercício OPERAER 02, destinado a fazer saber, *a quem interessar passa*, que neste país ainda existe vontade de mantê-lo livre e soberano, tivemos a grande eleição nacional.

Para mim, foi inevitável associar negativamente as agruras da Força Aérea, em dificuldades para socorrer crianças, com as imagens, ao vivo, dos radares mostrando os narcotraficantes entrando em nosso espaço aéreo. Não foi possível compreender o porquê de tanta ineficácia no combate ao crime organizado e toda sua descendência de brutalidade, de violação

“Para mim, foi inevitável associar tudo isto à grande eleição nacional e ao sonho por alguma coisa melhor...”



de Ano e Época



Ten.-Brig.-do-Ar José Carlos Pereira
Comandante-Geral-do-Ar

“...nunca havia observado o turbilhão do humano em tão pouco tempo e com tamanha intensidade.”

dos direitos humanos dos honestos, quando seria possível, rigorosamente dentro da lei, a custo baixíssimo e por meio de simples entendimentos burocráticos, colocar de joelhos as estruturas criminosas que a cada dia minam os valores e a juventude do país, estruturas que já colocaram suas metástases nas partes mais elevadas e nobres do organismo nacional.

Para mim, foi inevitável associar tudo isto à grande eleição nacional e ao sonho por alguma coisa melhor, por alguma coisa que valorizasse a defesa e a soberania da nação, que se opusesse decididamente à destruição dos valores da sociedade, que pensasse e agisse na defesa dos realmente excluídos, que tivesse menos rancor no coração, que odiasse menos a profissão militar.

Conversei com muitos amigos sobre minhas ansiedades e ouvi palavras de completa concordância, sempre, porém, acompanhadas de pesadas ressalvas sobre o constitucional papel dos militares. Algumas vezes, até senti minha inteligência agredida por certos conselhos. O fato é que, desde então, venho presenciando um fantástico desfile do que os seres humanos têm de mais nobre e de mais baixo. Nenhuma novidade, nada que já não tenha visto em meus 60

anos de idade e 43 de serviço ativo, porém nunca havia observado o turbilhão do humano em tão pouco tempo e com tamanha intensidade. O desespero de muitos, como aquelas cenas para embarcar em um escaler do *Titanic*, a súbita transformação de indiferentes e até inimigos em ardorosos fãs há muito reconhecedores de nossas idéias. O ódio daqueles que sabem ter tido suas trajetórias corruptas interrompidas, pelo menos temporariamente, o pânico da perda de vantagens e oportunidades para sugar a já diminuta disponibilidade financeira do Estado.

Em meio a todos os esforços, decidi antecipar a reeleitura de Ortega, mesmo reduzindo ainda mais minhas horas de sono e contrariando os conselhos de minha cardiologista.

Pois foi lá, em um fragmento da *Desumanização da Arte*, que encontrei uma imagem espelhada do que vivia e sentia. Ortega descreve uma imagem onde, em um quarto, sobre uma cama, um homem ilustre agoniza. No mesmo quarto encontram-se mais quatro pessoas: a esposa do moribundo, um médico, um jornalista e um pintor. O ponto comum a todos é o homem morrendo. A exuberante visão fenomenológica de Ortega mostra as distâncias espirituais e morais de cada pessoa diante do mesmo fato e no mesmo ambiente físico.

Para a esposa, a distância é quase nula, pelo tormento e pela dor. De fato, ela não assiste à cena, ela

“Sinto-me feliz de ainda ser capaz de aprender e reconhecer a instalação de uma síndrome.”

tem uma angústia profunda, mas um interesse importante que gira em torno de riscos, responsabilidades e prestígio profissional. Atua na cena por obrigação do ofício e tenta modificar um destino não modificável, assumindo o risco de ser responsabilizado por algo que não controla.

O jornalista, ao contrário da mulher e do médico, não tem o menor interesse em modificar a cena ou os destinos. Seu dever o obriga a evitar qualquer aproximação sentimental, para permanecer isento e capaz de relatar os fatos a seus leitores de forma tão vívida quanto possível. A dor da mulher ou o resultado do trabalho médico são importantes apenas como *a notícia*. Ele finge emoção para reforçar sua capacidade literária e chegar mais perto da cama.

O pintor, substituível pela figura moderna do fotógrafo ou operador de câmera, ao contrário de todos os outros, nada tem a ver com os sentimentos presentes. Sua atitude é contemplativa, técnica, sua observação é de textura; são valores cromáticos, luzes, sombras, cores, movimentos. Para ele, só existem o exterior e seus significados plásticos. De forma magistralmente simples, Ortega nos fala de uma escala de distanciamento espiritual que vai da *realidade vivida* até a *realidade contemplada*.

Confesso que a releitura do quarto do moribundo de Ortega mexeu com alguns dos meus referenciais

é parte de sua própria essência.

O médico também está profundamente envolvido, mas por meio de sua periferia técnica. Não

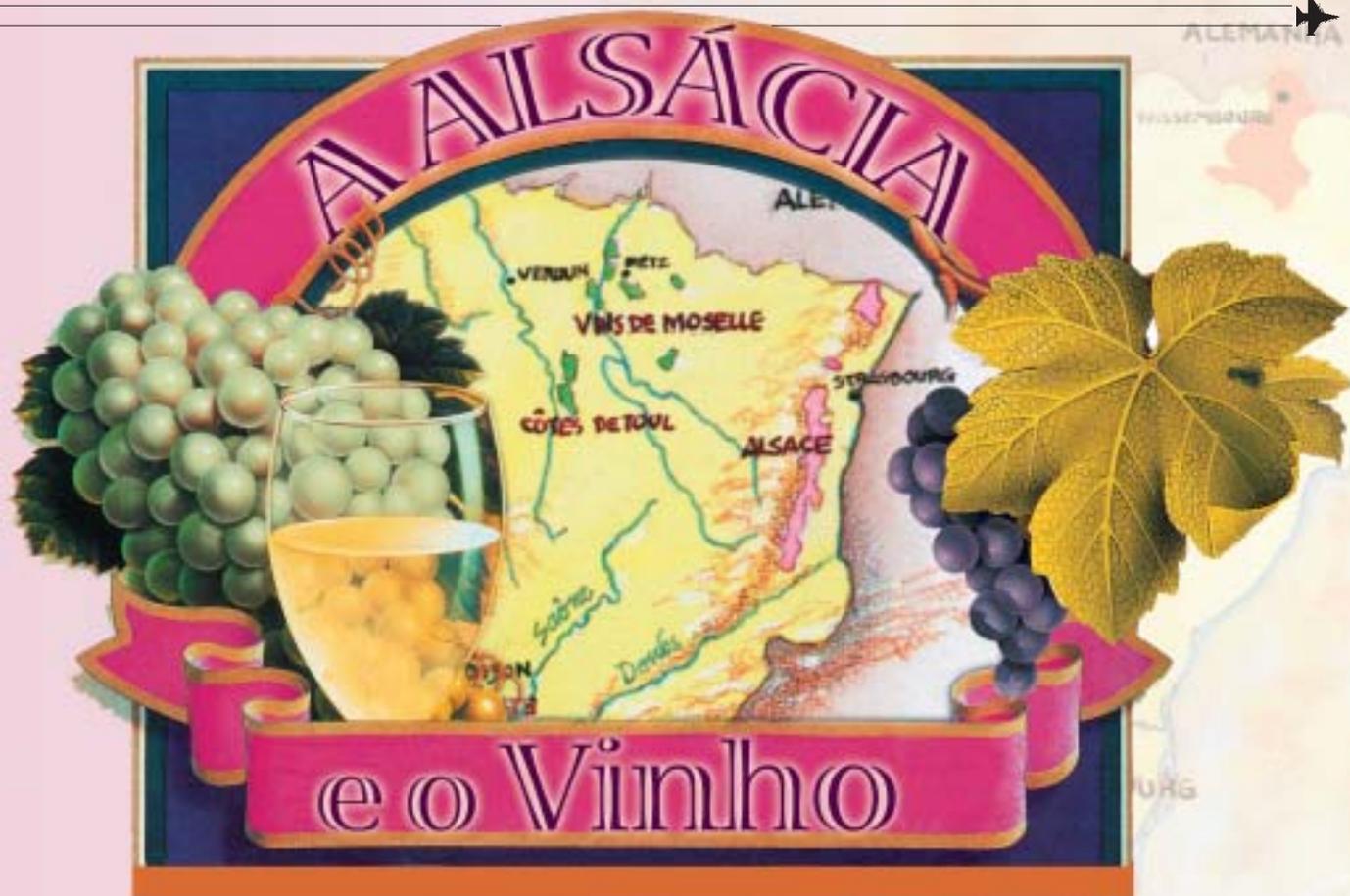
desde agosto até estas vésperas do Natal. Para sorte minha, em um vôo longo, estive em companhia da *muralha do hábito* de Max Weber, e só então percebi ser vítima de alguma *síndrome de precariedade*, ou seja, de tanto sobreviver ao precário, termina-se assimilando o quarto do moribundo.

Sinto-me feliz de ainda ser capaz de aprender e reconhecer a instalação de uma síndrome. De fato, Weber obrigou-me a voltar aos meus referenciais e abrir mil possibilidades de análise, alternando o moribundo e todos os seus personagens.

Tenho feito alguns exercícios, em que o moribundo às vezes aparece como o Brasil, às vezes como a ANAC, sonho em vê-lo como o crime organizado, ou a miséria de grande parte do povo brasileiro.

Cada leitor pode fazer suas próprias encenações e dirigir seu próprio espetáculo mental. De minha parte, voltei a dormir minhas seis horas diárias, com a enorme certeza de que todo o sacrifício, toda a boçalidade que presenciei nesses últimos tempos, todas as ameaças veladas e minha privacidade atingida, que tudo valeu a pena. Meu moribundo preferido morreu. A esposa casou-se três dias depois com o fotógrafo. O médico foi contaminado pela doença do moribundo e morreu logo em seguida. A matéria elaborada pelo jornalista foi considerada sem valor e jogada no lixo pelo editor do jornal.

Importante mesmo é que o quarto ficou limpo para novas encenações, que não sejam do Ortega. Para mim, valeu a pena. Tenho certeza que vai dar certo e que se danem os inimigos. ✈



Luiz Adonis B. Pinheiro
Cel. An.

No verão brasileiro é recomendável que se dê prioridade aos vinhos brancos.

De preferência vinhos brancos de grande frescor, aromas exuberantes e muito prazerosos quando os degustamos, como por exemplo, os vinhos da Alsácia (França).

Os vinhedos da Alsácia cobrem uma área de cerca de 120 km de extensão por dois a quatro quilômetros de largura, que vão de Marlenheim, ao norte, a Thann, no sul. Vilas e cidades charmosas se comprimem neste espaço tão longilíneo quanto suas garrafas, nos contrafortes dos Vosges, algumas conservando belos conjuntos de edificações do século XV, como Riquewihr.

Esta região, devido a sua proximidade com o Reno, na fronteira com a Alemanha, foi palco de uma série de conflitos que a levou a mudar de nacionalidade várias vezes.

Por trás de um bom vinho ou de uma região vinícola, além dos prazeres de uma boa mesa e de uma conversa inteligente, existe toda

uma cultura histórica envolvendo a região em destaque.

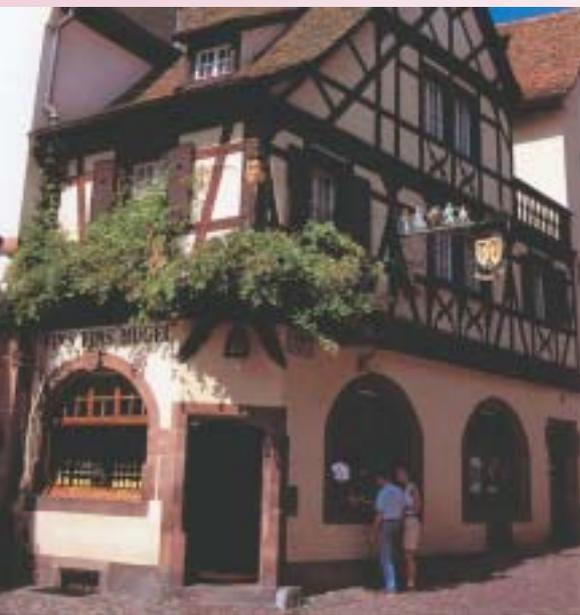
No caso da Alsácia, podemos tranquilamente fazer um breve passeio histórico desde Carlos Magno até os dias de hoje.

Carlos Magno (742-814)

Carlos Magno, filho de Pepino, o Breve, nasceu amparado pela dinastia carolíngia, quando seu pai estabeleceu em Aachen, na Alemanha, um reino unido e decididamente cristão.

Carlos Magno acrescentou toda a Alemanha aos domínios francos, conquistando os saxões e estendendo suas fronteiras para o leste desde a Renânia até a Baviera, transpôs os Alpes e cruzou os Pirineus, ampliando o Sacro Império Romano-Germânico, do qual o Papa Leão III o coroou imperador em Roma, no Natal de 800.

A Alsácia de hoje já fazia parte desse império dos francos e já era disputada.



Caves Hugel, em Riquewihr, um edifício alsaciano parcialmente construído em madeira.

Guerra dos Trinta Anos (1618-1648)

No Sacro Império Romano-Germânico de Carlos de Habsburgo (1519-1556), conhecido como Carlos V, e na Espanha como o rei Carlos I, teve grandes dificuldades com o avanço da Reforma de Lutero na Alemanha, tendo que tolerar o luteranismo, limitando sua expansão através da Paz de Augsburgo (1555).

No início do século XVII, o Sacro Império tinha seus territórios ligados sob a Coroa imperial, controlado pela dinastia dos Habsburgo.

Apesar de a Paz de Augsburgo ter consolidado a separação religiosa entre católicos e protestantes alemães, os conflitos entre essas duas facções prosseguiram.

A situação se agravou quando, por influência da Contra-Reforma, os Habsburgo austríacos iniciaram um amplo movimento no sentido de expandir a fé romana dentro do Sacro Império, utilizando-a como instrumento de unificação política.

Assim, o confronto, inicialmente religioso, adquiriu conotações políticas que culminaram com a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), envolvendo a maioria dos países europeus pela disputa hegemônica da Europa.

Domaine Zind-Humbrecht – Muscat Herrenweg 96.

Com a participação direta da França, os exércitos imperiais foram derrotados (Paz de Westfália – 1648), confirmando a Paz de Augsburgo e assegurando a liberdade religiosa.

Com isso a França obteve a Alsácia e a Lorena, permanecendo entretanto como terra imperial. Somente com Luís XIV a região tornou-se oficialmente francesa em 1678 (Tratado de Nimegue).

Guerra Franco-Prussiana (1870-1871)

No império de Carlos Luís Napoleão Bonaparte (Napoleão III), adepto do livre comércio e do pensamento liberal, conviviam luxo e miséria, elegância e corrupção. Em 1868, outra Exposição Universal, realizada em Paris, celebrou o triunfo do comércio. Em 1869, inaugurou-se o Canal de Suez, concebido pelos franceses. E no ano seguinte (1870), tomado por uma *folie de grandeur*, o imperador decidiu medir forças com a Prússia de Bismarck. Foi a guerra mais curta e mais ingloriosa da França. Ao cabo de algumas semanas, os prussianos estavam sitiando Paris e só se retiraram mediante o pagamento de 1.460 toneladas de ouro e a transferência das sofredoras Alsácia e Lorena para a Alemanha.

Primeira Grande Guerra (1914-1918)

Em 1875, Bismarck, com sua política férrea, quis novamente se precipitar sobre a França, que foi então salva pela Rússia de Alexandre II.

Bismarck tratou então de formar a *Tríplice Aliança* com Áustria-Hungria e Itália.

Por outro lado, a França aliou-se aos russos em oposição à Tríplice Aliança (1893). E mais tarde, em 1901, com a morte da Rainha Vitória, Eduardo VII ascenderia ao trono inglês, possibilitando a formação da *Tríplice Entente*, como era chamado o agrupamento de potências em oposição à Tríplice Aliança.

Dividida a Europa em dois campos opostos e nítidos, começou a batalha

diplomática, marcada por uma série de acontecimentos com destaque para o caso da Bósnia e da Herzegovina, violentamente anexadas pela Áustria-Hungria, em 1909.

Até que, em 28 de junho de 1914, em Sarajevo, um jovem bósnio de nome *Princip* matou a tiros de revólver o herdeiro da coroa imperial da Áustria-Hungria, o Arquiduque Francisco Ferdinando de Habsburgo, sobrinho do imperador Francisco José. O inquérito evidenciou a participação de oficiais e funcionários sérvios, ainda que não houvesse o menor traço de participação do governo sérvio.

A 28 de julho, a Áustria-Hungria cortou com a Sérvia as suas relações diplomáticas, declarando-lhe guerra.

A Rússia aliou-se à Sérvia e começou a mobilizar as suas tropas nas fronteiras austro-húngaras. A Alemanha declarou guerra à Rússia, e a França se mobilizou. Em agosto de 1914, a Alemanha invadiu a Bélgica e declarou guerra à França. Logo em seguida, a Inglaterra interveio do lado da França e da Rússia, declarando guerra à Alemanha.

A Rússia, já sob a direção de Kerenski, retirou-se da luta contra os impérios centrais, em 1917.

Em 1918, já contando com a participação dos Estados Unidos, quando o Marechal Foch e seus aliados se preparavam para dar a avançada final sobre a Alemanha, esta pediu a paz, a qual foi assinada no Castelo de Versalhes, no mesmo salão em que a França, vencida em 1871, tivera de se humilhar ante a Alemanha vencedora.

Entre as principais disposições do Tratado de Versalhes, de 28 de junho de 1919, a Alemanha devia devolver a Alsácia-Lorena à França.

Segunda Grande Guerra (1940-1945)

Conflito universal que se iniciou com a invasão alemã da Polônia a 1º de setembro de 1939. Três dias depois, Inglaterra e França declararam guerra ao *Führer*.

Na Alsácia, os Hugel cancelaram imediatamente a festa de comemoração de 300 anos como vinicultores.

Sem esperar a conclusão da Campanha da

Noruega, e sem aviso prévio, a 10 de maio de 1940, as tropas de Hitler invadiram a Holanda e a Bélgica, procurando atacar a França pelo norte (Retirada de Dunquerque). O rápido ataque nazista obteve o resultado esperado, penetrando seu exército pelo território francês sem tocar sequer na Linha Maginot. A 14 de junho, os alemães tomaram Paris e um grupo de políticos e oficiais franceses de tendências fascistas constituiu um novo governo (colaboracionista), sob a chefia do Marechal Pétain (República de Vichy).

A 21 de junho de 1940, foi assinado o armistício entre a França dominada e a Alemanha. Por determinação do *Führer*, o encontro realizou-se em Compiègne, no mesmo vagão ferroviário em que o Marechal Foch tinha ditado aos alemães os termos do armistício de 11 de novembro de 1918.

Não houve menção da Alsácia no acordo de armistício. A região foi imediatamente anexada no dia 7 de agosto de 1940. Tudo que era francês foi proscrito. As placas nas ruas foram trocadas por outras em alemão. Hugel et Fils tornou-se *Hugel und Söhne* e o uso de boinas foi proibido. Um simples *bonjour* passou a ser perigoso!

Entre os que testemunharam cada uma dessas mudanças estavam os Hugel de Riquewihr, uma família estabelecida na Alsácia desde 1639. “Somos especialistas em guerra e vinho”, diz Johnny Hugel.

Cerca de 40.000 jovens alsacianos foram mortos lutando no exército alemão, a maioria deles na Rússia.

A Alsácia, próximo ao final da guerra, foi a última parte da França a ser libertada. No dia 5 de dezembro de 1944, as ruas de Riquewihr estavam cheias de texanos da 36ª Divisão de





Infantaria, com quartel-general em San Antonio (EUA). A Alsácia voltou a ser francesa.

Entre 1870 e 1945, a região mudou de mãos quatro vezes, passando da França para a Alemanha, para a França, para a Alemanha e de volta para a França. A festa dos 300 anos, que os Hugel tiveram que cancelar em 1939 por causa da guerra, foi substituída em 1989 com a celebração do 350º aniversário. Nesse evento, foram degustados alguns dos mais excelentes vinhos da adega dos Hugel. Entre eles estava o *Gewürztraminer Sélection des Grains Nobles* de 1945, um vinho de extraordinária doçura, complexidade e concentração.

Para quem aprecia vinhos e tiver a oportunidade de ir a Alsácia, recomendo que siga a *route des vins* onde se pode visitar suas belas vilas, seus vinhedos e fazer degustações. Além de excelentes restaurantes, pode-se visitar as pequenas tabernas de vinhos (*Weinstubs*) que são bastante interessantes.

Imperdíveis de se visitar na Alsácia são as cidades de Colmar, com seus canais, que lhe valeram o nome de *Petit Venise* e Riquewihr, com suas casas (em enxaimel com suas traves de madeira) da época da Idade Média, uma das poucas remanescentes das chamadas *Winzerdorf* (Aldeias Vinícolas).

Ao redor de Colmar está a maior concentração de estrelas *per capita* do Guia Michelin em toda a França. São treze estrelas distribuídas por onze restaurantes, numa área de apenas 20 quilômetros de diâmetro em torno da cidade. A propósito, foi em Colmar que nasceu Frederic Bartholdi, escultor da Estátua da Liberdade, em Nova Iorque. Voltaire, em 1752, chegou a morar em Colmar.

A Alsácia é a única região da França onde os vinhos foram tradicionalmente batizados com o nome das castas que os

compõem, em lugar de aldeias (caso da Borgonha) ou de propriedade (caso de Bordeaux).

Outra particularidade dos vinhos da Alsácia é a existência de uma designação regional de origem dominante – AC Alsace – Tal como em Champagne ou em Cognac.

A rigor só existem três *Appellations Controlées*: Alsace, Alsace Grand Cru e Alsace Crémant.

As *cepages* são os verdadeiros nomes dos vinhos. Por exemplo: Alsace Riesling, Alsace Gewürztraminer, Alsace Muscat etc.

Das uvas utilizadas na Alsácia, o destaque vai somente para quatro castas: Riesling, Gewürztraminer, Tokay (ou Pinot Gris) e Muscat, consideradas as mais nobres e que podem fazer os *Grand Crus*.

O vinho Crémant d'Alsace é um espumante feito pelo método *Champenoise* (segunda fermentação na garrafa), nas versões branco e rosé elaborado essencialmente com Pinot Blanc, Riesling e Pinot Noir.

Além dos vinhos *Appellations Controlées* citados acima, existem os chamados vinhos de sobremesa: o *Vendange Tardive*, feito com uvas supermaduras, deixadas no pé após o tempo normal de colheita, para que o açúcar se concentre, e o *Sélection des Grains Nobles* feito com uvas deixadas no pé e atacadas pela *botrytis cinerea* (a podridão nobre), o que só acontece em anos excepcionais.

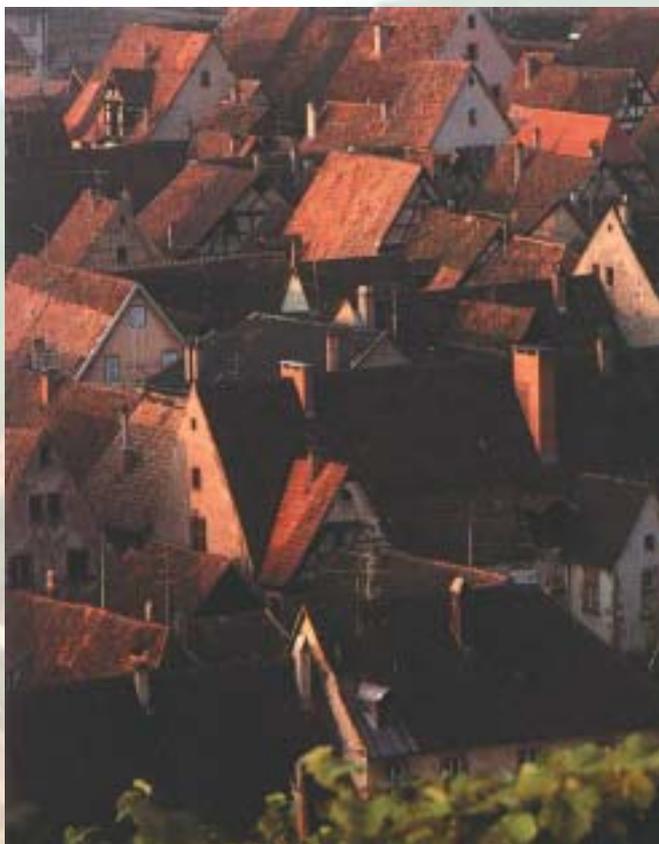
Uma atenção especial deve ser dada quando o rótulo menciona a palavra *Edelzwicker* (mistura nobre); não se trata de uma *cepage*, mas de uma mistura de uvas. Recomendo os varietais de cepas nobres.

Os grandes produtores que se destacam na região são os seculares Hugel et Fils, Domaine Schlumberger, Domaine Zind-Humbrecht, Marcel Deiss, Trimbach, Clos de la Hume, Cuvée Frédéric Emile Kuentz – Bals, Willm,

Loccis Sipp, Kreydenweiss, Albrecht etc.

Os vinhos da Alsácia, de maneira geral, além de lembrar o co-





Situada no sudeste oriental dos Vosges, na Alsácia, Riquewihr e uma das aldeias vinícolas medievais que melhor se preservaram.

meço de uma refeição, como aperitivos, são grandes companheiros de peixes, frutos do mar, carnes brancas e naturalmente dos frios largamente feitos na região, e que entram em seu prato mais conhecido, o chucrute alsaciano. A seguir, alguns comentários quanto às características típicas das castas nobres da Alsácia e sugestões que levam a harmonia à mesa:

Gewürztraminer

Em alemão, *gewürz* significa *especiaria*, justificando porque são apontados aromas de gengibre e canela.

Gewürztraminer é um vinho extremamente perfumado, com destaque para os aromas florais (rosa e gerânio) e frutados (lichia). Entre os brancos é um vinho que se apresenta mais escuro devido à forte pigmentação da variedade.

Harmonizam com carnes brancas grelhadas, *foie gras d'Alsace*, pratos com especiarias exóticas, presunto, queijos de sabor forte (tipo Munster ou azuis), sobremesas não muito açu-

caradas e charutos. Podem ser servidos também como aperitivos.

Riesling

É um vinho frutado, com toques de mel e, muitas vezes com um forte aroma mineral (conhecido como *goût de pétrole*).

Acompanha bem frios, chucrute (*choucroute garnie à l'alsacienne*), truta ou frango com molho do vinho (o clássico *coq au riesling*), frutos do mar e crustáceos, peixes (principalmente o linguado grelhado ou *à la meunière*) e carnes brancas grelhadas.

Pinot Gris

Tokay-Pinot Gris ou Tokay d'Alsace tem uma cor carregada, é encorpado, com bom extrato, acidez moderada, aromas lembrando frutas e mel, e um pouco oleoso na boca.

Acompanha bem *foie gras d'Alsace*, carnes brancas grelhadas, frios de qualidade, aves, arenque, peixes em molhos mais densos e queijos adocicados.

Muscat

Vinhos com aromas de uva fresca. Servido principalmente como aperitivo, podendo acompanhar algumas entradas com presunto ou aspargos. Muito usado ainda com uma especialidade local: o *kugelhopf* – espécie de pão recheado com passas ou groselhas e amêndoas e coberto com açúcar.

Crémant d'Alsace

São espumantes brancos ou rosé, frescos e frutados. Sugiro que seja degustado apenas como um bom aperitivo.

Ao final de uma refeição harmonizada com os vinhos da Alsácia, o mais indicado é que se deguste os chamados vinhos de sobremesa.

Para aqueles que não apreciam a doçura dos vinhos de sobremesa, a região também é produtora de diversos aguardentes (digestivos) como o *kirsch* de cerejas a *mirabelle* ou de ameixas amarelas, e o *quitsche*, de ameixas azuis, entre outros.

No mais, só posso desejar que tenham um ótimo verão 2003!





Carlos Ilich Santos Azambuja
Historiador

ECHELON

... utilizado para conter, e eventualmente derrotar o Império Soviético durante a Guerra Fria...

Emulando o *Grande Irmão*, criado por George Orwell no livro *1984*, os EUA possuem uma rede de espionagem de comunicações mundial operada juntamente com a Inglaterra, Canadá, Austrália e Nova Zelândia. O sistema, denominado *ECHELON*, foi criado em 1948, durante a Guerra Fria, e vem sendo continuamente aperfeiçoado.

O que se sabe sobre o *ECHELON* é o resultado do esforço de jornalistas e investigadores em todo o mundo, que trabalharam durante décadas buscando dados sobre os

"...para lutar contra o terror, o ECHELON é uma arma imprescindível."

programas mais secretos do governo dos EUA. Um dos resultados dessa investigação é o livro do jornalista neozelandês Nicky Hager – *Secret Power: New Zealand's Role in the International Spy Network* – cujo conteúdo é um relato pormenorizado sobre o tema.

Em 5 de setembro de 2001, o Parlamento Europeu aprovou uma Resolução denunciando essa rede global de espionagem e recomendando a seus cidadãos que codificassem suas comunicações. Essa denúncia, evidentemente, caiu no vazio, pois apenas seis dias depois foi realizado o ataque da AL-QAEDA contra as torres gêmeas em Nova York, e todos os países da União Européia se uniram aos EUA na guerra contra o terrorismo promovida pelo Presidente Bush. E, para lutar contra o terror, o *ECHELON* é uma arma imprescindível.

Ao final da Segunda Guerra Mundial – mais precisamente em 1948 – os EUA e a Inglaterra firmaram um Tratado que ficou conhecido como o *Pacto UKUSA* (United Kingdom-United States of America). Posteriormente uniram-se a esse Pacto o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia.

A constituição do *UKUSA* apenas deu continuidade ao total acordo de cooperação entre EUA e Inglaterra em matéria de espionagem que, durante a Segunda Guerra, os levou a compartilhar os êxitos alcançados com a decodificação dos códigos nazistas e japoneses.





A Rede de Espionagem Global

Na verdade, o projeto *ECHELON* foi plenamente desenvolvido na década de 70, quando foram lançados os primeiros satélites comerciais destinados a comunicações civis.

O *ECHELON*, através de estações de interceptação posicionadas por todo o mundo, capta todo o tráfego de comunicações via satélite, microondas, celulares e por fibras óticas. Essa informação captada é processada através dos computadores da Agência de Segurança Nacional (NSA) dos EUA, que inclui sofisticados programas de reconhecimento de voz e reconhecimento de caráter ótico, através dos quais é efetuada a pesquisa de palavras ou frases em código, pelo sistema conhecido como *Dicionário ECHELON*, que leva os computadores a assinalarem as mensagens a serem gravadas e transcritas para uma futura análise.

A NSA, com sede no Fort George Mead, localizado nas proximidades de Washington, é a maior empregadora global de matemáticos, os quais compõem as melhores equipes de criadores e decifradores de códigos jamais reunidas. O trabalho dessas equipes é decifrar os códigos de comunicações internas e estrangeiras, enviando as mensagens decodificadas a uma também enorme equipe de hábeis lingüistas para serem analisadas em cerca de cem idiomas.

Sabe-se, todavia, que o *ECHELON*, após a Guerra Fria, passou a ser utilizado para objetivos outros além de sua missão original, como as espionagens política e industrial em lance mundial.

Esses *objetivos outros* foram definidos após o desmantelamento do socialismo, na ex-União Soviética e na Europa do Leste, com a procura, pelos órgãos de Inteligência dos EUA e seus parceiros no *ECHELON*, de uma nova justificativa que protegesse suas atividades, mantivesse sua importância e os seus avultados orçamentos. A solução encontrada foi incluir como *objetivos outros* as preocupações econômicas, comerciais e empresariais. Nesse sentido, foi criado dentro do Departamento de Comércio dos EUA o Gabinete de Ligação de Informações, que canaliza para as grandes empresas



norte-americanas os materiais interceptados. Na maioria dos casos, os beneficiários desse esforço de espionagem comercial são as próprias empresas que ajudaram a NSA a desenvolver os sistemas que compõem a rede *ECHELON* e que, muitas vezes, são a fonte de vultosas contribuições em dinheiro aos dois principais partidos políticos dos EUA. Poder-se-ia dizer ser essa uma relação incestuosa. Entre essas empresas são apontadas a Lockheed, a Boeing, a Loral, a TWR e a Raytheon.

Em outras palavras, o projeto *ECHELON*, utilizado para conter, e eventualmente derrotar o Império Soviético durante a Guerra Fria, é agora virtualmente dirigido contra todos os cidadãos do mundo, violando indiscriminadamente a soberania de Estados e a privacidade dos cidadãos.

Segundo se sabe, a espinha dorsal da rede *ECHELON* são as estações de escuta e recepção mágicas direcionadas para os satélites Intelsat e Inmarsat, responsáveis pela quase totalidade das comunicações via telefone e fax, no interior dos países, entre países e continentes. Os vinte satélites Intelsat transportam essencialmente tráfego civil, mas, adicionalmente, comunicações diplomáticas e governamentais de interesse particular para a *UKUSA*.

Diversas estações de rádio-escuta operadas pelo *UKUSA* estão espalhadas por todo o mundo, localizadas em bases militares em território estrangeiro e em remotas estações de escuta. As maiores estações de rádio-escuta da rede encontram-se em Tangimoana/Nova Zelândia, Bamaga/Austrália, Menwith/Inglaterra, e no Atol de Diego Garcia, no Oceano Índico, operada pela *NSA*.

Segundo o levantamento efetuado por jornalistas e investigadores, dentro da Europa todas as comunicações via fax, telefone e *e-mails* são rotineiramente interceptadas pela estação de Menwith e enviadas, via satélite, para Fort Mead, para análise.

Uma outra rede de busca paralela de alta fre-

quência intercepta sinais de comunicações com o objetivo único de localizar a posição de navios, submarinos e aviões em todo o mundo, desempenhando um papel fundamental na monitoração dos movimentos de possíveis alvos móveis.

O poder do *ECHELON* reside em sua capacidade de decifrar, filtrar, examinar e codificar todas as mensagens interceptadas em categorias seletivas para uma análise mais pormenorizada dos agentes dos serviços de Inteligência das diversas agências *UKUSA*.

O *ECHELON* utiliza poderosos programas de pesquisa através de palavras e frases-chaves, analisando minuciosamente os textos das mensagens com base em complexos critérios algorítmicos. Programas de reconhecimento de vozes convertem conversas em textos para uma análise mais aprofundada. Um sistema extremamente avançado, o

VOICECAST, pode visar o padrão de voz de um indivíduo para que todos os telefonemas que essa pessoa efetue sejam transcritos para futura análise, ou seja, o mundo está virtualmente *grampeado*.

Processando milhões de mensagens por hora, o sistema *ECHELON* funciona vinte e quatro horas por dia. É importante assinalar, todavia, que poucas mensagens e telefonemas são transcritos e registrados. A grande maioria é excluída após ser lida e ouvida pelo sistema. Apenas as mensagens que contiverem as frases ou palavras-chaves alvo são armazenadas para análise posterior.

Cada estação da *UKUSA* mantém uma lista de frases e palavras-chaves (essa lista é denominada *Dicionário*). Um gestor do *Dicionário* de cada agência é responsável por acrescentar, apagar ou alterar os critérios de frases ou palavras-chaves para seus *dicionários* em cada uma das estações.

O *ECHELON* é um produto da Guerra Fria, todavia, a atual luta global contra o terrorismo parecer dado a essa estrutura, aos olhos de muitos, a justificativa necessária para desenvolver uma capacidade ainda maior para espiar os aliados, os inimigos e os próprios cidadãos em todo o mundo, violando a soberania dos países e a privacidade das pessoas.

"O poder do ECHELON reside em sua capacidade de decifrar, filtrar, examinar e codificar todas as mensagens interceptadas..."

PODE O ARTISTA SER ANTIÉTICO?

Araken Hipólito da Costa
Cel. An. RR



“A liberdade verdadeira é o uso da vontade livre...”

Tanto o público quanto os artistas em geral consideram nebuloso o presente tema, ou por mera falta de argumentação, ou pela concordância com alguma posição antiética supostamente permitível ao artista. Para responder tal indagação, é necessário fundamentar a ética de maneira clara (e concisa, por tratar-se de um artigo).

Por definição, a ética é a parte da filosofia prática que versa sobre a reta ordenação dos atos humanos a partir da razão. Para compreendermos como *funcionam* os atos humanos, podemos dizer que um ato verdadeiramente humano deve proceder da vontade livre do homem, enquanto ser racional. Portanto, o ato deve estar em vista de um fim. Caso contrário, tratar-se-ia de um ato meramente natural ou instintivo (os animais, por exemplo, não conhecem o porquê de agirem).

Todos os seres tendem naturalmente para o fim último, que é seu bem. O fim de um ser está em função de sua natureza, está determinado por esta natureza, a qual não é escolhida pelo homem (essa natureza que nós recebemos não pode por nós, segundo nossa escolha, ser modificada ou escolhida; o homem não escolheu ser racional, ele é racional independentemente de sua vontade). Podemos, no entanto, escolher os fins intermediários para a realização do fim último. Este é assim definido por Santo Tomás de Aquino: “É impossível que a felicidade do homem, esteja em algum bem criado. Nada pode fazer repousar a vontade humana, senão o bem universal, supremo que é Deus. Só este pode, com sua infinita bondade, satisfazer de modo perfeito a vontade do homem”.

Transpondo estes fundamentos para o universo das artes plásticas, cabe ao artista ordenar retamente o seu ofício para a percepção da beleza do Bem Su-

premo. Evitar atos que conduzam à banalização da arte, como a busca desenfreada pela fama (cujo início, aliás, deve-se ao Renascimento), a partir de uma arte comercial que visa simplesmente à recompensa financeira, radicada no imediatismo e exibicionismo oriundos da imaturidade, do insuficiente aprofundamento técnico e da falta de conhecimento histórico da arte. É preciso lembrar que a arte pertence, também, à esfera do transcendente. Portanto, o artista não deve se limitar a uma obra imanente, fruto da ação prática e de interferências sociais, e usada de maneira ideológica.

Cabe ressaltar ainda uma questão ética que causa transtorno no seu correto entendimento: a distinção entre liberdade e livre arbítrio. Pelo livre arbítrio, cada qual dispõe sobre si mesmo. Contudo, apresenta-se não raras vezes como o mero uso da vontade sem medir as conseqüências inerentes ao ato, o que leva à escravidão e não à liberdade. No entanto, a liberdade verdadeira é o uso da vontade livre, analisado pela inteligência e ordenando o fim último da existência humana que é Deus. Constatamos que para um ato ser totalmente íntegro, seu objeto, fim e circunstâncias devem ser moralmente bons. Caso contrário, dá-se a aplicação do pensamento de Maquiavel, tão conhecido e utilizado nos dias de hoje, segundo o qual “os fins justificam os meios”.

Por fim, respondendo à indagação inicial, podemos concluir que o artista é uma pessoa inserida na sociedade. Sua obra reflete um ato humano, portanto, reflete a moralidade do artista, que, por receber gratuitamente este dom, deve, por amor ao ofício, direcioná-lo à Beleza que está contida no Bem e na Verdade, enfim, em Deus. 



Defesa Aérea – Uma

O acerto dessa solução está sublinhado por dois fatos recentes.



O poder bélico da Engenharia, mais do que flagrante, sempre foi decisivo para a vitória nas batalhas e importante para a projeção nacional. Sucedendo os primitivos combates com armas curtas, lanças e flechas que antecedem o advento da pólvora, os artefatos mecânicos mais elaborados se impuseram para transpor muralhas e fossos, fender barreiras e arremessar projéteis, como evidenciam os aríetes, as balestras, as torres móveis e as catapultas.

O potencial combatente do guerreiro, assim como tantas outras atividades humanas, ganhou impulso com o emprego da força animal, quando os ginetes utilizavam ora a velocidade, ora a robustez dos corcéis para portar ágeis cavaleiros ou pesadas armaduras ou, ainda, para impulsionar os engenhos ou o apoio para a batalha.

As trilhas dos campos de batalha cedo alcançaram as águas, interiores e abertas, onde o Poder Naval passou a capitanejar o desenvolvimento de novas armas: as belonaves a remo e os grandes veleiros precederam os modernos navios, os esplêndidos porta-aviões e os temidos submarinos. Nesse curso, a defesa da costa, as poderosas esquadras, o controle dos estreitos – as portas dos oceanos – e as profundezas dos mares tornaram-se objeto permanente da atenção das grandes potências.

Disponer de engenhos mais poderosos era – e é – fator insuperável de dissuasão ou de determinação

do sucesso em conflitos.

Todavia, a despeito do ideal pacífico do *Pai da Aviação* que, por seus feitos, foi também engenheiro brilhante, o avião propiciou uma nova dimensão para o combate: não apenas pela dimensão extra da capacidade de deslocamento em altitude, mas, principalmente, pelo que trouxe de mobilidade e de poder de ataque às novas armas. Assim, enquanto a Primeira Grande Guerra ficou na História pelas batalhas nas trincheiras, a Segunda Guerra Mundial destaca-se pelas batalhas aéreas nos céus europeus e do Pacífico.



Aviões de Caça para interceptação.

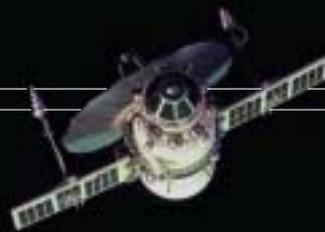
Os primeiros engenhos aéreos nos campos de batalha – balões cativos e pequenos aviões – foram a extensão da capacidade de observar, de projetar a artilharia, de aprimorar os meios de transporte, no continente ou no mar, quando a Aviação Militar e a Aviação Naval abriam suas tenras asas quase implumes.

Meio século bastou para que o Poder Aéreo tornasse vulneráveis os comba-

ntes presos ao solo ou limitados às águas. Num instante o céu não mais pôde ser deixado sem vigias, posto que se tornou o espaço dos grandes predadores: rápidos e letais. Não dominar os céus é prenúncio da capitulação.

Surgia, assim, um desafio impostergável: a Defesa Aérea.

Conhecê-la, sob qualquer perspectiva e em suficiente profundidade, é estimular o intelecto de to-



Solução de Engenharia

dos, pois estaremos indo aos limites da capacidade humana.

No Brasil, a Defesa Aérea é missão do Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro (COMDABRA), órgão da Estrutura Militar de Guerra, permanentemente ativado, mesmo em tempo de paz.

Vê-se, então, a primeira peculiaridade do Poder Aéreo: a rapidez das ações bélicas da Aviação exigem capacidade de pronta-resposta e, eventualmente, de iniciativa isolada, demandando uma prontidão permanente.

O COMDABRA é, em tempo de paz, comandado por major-brigadeiro-do-ar, e conta com militares das três Forças Armadas em seu efetivo.

O principal órgão operacional do COMDABRA é o Centro de Operações de Defesa Aérea (CODA), que se articula com os Centros de Operações Militares (COPM) existentes em cada Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo (CINDACTA).

Cabe ao COPM, entre outros encargos, manter a vigilância sobre a Região de Defesa Aérea (RDA) de sua responsabilidade, identificar os movimentos e conduzir integralmente as ações empreendidas.

No escopo de atuações típicas da Defesa Aérea, há basicamente dois tipos principais de ação: os vôos de interceptação e os de circulação operacional.

A interceptação pretende conduzir aeronaves para cumprir um perfil vertical enquanto descreve uma trajetória calculada, ou para alcançar o alvo no mais curto tempo, ou para aproximar-se dele na distância e na posição relativa mais conveniente, seguindo-se uma navegação para recolhimento do interceptador em um local adequado. O dinamismo inerente

a esse tipo de ação exige do sistema a capacidade de prover o controlador, continuamente, de informações relativas à evolução dos alvos e dos vetores de interceptação, visando definir a trajetória a ser seguida e antecipar as correções necessárias de ajuste entre o cálculo e as condições reais, prevenindo situações de risco em que o interceptador se tornasse alvo.

Na circulação operacional militar, as aeronaves descrevem uma trajetória definida que, guardadas as proporções, pode ser entendida como similar a um plano de vôo, porém, ao invés de visar apenas ao percurso entre origem e destino, descreve uma trajetória poligonal complexa com sobrevôo de diversos pontos em determinadas condições, ou, ainda, mantém no ar uma patrulha aérea de combate. A dinâmica do controle desse tipo de ação é mais simples do que a comum em interceptações, todavia abrange um número expressivo de parâmetros que tornam complexo o processo de preparação e de controle real da missão, além de, eventualmente, evoluírem para uma interceptação.

Nas atividades de Defesa Aérea, é imprescindível a coordenação com o Controle de Tráfego Aéreo,

principalmente com os Centros de Controle de Área (ACC) e os Controles de Aproximação (APP), destacando-se que a Defesa Aérea presta inestimável serviço à navegação aérea, socorrendo aeronaves civis ou militares em situações de perigo ou de emergência.

De certa forma, o Centro de Gerência da Navegação Aérea (CGNA) está para o Controle de Tráfego Aéreo civil como o COMDABRA para a Defesa Aérea: é o órgão de coordenação de tráfego aéreo de mais alto nível, tendo uma importância notável para a Defesa Aérea, colaborando na identificação dos tráfegos e nas coordenações necessárias com os órgãos de controle civil.

“Meio século bastou para que o Poder Aéreo tornasse vulneráveis os combatentes presos ao solo ou limitados às águas.”



“As operações militares costumam ser imprevistas e divergir de paradigmas...”

Essa estreita coordenação com o Controle de Tráfego Aéreo marca outra peculiaridade da nossa Defesa Aérea.

Os países mais avançados, com dimensões físicas e Aviação de vulto, premidos pela necessidade de desenvolver seus sistemas de apoio à Aviação Civil e Militar, em contexto e época distintos daqueles que tocaram o Brasil, criaram dois sistemas separados, enquanto a engenhosidade brasileira concebeu a integração deles em um só. O acerto dessa solução está sublinhado por dois fatos recentes.

O primeiro, pela recomendação feita pela Organização Internacional de Aviação Civil (ICAO), em conferência mundial realizada em 1998, no Rio de Janeiro, em que aponta o modelo brasileiro como adequado à ampla adoção, sobretudo por considerar que o modelo integrado brasileiro vem ao encontro da transição dos atuais sistemas regionais de Controle de Tráfego Aéreo para aquele conhecido como CNS/ATM, de abrangência mundial, em curso de implementação a ser concluída na próxima década, cabendo destacar a importante participação do Brasil na concepção desse sistema, pelos trabalhos desenvolvidos nos idos de 1990, no então denominado FANS (Futuro Sistema de Navegação Aérea).

O segundo, pela debilidade mostrada pelo Sistema de Defesa Aérea dos EUA, incapaz de reagir com presteza aos nefandos ataques terroristas reali-

zados por criminosos em 11 de setembro de 2001, valendo-se de aviões civis como armas de destruição. O Sistema de Controle de Tráfego Aéreo norte-americano não foi capaz de identificar os aviões para coordenação com a Defesa Aérea e esta, por seu turno, não pôde reagir com a necessária presteza. A demora na reação foi desastrosa para a dimensão dos danos causados e o acaso favoreceu a não ocorrência de outras tragédias envolvendo as aeronaves civis e militares que evoluíam em vôos sob controle bastante comprometido. Um sistema integrado teria reagido muito melhor à agressão.

Consideremos, pois, como se desenrolam as atividades típicas de Defesa Aérea.

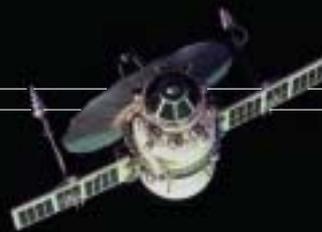
O Controle do Espaço Aéreo passa pela necessidade de manter vigilância e suprir uma capacidade de comunicação fixa e móvel num volume imenso. Deixando de lado algumas situações exóticas, tais como aquelas ligadas a observadores visuais, a radares de visada além do horizonte, a radares de alarme aéreo antecipado ou de rastreamento e afins, o Sistema de Controle do Espaço Aéreo Brasileiro (SISCEAB) integra, basicamente, as situações aéreas locais de dezenas de radares do tipo TWS, ou seja, radares capazes de fazer o rastreamento de alvos (pistas) enquanto varrem ciclicamente todo o espaço ao redor da antena.

Vale ressaltar que, para a Defesa Aérea, é de fundamental importância o estabelecimento de sistemas de detecção com capacidade de altimetria, de contrapor-se a interferências ativas, de acompanhar alvos com grandes acelerações, em ampla faixa de velocidade e com silhuetas furtivas.

Cada radar projeta as pistas que detecta em um plano tangente à superfície terrestre no ponto em que se encontra, associa às coordenadas da pista algumas informações ligadas ao instante e às características da detecção, e transmite as informações para processamento remoto. Esse conjunto de informações é conhecido



DPV Pico do Couto - CINDACTA I



“Todo o sistema é monitorado para que funcione bem e ininterruptamente...”

como Situação Aérea Local.

As detecções recebidas dos radares são armazenadas e tratadas por programas específicos que, essencialmente, realizam a síntese da visualização dos radares cobrindo uma vasta área, transformando as coordenadas de cada radar para um plano único de referência, identificando as referências individuais de um mesmo alvo detectado, em instantes distintos, por diferentes radares, e agregando diversas informações ligadas à trajetória conhecida e projetada, à velocidade, à qualidade e ao tipo da detecção. Esse conjunto de informações é conhecido como Situação Aérea Geral (SAG), e será a base para a utilização civil (Controle de Tráfego Aéreo) e militar (Defesa Aérea).

Em seguida, essas informações são complementadas por outras oriundas do tratamento de planos de voo, de forma a identificar cada movimento e atualizar toda a cronologia da sucessão de eventos ligados ao movimento. Da mesma forma, para atender às necessidades da Defesa Aérea, um outro sistema, que se coordena com os COPM contíguos, agrega informações de interesse militar a cada pista.

As pistas são então processadas pelo sistema de tratamento e visualização que, segundo as necessidades de uso militar, civil ou técnico, as apresenta graficamente como convier em cada posto de operação (console).

A utilização técnica dessas imagens visa prover a parametrização dos processos envolvidos, de modo a atender melhor à ampla utilização dos dados ou, em certos casos, a solicitações específicas.

No controle civil, os movimentos que ocorrem em um dado setor ficam sob a responsabilidade de um Controlador de Tráfego e de seu auxiliar, sob a supervisão do Chefe da Sala. Além das imagens, o Supervisor dispõe de outras informações complementares para apoiar a reconfiguração das posições de controle, em face da carga de trabalho e das circunstâncias do momento. Os tráfegos militares, controlados pelo COPM, aparecem de modo bastante sim-

ples nas posições de controle civil, apenas para conhecimento da presença.

No controle militar, visualizam-se todas as informações ligadas a qualquer pista, mostradas de modo apropriado. Cada Controlador de Operações Aéreas Militares cuida das operações que está conduzindo, independentemente do local onde se desenrolam. Para isso, coordena-se com os setores civis ou militares pertinentes.

A natureza do tráfego aéreo tem aspectos de previsão e segue convenções internacionais visando promover a segura utilização do voo como elemento de amplo interesse da sociedade. Basicamen-



*Sala de Controle do CVA:
Monitorando o espaço aéreo da
Região Amazônica, 7 dias por
semana, 24 horas
por dia.*

te, um voo civil é planejado para ir de um dado lugar para outro, seguindo uma rota prevista e num dado momento.

As operações militares costumam ser imprevistas e divergir de paradigmas, revestindo-se de um dinamismo muito próprio para atender necessidades excepcionais. É preciso selecionar aeronaves, ensaiar alternativas, conceber trajetória adequada à segurança e à eficiência da manobra, às características da aeronave e de seu armamento, às condições impostas e fortuitas.

A partir da observação da SAG, e observando as normas operacionais de Defesa Aérea, o Chefe de Sala, diante de alguma classificação excepcional de



“...ao invés de visar apenas ao percurso entre origem e destino, descreve uma trajetória poligonal complexa...”

pista feita pelo Oficial de Identificação, pode acionar o Alocador de Armas para que faça um ensaio das possibilidades de interceptação de um alvo a partir dos meios em alerta disponíveis nas unidades aéreas. O sistema seleciona uma quantidade de possíveis interceptações, por ordem de menor tempo de execução. O Alocador de Armas escolhe qual interceptador deverá realizar a missão e passa a condução da missão a um Controlador de Operações Militares que, por sua vez, conduzirá a missão. Nesta seqüência esquemática simplificada, não estão consideradas as

das medidas de atualização evolutiva dos meios e dos processos, de forma a impedir que qualquer desequilíbrio descambe para um sistema civil oneroso, ou para um sistema militar rígido ou débil.

Assim é que, atualmente, o Brasil conta com os COPM do CINDACTA I, cobrindo a RDA central do país; do CINDACTA II, com a RDA que vai do Sul ao Oeste brasileiro; do CINDACTA III, com a Região Nordeste e, a partir de 2003, com o CINDACTA IV, cuidando da Amazônia.

O Projeto SIVAM, além de haver possibilitado o advento do CINDACTA IV, eleva o SISCEAB a um novo patamar de capacidade, com o emprego das aeronaves especialmente equipadas com notáveis recursos de detecção, utilizando múltiplos sensores, de comunicação de sinais e de voz e de controle de operações aéreas.

O vôo, civil ou militar, é fortemente influenciado pelas condições ambientais. Às vezes, o mesmo rigor da natureza que impede voar normalmente, é o mesmo fator que compele a Defesa Aérea a superar os limites para cumprir a excelsa missão de servir à Pátria, *in extremis*, se preciso for, seja para socorrer necessitados, seja

para opor-se a agressores.

Essa visão superficial da Defesa Aérea basta para perceber-se a ampla participação de um sem-número de especialidades de Engenharia em suas atividades.

Como ilustra o Sistema de Iniciativa Estratégica de Defesa (SID) dos EUA, conhecido como *Guerra nas Estrelas*, podem surgir sistemas automáticos e controlados à distância, onde talvez os UPV (Veículos sem Piloto) tenham sua primazia, e uma eficiente Defesa Aérea se desenvolva com menor participação de tripulantes humanos. Contudo, jamais poderá haver Defesa Aérea sem a decisiva participação da Engenharia.



Aeronave de Vigilância Aérea EMB-145 / R-99A.

diversas autoridades de Defesa Aérea envolvidas nos diferentes estágios da missão, responsáveis pelas autorizações devidas.

A apresentação apropriada das informações e a estreita coordenação dos controles civil e militar propiciam a utilização de um mesmo conjunto de sensores, de infra-estrutura de comunicações, de sistemas complementares e de apoio para o efetivo controle do espaço aéreo, trazendo, muito mais do que economia, eficiência e segurança para a navegação aérea e potencializando a soberania nacional nos céus.

Todo o sistema é monitorado para que funcione bem e ininterruptamente, enquanto são empreendi-



Campo dos Afonsos

*José Nazareno de Vasconcelos
Ten.-Cel. Farm. RR*

Volto a ti, lendário Afonsos.

Piso mais uma vez teu solo sagrado, devagar, lentamente.

Ando pelas tuas alamedas sonolentas a espreitar teus segredos, de mansinho, para não te acordar neste outonal entardecer de Domingo.

Tudo é aparente silêncio no teu Campo.

De real, ouço o som mavioso do canto dos teus pássaros inquietos, voando de volta ao aconchego do cálido e seguro ninho.

Ouçó o vento no farfalhar de tuas centenárias e imperiais palmeiras a embalar-te o sono.

Ouçó ao longe o dolente tanger do bronze de tua ermida branca, que vem lá de cima, do alto de sua torre que aponta o céu, como a indicar-nos o caminho de nossa destinação.

Doce paz cai lentamente sobre o Campo e sobre este caminheiro que perscruta o tempo e volve ao passado, testemunhando o feito de teus heróis que continuam, ainda agora, na faina gloriosa das oficinas, dos hangares, dos vôos da instrução.

Não estão mortos. Revejo-os altivos no ar-

dor dos anos, no gratificante labor do vôo, junto aos pássaros, nas nuvens...

Agora, todos estão ali em terra!

Passaram por mim em grupos. Não há angústia ou dor em seus rostos.

Fronte erguida, revelam a serenidade e a paz dos eleitos que bem cumpriram sua missão perante a Pátria e a Família.

Lá se vão. Todos se juntam, são muitos. Reúnem-se em torno da Chama Eterna. Tento aproximar-me, mas não posso.

Na mente, apenas uma mensagem me chega, vibrante...A Chama!

Que não deixemos apagá-la...

Que por ela estão ali, pois por ela enfrentaram as tocaias, os perigos, as adversidades, os desafios, tudo para mantê-la viva.

Que à Chama possamos chamar Amor, Família, Verdade, Pátria, Liberdade...

Desperto da letargia pelo som do clarim.

Lembro-me da Chama, corro até ela...Está por um fio, tênue.

É noite nos Afonsos.



"Havia uma motivação que tocara no sensível que há no feminino da espécie humana."

Aquela estrelinha especial, no céu sem lua, brilhou nos olhos dela. Momento de reflexão ao qual ela se propunha todas as noites, estirada no seu jardim à beira da piscina. A necessidade era varrer o céu com seu olhar, para amenizar o trepidar do dia engolindo a calma das gentes.

A sua cidade tão linda continha camadas sociais indo até abaixo da linha da pobreza. Na sua

então fez a algumas companheiras.

Seria um bazar tipo *mercado das pulgas* e constaria de doações que lembravam o *garage sale* das americanas. O amplo salão da casa dela virou um mercado persa, onde bons adereços, bijuterias, saias, jarros, enfim, objetos mal amados pelas donas, foram totalmente vendidos e a renda foi sensacional. Foi aberta uma conta bancária em nome de três tesoureiras.

Havia uma motivação que tocara no sensível que há no feminino da espécie humana. As habilidades daquelas criaturas foram se delineando como vocação, em cada situação.

A proposta era agora um concurso de sombrinhas decoradas, a realizar-se ali mesmo na casa dela, em torno da piscina. Haveria convites vendidos para o lanche e premiação de arte e originalidade. Outro sucesso coroou a jornada da luz da estrelinha para os olhos dela. A conta do banco engordara.

Em sua meditação costumeira, a estrelinha surgira, então, advertindo que ela estava ousando dar um tiro no escuro. A aplicação bancária necessitava de uma definição canalizadora das entidades a serem beneficiadas. Tal resolução foi rapidamente objetivada, para três creches bem credenciadas como serviço social, as quais já eram conhecidas por algumas das senhoras que compunham a aventura daquele tiro no escuro.

Ela receava pelo crédito, que pessoas pessimistas ou rivalizantes, já murmuravam com desconfianças. Em vão.

A estrelinha brilhava encarando-a e emanando decisões. Palpitava nela a idéia de organizar um almoço, que seria também em sua casa com áreas externas espaçosas. Como prato de resistência foi sugerido o vatapá, que a Zezé costumava administrar para umas e outras amigas em aniversários.

Vendemos duzentos convites, o que signi-

Anna Guasque
Escritora

Um Tiro no Escuro

comunidade não havia um movimento global de objetivo de assistência social. A diversão coletiva mais comum era o *chá* com um jogo de cartas e desfiles de modas. Ela não freqüentava tais encontros, achava vazio, não tinha mesmo dinheiro para adquirir os tais modelos exibidos.

A estrelinha daquela noite provocou-lhe um longo suspiro e com ele veio a inspiração. Começaria a reunir amigas com propósitos diferentes. Examinara antes, com cuidado, a proposição que



ficava o limite da casa base do evento. Foi um alvoroço entre cooperação e entusiasmo no grupo.

Faríamos sorteios de prendas doadas e saímos pedindo no comércio tais aquisições.

Eis que surge uma bela e profusa samambaia para sorteio. Estava resolvido o nome daquele conjunto de mulheres a serviço assistencial. A

dona da estrelinha ditou os termos dos convites. Seria o *Privé Samambaias*, surgindo o lema: *AB IMO PECTORE*, que traduzido significa *DO FUNDO*

“A estrelinha brilhava encarando-a e emanando decisões.”

DO CORAÇÃO.

A cada ano as duzentas pessoas traziam mais convidadas e o recurso foi pedir ao Presidente do Clube de Aeronáutica, que nos cedesse o salão. O Comandante do COMAR III aquiesceu em usarmos a cozinha e os taifeiros. O vatapá chamou-se definitivamente o *Vatapá da Zezé*, o qual seria também o cardápio do dia, no próprio rancho dos oficiais.

A estrelinha brilhou para suas outras irmãs, ao longo do litoral brasileiro, ecoando o movimento das *Samambaias*, pedindo doações de camarões pelas bases aéreas.

Uma cadeia de forças instalou-se nessa realização, entremeada de outros divertimentos. Desfilamos em trajes que lembravam Greta Garbo, Theda Bara, Ethel Barrymore, Joan Crawford etc., estabelecendo um concurso comovente nas lem-

branças de senhoras idosas, participando com brilho das estrelinhas nos olhos.

As esposas de oficiais da FAB abraçavam agora, suas companhei-

ras de época, que eram do meio civil da população carioca. Instalava-se uma agradável confraternização entre famílias de civis e militares, agora com os maridos freqüentando os jantares e outras festas em horários convenientes. Então, tivemos que chamá-los de *xaxins*. Assim como passamos a eleger a *samambaia* do ano, também exaltamos o *xaxim* mais assíduo e colaborador.

“Aquele estrelinha inspirou que ela fosse chamada de a *mulher das idéias...*”

Aquela estrelinha inspirou que ela fosse chamada de a *mulher das idéias*, mas as mãos que acalentaram essas idéias brilhavam como as estrelinhas que pontilham o dorso recortado do Atlântico brasileiro de norte a sul.

Fora um tiro no escuro, e não fosse a união do colegiado das *Samambaias*, nada teria sucesso.

Nos laudos que a memória nos traz, fazemos as contas marcadas pelo jubileu de prata do *Privé Samambaias*. Variados momentos, festejados encontros, diversas maneiras de angariar fundos resultaram no benefício daquelas pernas que cresceram, esticaram o físico e hoje são adultos e profissionais.

Essa é uma história verdadeira, bonita e exemplar.

Se quiserem saber do seu maior conteúdo, podem ir ao INCAER, onde estão arquivados na biblioteca, os dois grossos livros das atas, com fatos e os nossos melhores sorrisos.

O tiro no escuro brilhou vinte e cinco anos como clarões coloridos, encantando os olhos, que agora juntos miraram aquela estrelinha inspiradora.

Mais algum tempo e teremos essa história transformada em um dos compêndios que estão reconstituindo a História das participações que glorificaram a FAB, unida ao que podemos chamar de gente brasileira.

Somos gratos, todos os que vivemos a aventura do amor ao próximo, principalmente àquelas crianças que nos ensinaram essas lições.

Se vocês passarem pelo INCAER, peçam para folhear esses testemunhos. Há muito que contar. Outras estrelas inspirarão suas vidas e lhes trarão a felicidade que hoje vibra na luz de nossas consciências.

“A estrelinha brilhou para suas outras irmãs, ao longo do litoral brasileiro, ecoando o movimento das *Samambaias...*”



Mobilidade Estra

Revista aeronáutica

Recentemente, foi iniciada a operação do Sistema SIVAM, destinado a aumentar o controle do espaço aéreo brasileiro na Região Amazônica, bem como criar condições para o seu desenvolvimento sustentado.



ACC CVA 3



Radar transportável Tefé.

Área do território brasileiro com baixa densidade habitacional e reduzido tráfego aéreo, nela vinha sendo postergada a implantação de um Controle de Tráfego Aéreo semelhante ao já em uso em outras regiões do país. Mas no caso da Região Amazônica, havia outras dificuldades a vencer: as grandes distâncias entre os pólos geradores de tráfego aéreo, as condições meteorológicas predominantes e a necessidade de preservação da integridade do espaço aéreo contra sua utilização por aeronaves envolvidas com o tráfico de drogas ou contrabando.

Assim, a seleção do tipo de cobertura radar a ser empregado no SIVAM deveria atender não só ao controle do tráfego aéreo como assegurar uma continuidade de seus serviços numa região inóspita e de difícil acesso, bem como uma mobilidade que possibilitasse sua realocação para melhor cobrir as rotas usadas por vôos ilícitos e não controlados.

“O B-34 é totalmente transportado em duas viagens nos aviões C-130...”

nham a velocidade de evolução de *hardware*.

O B-34 do Projeto SIVAM é composto de um *shelter* de operação/manutenção, o conjunto de antena, dois geradores e dois sistemas de refrigeração.

Quando da seleção do radar pela Comissão do Projeto SIVAM, a proposta da Lockheed Martin previa um conjunto com dois *shelters*: um de operação e outro com equipamentos. O atual modelo, valendo-se dos avanços eletrônicos, combina essas funções em um único *shelter*, diminuindo peso, espaço e tempo de carga/descarga no C-130.

O B-34 é totalmente transportado em duas viagens nos aviões C-130, como ficou demonstrado nos deslocamentos para Tefé e Sinop, podendo ser colocado em operação no destino por uma equipe de seis técnicos em questão de horas.

A transmissão na banda *L* do B-34 permite resultados excelentes sob condições de chuva,



tégica do SIVAM



UVT Sinop 4

enquanto os radares em frequências mais altas ficam virtualmente *cegos*.

Toda a sua operação pode ser totalmente isolada, comandada a partir do *shelter*, mas também aceita ser integrado a outros radares, como no caso dos Centros de Controle de Tráfego Aéreo existentes no Brasil.

Sua antena plana permite localizar alvos de dois metros quadrados de área radar, até 100.000 pés de altitude e a uma distância de até 250 milhas náuticas, podendo discriminar por velocidade, o que permite eliminar até retorno de pássaros.

A filosofia de manutenção do B-34 não requer a presença física, no local, de uma equipe de técnicos, pois o sistema foi projetado para enviar as discrepâncias apresentadas pelos equipamentos para o centro remoto, permitindo enorme economia de tempo e recursos humanos para restaurá-lo às condições normais.

Por ter 34 carreiras de células de transmissor-receptor na antena, o B-34 aceita até a perda de eficiência em 1/7 de suas células, sem que a queda de rendimento obrigue sua retirada de

TPS - B-34 Shelter
Vista das consoles.



operação, graças ao sistema que recalibra o radar automaticamente em função das falhas.

Mais de 120 radares com a mesma filosofia de projeto operam em regiões de difícil acesso, como as do Alasca e norte do Canadá até as do Oriente Médio. São também operados em diversos outros países, dentre eles a Austrália, Alemanha e Itália.

Nos tempos modernos, a evolução dos aviões de combate, seus armamentos contra as emissões eletromagnéticas e os sofisticados equipamentos de detecção radar não recomendam o uso de radares fixos em operações militares. A mobilidade e rapidez de entrada em operação são fatores altamente considerados, pelas Forças Armadas no mundo, como primordiais para a sobrevivência do equipamento e eficiência de sua operação.

Sua capacidade 3-D, seu desempenho nas condições adversas da Amazônia, seu grande alcance e a mobilidade necessária para operações de Controle do Espaço Aéreo tornam o B-34 uma ferramenta básica para assegurar a integridade do Espaço Aéreo brasileiro naquela grande área do território, citada como o *pulmão do mundo* por organizações estrangeiras, mas sempre acusando nosso país de mantê-la *abandonada e sendo depredada*, colocando em risco até a segurança do planeta Terra. Como se muitos outros países, que já dispuseram de imensas áreas de floresta, não tivessem extinguido, sem nenhum prurido de consideração pelo bem-estar mundial!

A presença do SIVAM com seus radares B-34, o

emprego da FAB com seus meios aéreos e a perfeita integração com as demais organizações governamentais operando na Região Amazônica garantirão o desenvolvimento sustentado da área, a manutenção de nossa soberania e a segurança dos vôos nela realizados. ✈

AOS FAZEDORES, OS

"...COMANDO DA AERONÁUTICA. Por que não Força Aérea Brasileira?"

AERONÁUTICA: ciência, arte e exercício da aeronavegação, praticados por aeronautas usando aeronaves, aeróstatos e aeródinos. Em sendo entendida aeronave como a designação genérica dos aparelhos por meio dos quais se navega no ar, e sendo a aeronavegação a arte de deslocar-se no espaço por meio desses semoventes, conclui-se, portanto, que nossos fundadores (do Exército e da Marinha) criaram, em 1941, o Ministério da Aeronáutica, uma Organização Militar (?) que se ocupou de tudo que viesse a ocorrer acima do solo ou do nível mar. Mesmo que, até caracterizadamente,

atividade civil o fosse, mas que envolvesse o vôo e as aeronaves... Nascermos dessa (e com essa) polítonia, com colisões internas provenientes

do realizar tarefas e encargos, quase sempre inferidos, ora civis ora militares, que alguns homens vieram e souberam (com maestria discutível) acomodar. Importante para esses FAZEDORES era implantar mística e mentalidade e arrebanhar massa (fosse qual fosse), para justificar a individuação dessa novel entidade. Problemas daí advindos: resolver-se-iam a posteriori...por meio dessa mesma massa! E esses problemas os havia, desde já...

Sentamos praça, portanto, em uma Organização Militar destinada a praticar arte no espaço aéreo e que, até hoje, nem identificada foi, já que AERONÁUTICA nem inscrita está nos costados de nossas máquinas...

Para aqueles advindos dos inumeráveis rincões da terra, audazes em espírito, aviadores de coração, e soldados na alma, assistimos e participamos até

das várias e inexplicáveis ações praticadas pelos desapontados (dizem) aviadores do Exército e da Marinha, nessa labuta de FAZEDORES. Mesmo assim, não chegaram a amainar nosso fogo sagrado, já que com esse jeito e arte criaram a nossa Arma!

Entretanto, questionamentos vieram a se corporificar, como anteviram os próprios FAZEDORES. Caberia às novas gerações, portanto, desenredar os antípodas deixados... Que os havia... Resultado da açodada busca pela massa e peso, como arquitetado pelos FAZEDORES. Sabiamente...

Isto obtido, e como conseqüência, cabia abandonar a nomeação etereal AERONÁUTICA sem raízes, sem racionalidade e nacionalidade, e já sem utilidade e sem significado. Pronta para fenecer, como previsto... mas que resistiu e resiste, sub-repticiamente, através até mesmo das atitudes de hoje. E que vem sendo cada vez mais assumida pela própria Sociedade Brasileira e sua Alta Administração, convencidas por nós... Tanto que se transformou em COMANDO DA AERONÁUTICA. Por que não Força Aérea Brasileira?

À época, em que voar e conquistar os ares (AERONÁUTICA) eram dons e habilidades, ou mesmo sentimentos (estimulados, como no nosso caso, por motivações de aviadores separatistas), cabia amplificar o tamanho

"... AERONÁUTICA sem raízes, sem racionalidade e nacionalidade, e já sem utilidade e sem significado."



respeitos!

Aos SEGUIDORES...

Maj.-Brig.-do-Ar Ref
Lauro Ney Menezes

e a largura da rede, para tudo abocanhar, sem distinção. O alvo era, como já referido, adquirir peso específico na balança do Poder Público e na visão da Sociedade...no matter what...

Para tanto, a prática dessas tarefas e encargos foi inferida pelos FAZEDORES, em busca de marcar presença. Porém, utilizando produtos apropriados com ousadia de outrem. Que, apesar de provocar encantos iniciais, com o tempo vieram a ser reclamadas pelos usurpados: sessenta anos após. Iniciou-se hoje, e com vigor, a derrubada do castelo das pretensões. A arte AERONÁUTICA e os seus misteres e afazeres nos vêm sendo tomados e/ou fluem de volta às suas origens (até satisfazendo as conveniências expressas pela Sociedade): desnudam-nos...É a oposição e contestação da tese dos FAZEDORES.

Aí estão, o retornar às suas raízes SÓCIO-ECONÔMICAS a Indústria Aeronáutica, a Administração Aeroportuária, as Telecomunicações Aeronáuticas e a Aviação Civil. Ao campo do DESENVOLVIMENTO NACIONAL, a Ciência e a Tecnologia; ao MISTER COMERCIAL-DIPLOMÁTICO, a transferência de tecnologia e a gestão da compensação comercial. E o Correio Aéreo, ao PROGRAMA GOVERNAMENTAL DE INTEGRAÇÃO NACIONAL. E assim por diante...Já foram de nossa competência, não mais...

Aqueles que tiveram a fortuna (por que não?) de àquela época presenciar e participar (aprendendo), com as mais variadas demonstrações de pertinácia e perseverança dos FAZEDORES em

busca do seu objetivo, esbanjando habilidade para gerir díspares e homogeneizar colidentes, assistem, hoje, à materialização do mau presságio dos próprios FAZEDORES. E comprovam a presença de razoável contingente de Membros da própria família que, em descompasso visível e na contramão da realidade do presente, resistem e insistem na condição de SEGUIDORES da antiga saga...Será que convictos e/ou atraídos pelo fato de que debaixo da titulação AERONÁUTICA cabe tudo que é tarefa? E que com isso buscam garantir e manter o peso específico que foi necessário no passado, e hoje é página virada...pela própria Sociedade?

Justificar nossa sobrevivência somente se a prestação de serviços for bem sucedida? Ou aceita? Por que não sobreviver por decorrência única da missão constitucional: voar e combater?

Dizia um Velho Político aos FAZEDORES, à época: “encargos inferidos e bem urdidos. Porém a Nação não lhes deverá nem um agradecimento: não se cumpriu a missão!” Para os SEGUIDORES, ainda convictos da valoração dos serviços de interesse sócio-econômicos, o mesmo Velho Político invocaria Camões que, frente às resistências demonstradas na busca de novos caminhos, impôs: “Não perdoarei Capitão que não cuidar...”

Dizemos nós, aos homens de fé e espírito profissional, em contraposição aos SEGUIDORES:

“Delenda Aeronáutica”:
FORÇA AÉREA BRASILEIRA, já!



“Por que não sobreviver por decorrência única da missão constitucional: voar e combater?”

OS Desafios da Sociedade

Teresa Cristina Xavier Vianna Galbardo
Psicóloga e Pedagoga

“Nunca a função do educador tornou-se tão significativa . . .”

Para discorrermos sobre educação na sociedade atual é necessário que entendamos alguns conceitos sobre pós-modernidade.

Pós-modernidade: o que é?

Principal recurso: o conhecimento;

Globalização;

Internet;

Individualismo;

Espiritualidade;

Outros...

Segundo Peters Drucker, em Sociedade Pós-Capitalista, a cada duas centenas de anos ocorreu uma transformação aguda que afetou grandemente a sociedade – sua visão de mundo, seus valores básicos, suas empresas e sua economia, e sua estrutura política e social. Estamos atravessando uma época de mudanças radicais: da Era do Capitalismo e da Nação-Estado para uma Sociedade do Conhecimento e uma Sociedade de Organizações. O principal recurso da sociedade pós-moderna é que o conhecimento e os grupos sociais serão constituídos pelos trabalhadores do conhecimento.

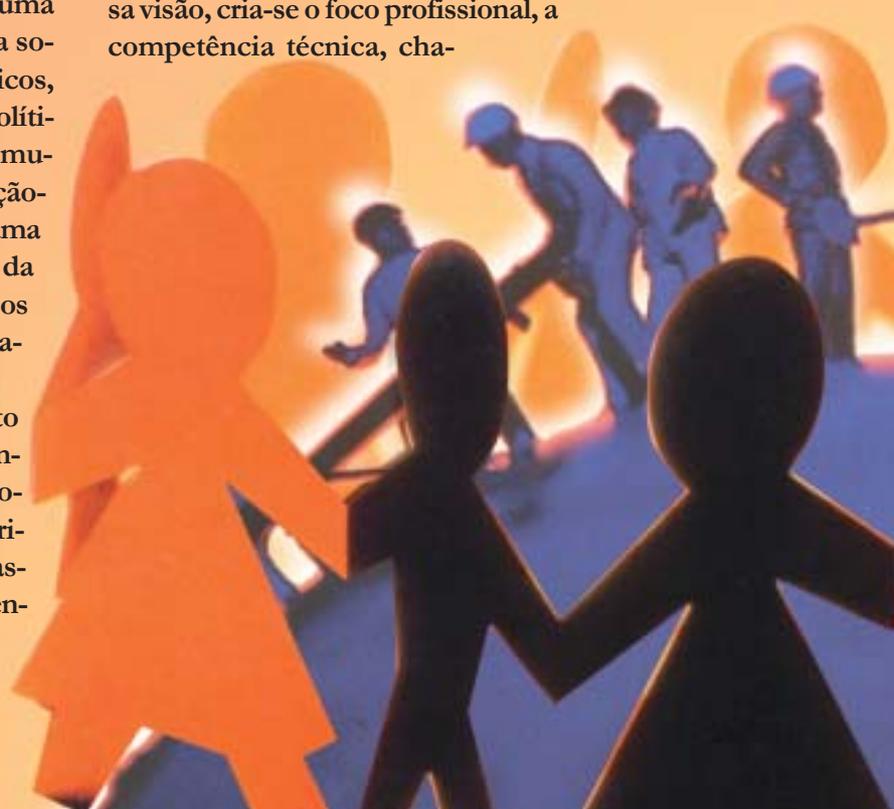
Na sociedade pós-moderna, o conhecimento passa a ser um bem comum; a globalização, o avanço tecnológico e o advento da internet proporcionaram ao indivíduo possibilidades até então restritas a pequenos grupos ditos intelectualizados. Passamos do conhecimento singular para conhecimentos genéricos.

Num mundo globalizado, transacional, nossos educandos precisam estar preparados para a leitura crítica das transformações que ocorrem em escala mundial. Num mundo de intensas transformações científicas e tecnológicas, há necessidade de uma formação geral e sólida, capaz de ajudar os alunos na sua capacidade de pensar cientificamente sobre os problemas humanos.

A civilização atual está enraizada em diversas rupturas epistemológicas. Entre o fim da Idade Média e o Renascimento, uma ruptura fundamental motivou a separação entre sujeito e objeto. O positivismo, que ocupou a segunda metade do século XIX, apoiava-se em uma visão mecanicista, o que provocou um abandono do pensar filosófico e dos problemas do Ser.

Esta visão instalou-se no processo educacional: a escola retalhou o seu cotidiano, fragmentou conhecimentos, desprezou utopias.

Já na década de 80, mas ainda por influência dessa visão, cria-se o foco profissional, a competência técnica, cha-





Educação na de Pós-Moderna

mando a atenção para o domínio da transmissão eficaz dos conteúdos, em contraposição dicotômica ao significado do compromisso político do educador na construção de identidades culturais.

Vivemos, hoje, um tempo de contradições. Se por um lado a técnica e a ciência produziram desenvolvimentos notáveis no século passado, vive-se uma profunda crise ética.

[...] modernidade na prática coincide com a necessidade de mudança social, que a dialética histórica apresenta na sucessão das fases, em que uma gera a outra [...] ser moderno é ser capaz de dialogar com a

realidade, inserindo-se nela como ser criativo. Faz parte da realidade, hoje, uma dose crescente de presença de tecnologia, que precisa ser compreendida e comandada. Ignorar isto é antimoderno, não porque seja antitecnológico, mas porque é irreal.

Por isso...a educação também tem que se comprometer com parte das ati-

tudes, habilidades, interesses e valores que perpassam toda a realidade social e, por fim, esta educação deve ser responsável – em termos de formação para a cidadania – pela conscientização dos participantes desta sociedade.

Na cultura atual passou-se a valorizar dimensões desprezadas. O valor dos sentidos, das vivências cotidianas, da sensibilidade em relação ao outro são janelas para utopias que permitem criar e recriar projetos presentes e futuros.

O que cabe, então, à escola?

À escola cabe ser uma insti-

tuição que pensa em si mesma em sua missão social formadora.

A concepção clássica de escola é de que ela é uma instituição social cuja tarefa é produção: conhecimento, valores e atitudes (cultura), para que a geração possa entender o seu tempo e, com isso, intervir nele.

Sacristan chama a atenção para a necessidade de se retomar a função primordial da escola, que se perdeu como consequência do discurso dominado pela psicologia.

O discurso dominante da escola na pedagogia moderna, mediatizado pelo individualismo inerente ao crescente predomínio da psicologia no tratamento dos problemas pedagógicos, ressaltou as funções educativas relacionadas com o desenvolvimento humano, apoiando-se no auge do status da infância na sociedade moderna, que não é somente consequência do desenvolvimento da ciência psicológica. Por isso, relegou-se em muitos casos a permanente função

“... ser moderno é ser capaz de dialogar com a realidade, inserindo-se nela como ser criativo.”





cultural da escola com finalidade essencial.

Vivemos, então, em um momento de crise?

Vejamos o que significa a palavra crise segundo Gaudêncio Frigotto: o velho perdura e o novo quer nascer mas não consegue. Mas isso é bom ou ruim?

Na realidade, o que podemos ver é que no início deste novo milênio estamos diante de problemas sérios de exclusão social, tais como: dependência química, violência, mudança de papéis familiares. Esses fatores têm grandes reflexos na escola. Por isso a formação de base desse jovem deve ser sólida e o mais cedo possível assentada em processos mentais de níveis superiores, como análise, síntese e criatividade.

Mas como ajudá-los a desenvolver tais processos?

Substituindo o termo ensinar por... construindo com... o parceiro de equipe, o professor, o aluno, a família, a comunidade.

Precisamos definir um novo contrato social, pois o conhecimento não se faz fora da sociedade!

Temos que interrogar o conhecimento a construir. Para que construir conhecimento? Qual a natureza da mudança sobre a qual produzimos conhecimento?

Era globalizada: temos o direito de ir e vir?

Devemos questionar as verdades dadas, lembrando que tudo o que é sólido se desmancha no ar.

O educador deve, então, funcionar como observador-animador, proporcionando estratégias que facilitem a observação da forma como seu educando resolve problemas. No comportamento interativo, o educador fica em estado de alerta para poder compreender o processo pelo qual a aprendizagem está acontecendo. Ele atua, ao longo do processo, dando sugestões, fazendo perguntas, dando pistas, estabelecendo desafios etc.

Nunca a função do educador tornou-se tão significativa, pois temos que ajudar nossos educandos a refletir, selecionar, inferir sobre a informação, para que o conhecimento seja então produzido. Devemos ajudar os educandos a decodificarem as informações.

Para Paulo Freire a “importância do papel do

“À escola cabe ser uma instituição que pensa em si mesma em sua missão social formadora.”

educador, é o mérito da paz com que vive a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. Daí a impossibilidade de vir a tornar-se um educador crítico se, mecanicamente memorizador, é muito mais um repetidor cadenciado de frases, de idéias inertes do que um desafiador. [...] A realidade com que eles têm que ver é a realidade idealizada de uma escola que vai virando cada vez mais um dado desconectado do concreto”.

Ainda Paulo Freire: [...] o professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. [...] Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi e se fez velho e se dispõe a ser ultrapassado por outro amanhã. [...] o que se ensina e se aprende, o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda existente. A didiscência – docência e discência – e a pesquisa, indicotimizáveis, são assim práticas requeridas por estes momentos do ciclo gnosiológico.

Será essa afirmação ainda uma UTOPIA?

Vamos entender o que significa a palavra UTOPIA: serve para andar, sentir-se vivo; querer estar noutra lugar; nos desloca; tem que ter sentido coletivo.

Partindo do princípio de que o ser humano se define em suas relações sociais, só no coletivo existe a força de mudança ou da probabilidade de mudança. No coletivo, a probabilidade de errar é menor.

Devemos, então, acreditar na nossa capacidade de reconstruir o coletivo!

“Precisamos definir um novo contrato social, pois o conhecimento não se faz fora da sociedade!”

No fazer e no construir do nosso trabalho, devemos contextualizar tudo num projeto de sociedade em que cuide-

mos da vida, em que todos tenham o que comer, onde dormir e trabalho!

É possível, através de um projeto de cultura, econômico, político etc.

Um conhecimento que não se articula a valores de igualdade, não está a serviço da transformação. ✈



Os EUA e o Equilíbrio do Poder Mundial

“... a fonte de onde emana a legitimidade de toda intervenção armada...”

Manuel Cambeses Júnior
Cel. Av. RR

Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos definiram as bases de sua política externa. Estas se prolongaram durante várias décadas, evidenciando serem surpreendentemente resistentes frente ao embate das inexoráveis mudanças ocorridas no mundo.

Seus antecedentes se baseavam na vocação internacionalista e multilateralista dos Presidentes Woodrow Wilson e Frank Delano Roosevelt, com a criação da Liga das Nações e da Organização das Nações Unidas.

Entretanto, foi durante a gestão do Presidente Harry Truman, que tomou forma uma política externa autenticamente estruturada. Esta se assentava sobre duas vertentes: a primeira, embasada em termos de segurança e defesa nacionais, e a segunda, voltada para a criação de um entretecido de instituições internacionais sobre as quais puderam sustentar-se e fazer prosperar os

valores e os interesses estadunidenses.

Como expressão da primeira dessas vertentes, tomaram forma a política de contenção ao expansionismo soviético, a doutrina da dissuasão e as alianças com a Europa Ocidental e o Japão. No que concerne à segunda, esboçou-se, nesse momento da História, ou em fases posteriores, uma ampla gama de organismos internacionais, tais como: BIRD, FMI, OCDE, OMC etc.

A então política externa norte-americana enfrentou



“... foi durante a gestão do Presidente Harry Truman, que tomou forma uma política externa autenticamente estruturada.”

momentos críticos em duas oportunidades: a crise do Vietnã, a partir de 1968, e o colapso do comunismo, em 1989. A primeira provocou a dissolução do consenso nacional estadunidense com relação à atuação do governo na condução da desgastante guerra contra o vietcongue. A partir desse momento, o conflito entre poderes foi a característica primacial nessa matéria.

Não obstante, a contenção, a dissuasão e a política de alianças continuariam sendo uma trilogia incontestada. O colapso do comunismo acarretou, como consequência natural, uma série de interrogantes fundamentais: a quem conter? A quem dissuadir? Para que servem as alianças?

George Bush (pai) e Bill Clinton souberam alterar os conteúdos fundamentais que embasavam esses preceitos, mantendo-os com vida e como essência de uma ordem internacional estável. Passou-se a conter, então, não somente o comunismo, mas diversas formas de anarquia e agressão internacional. Destarte, passou-se a dissuadir, com a portentosa superioridade militar norte-americana, qualquer país ou entidade que representasse uma ameaça para os Estados Unidos. Como corolário desse enfoque, mantiveram-se e expandiram-se

“A nova doutrina militar, ali anunciada, justifica intervenções e ataques preventivos contra Estados ou organizações armadas...”

as alianças para sustentar um sistema internacional harmônico.

Por seu lado, a segunda das grandes vertentes da política externa estadunidense, e que enfatizava a necessidade de *costurar* acordos e promover um entretido de organizações internacionais,

aptas para promover seus valores e interesses, permaneceu incólume ao longo de todo esse período de sobressaltos.

Recentemente, o governo estadunidense redigiu um documento intitulado *A Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos*, e que poderá ficar registrado na História como um novo marco entre etapas das relações internacionais. A nova doutrina militar, ali anunciada, justifica intervenções e ataques preventivos contra Estados ou organizações armadas que ameacem seus interesses nacionais, e subordina os acordos e tratados multilaterais à decisão unilateral dos Estados Unidos.

O documento tem o propósito imediato de justificar um eventual ataque ao Iraque. Ademais, faz supor o fim da era da contenção e da dissuasão – que imperou desde a última guerra mundial e durante o transcorrer da Guerra Fria – e a legitimização para uma busca aberta e explícita, em qualquer rincão do planeta, sempre que a segurança internacional e a supremacia norte-americana sentirem-se ameaçadas.

Essas postulações vão muito além do que a comunidade internacional espera dos Estados Unidos, no sentido de liderar ações militares, frente a conflitos graves e em cumprimento de ações concertadas e deliberadas pela Organização das Nações Unidas.



Na Universidade de Chicago foi criado em 1947 um relógio para representar o risco de uma catástrofe nuclear.



Apesar de que o Presidente George Bush tem advertido sistematicamente sobre a irrelevância em que pode cair o Conselho de Segurança da ONU – caso não acompanhe, automaticamente, a vontade e a ação dos EUA – fica bastante claro que é desse organismo, e não de Washington, a fonte de onde emana a legitimidade de toda intervenção armada, seja com propósitos preventivos ou ofensivos.

A nova doutrina estratégica, elaborada pela administração republicana, outorga-lhe respostas a várias questões pendentes para os norte-americanos: a definição nítida de ameaças, inimigos em potencial e cenários de conflito. Em alguns casos, essas ameaças e conflitos são compartilhados por significativa parcela da Humanidade, que defende, fundamentalmente, princípios e valores associados com a modernidade, a democracia e a dignidade humana.

Entretanto, nas últimas décadas, as sociedades forjaram uma miríade de instituições, princípios e regras na ordem internacional – baseadas em experiências adquiridas em tragédias, guerras e genocídios – cujo pres-

“... em função de uma nova doutrina que postula a incontestável preeminência militar da superpotência...”

suposto fundamental é que nenhum Estado – nem o mais poderoso – arrogue a si o direito de definir, isoladamente, quando, onde e contra quem atuar, em defesa desses aludidos valores e princípios.

O Presidente George Bush decidiu enterrar, peremptoriamente, a tríade: contenção, dissuasão e alianças – surgida no Governo Harry Truman – em função de uma nova doutrina que postula a incontestável preeminência militar da superpotência e sua disposição em atuar preventiva e unilateralmente contra qualquer ameaça real ou potencial que se vislumbre no mundo.

É importante enfatizar que a consagração do unilateralismo tende a dissociar os Estados Unidos de todo compromisso multilateral que limite não somente sua soberania, mas, também, sua hegemonia. O curioso neste atual cenário é que, ao consagrar a doutrina de ação preventiva, os estadunidenses não somente estão carcomendo os alicerces que sustentam a sua tradicional política externa, mas, também, toda a ordem internacional, da qual sempre foram os principais e atuantes artífices e, conseqüentemente, os maiores beneficiários.



Revista aeronáutica

10.000 exemplares

Distribuição:

Associados do Clube de Aeronáutica, Embaixadas, Comissões Aeronáuticas no Exterior, Presidência da República, Organizações do Comando da Aeronáutica e aeronaves militares que transportam autoridades do Executivo, Legislativo e Judiciário.



PALAVRAS PRECIOSAS

A intenção do Departamento Cultural é levar a todos uma *Revista aeronáutica* dinâmica e atual, que represente a pluralidade de pensamento dos sócios do Clube de Aeronáutica.

Antes de tudo, isso só poderá ser feito com a colaboração de cada integrante do Quadro Social.

Assim, enviem-nos matéria publicável, com informações atraentes, atuais e de interesse da sociedade brasileira.

O texto deve ser claro, conciso e, em princípio, ter no máximo 3 laudas datilografadas ou digitadas.

Em face da exigüidade de espaço, este Departamento não pode assumir compromisso quanto à publicação das matérias. Um *Conselho Editorial* estuda, analisa e, por consenso, determina quais serão os textos publicados, utilizando critérios próprios.

É importante não esquecer de nos enviar o nome completo do autor, sua qualificação, sugestões de ilustrações para o texto, endereço, telefone para contato e esclarecimento de dúvidas.

Venham participar! Envie seus textos.

Anuncie Tel./FAX (21) 2220-3691 - e-mail: caerorj.cultural@br.inter.net

Os T-6 eram quatro, João Hoepner o líder com um modelo G equipado com ADF, o Hermes Moreira, eu e o Itamar Colaço, nos *D queixo duro*. A rota Pirassununga Campo do Jacaré (Xingu). A missão – apoiar o exército de indianismo e sobrevivência na selva dos cadetes de 1966.

Foi aí que nasceu em mim um encantamento pelo Xingu e a admiração por Cláudio (introvertido) e Leonardo Villas Boas (falante e contador de fatos pitorescos). Este, recentemente falecido, a quem queremos prestar uma homenagem.

como passageiro, participou da capotagem). Melhorase o terreno e seguem-se os pousos de um *Nordwin* e de um *Fairchild*. Finalmente, em 18 de outubro de 1950, pousa um C-47 com os Tenentes Ageu e Décio Leopoldo de Souza.

Na mesma época que em Berlim ocorria a Ponte Aérea da Guerra Fria, iniciávamos também a nossa Ponte Aérea. Pelos céus cruzavam nossos *Catalina*, *Douglas*, *Beech* e tantos outros. A pista, as casas, o radiofarol e a hidrelétrica, tudo feito principalmente pela vontade dos homens, nas asas dos aviões.



Para a *Revista aeronáutica*, selecionei alguns trechos de conversa afetos à FAB, relatados por alguém que, no chão e no ar, foi testemunha.

O Diretor de Rotas Aéreas, Eduardo Gomes, estabeleceu um plano de abrir campos de pouso entre o Rio de Janeiro e Manaus, possibilitando assim a ligação mais rápida com o Estados Unidos, pelas companhias comerciais obrigadas, até então, a contornar o litoral.

Marcados os lugares dos futuros campos nos mapas, um na Serra do Cachimbo mostrava-se inacessível por rios ou picadas – era território habitado pelos bravios Krconcaras. Optou-se pelo meio aéreo. No ano de 1950, dois pilotos da FAB (João Carlos Oliveira e José Leal Neto – Orlando a bordo) fazem uma primeira aproximação num local onde houvera uma queimada. Apenas tocam o solo com as rodas de seu avião para verificar a consistência. Leal Neto retorna, desta vez com um *Stinson*. A altura da serra e a umidade provocam gelo no carburador. Com o motor rateado, o piloto tenta um pouso de emergência e capota sua aeronave nas proximidades do local escolhido (Orlando,

No mundo, as aeronaves sempre seguiram as populações. Terá sido o Brasil aonde primeiro chegaram os aviões?

Certa vez, numa missão do CAN, no Posto Leonardo (sede administrativa do Parque Nacional do Xingu), depois de descarregada a aeronave, enquanto os mecânicos preparavam-na para o pernoite, caminhamos pelo campo de pouso, Orlando, eu e um séquito de índios. Orlando fez o comentário que sintetiza a integração nacional propiciada pelo CAN e que ainda emociona a todos os que viveram a epopéia do Correio:

– Mendonça, aqui recebo cientistas do Brasil e do exterior, e um deles me relatou que nesta pista existe capim do Nordeste, da Amazônia, dos pampas gaúchos, de todas as partes e de alguns lugares do exterior. Suas sementes foram trazidas nas rodas dos aviões da FAB.

Orlando (o maior antropólogo brasileiro sem diploma), leve a admiração daqueles que, em sua companhia, nas margens do Tutuari, aprenderam muito sobre os índios. Que Watsim o acolha no Morená e nos vejamos em um próximo Quarup! ✈

Velhas Amendoeiras, Novas Leituras

"...saio brandindo o livrinho
de sebo qual um
Quixote de lança em riste."



Parodiando o cronista centenário, abro a janela matinal e me reencontro com o Ano Novo. Cada dia mais velho, cada vez mais distante do espocar de magia e surpresas com que se fazia anunciar em tempos mais jovens. Do outro lado da rua, busco a amendoeira de Drummond e a sabedoria de suas reflexões lingüístico-filosóficas.

"Repara que o outono é mais estação da alma que da natureza", diz a *árvore-da-guarda protetora*, na crônica de Carlos Drummond de Andrade, a quem vale revisitar, neste início de ano, aproveitando um pouquinho mais do seu caso de amor cotidiano com a língua.

Palavras, imagens, florescências. Pilhas de 31 de dezembro arrancados de folhinhas de papel em precário equilíbrio ameaçam toldar o janeiro nascente. Corro à estante e saio brandindo o livrinho de sebo qual um Quixote de lança em riste contra ameaçadores gigantes.

Cada um de nós tem seus fantasmas particulares, suas lutas inglórias, seus moinhos de vento de loucura e sedução. E por que não de resgate? Ou alguém ainda duvida que os romances de cavalaria não foram apenas perdição e miséria para o nobre espanhol em seus dias de velhice e doença? E o brilho dos olhos não conta?

Pronto! Agora são dois os meus companheiros nessa noviça manhã de janeiro. Com Cervantes e Drummond, que mais posso querer para começo de ano?

Já dizia o escritor brasileiro que nunca se está só na companhia da arte. Arte verbal por excelência, a literatura em especial nos concede esse

privilegio de criar laços, independente do tempo e do espaço que nos separe uns dos outros.

É com esse espírito que releio *Fala, amendoeira*, crônica escrita em 1957 para o *Correio da Manhã*. No texto, Drummond conversa com uma velha árvore, que avista de sua janela, "árvore madura e magra, que já viu muita chuva, muito cortejo de casamento, muitos enterros e serve há longos anos à necessidade de sombra que têm os amantes de rua, e mesmo a outras precisões mais humildes de cãezinhos transeuntes".

Era fim de março e a amendoeira já começava a ostentar uma cor de outono, em tons de amarelo, vermelho e marrom, cumprindo o seu dever de árvore. Entre cores e palavras, novas ou reinventadas, o cronista nos fala de um tempo de "frutos colhidos numa hora da vida que já não é clara, mas ainda não se dilui em treva".

Com sabedoria monástica, a amendoeira recomenda ao escritor e vizinho que *se outonize* com paciência e doçura, pois, afinal, se as folhas caem, assim como os cabelos, "há alguma coisa de gracioso em tudo isso: parábolas, ritmos, tons suaves..."

O verbo – *outonizar-se* – é invenção de Drummond, bruxo capaz de jogar as palavras em um caldeirão, temperá-las com imaginação e ousadia e recriá-las a serviço da linguagem poética, mas a língua, essa é bem-comum (nem sempre percebido por nós em toda sua dimensão), capaz de nos ajudar bastante a reinventar o dia-a-dia.

Assim, com nossa porção de outono na alma, ainda que trazendo "um resto de verão, uma antecipação de primavera e mesmo..., uma suspeita de inverno", feliz Ano Novo! ✈

ADESÃO DO BRASIL AO PACTO DE ARMAS NUCLEARES

Dion de Assis Távora
Cel. Ar. RR

Assunto extremamente polêmico, conduz à pergunta: precisará o Brasil gastar imensas quantias de dinheiro com a construção de um artefato atômico e seus meios de lançamento, ou isto é apenas um sonho dos militares com o intuito de justificar a sua própria existência? Num mundo ideal, as Forças Armadas são perfeitamente dispensáveis. Num mundo ideal, as Forças Policiais também o são. Infelizmente, estamos no início de um século em que se prenunciam nuvens negras de apreensão com o futuro. Num panorama geral vemos uma nação, os Estados Unidos, como a paladina da paz e com competência de julgar o bem

e o mal conforme os seus interesses, e capaz de manter a *Pax Americana*. Desnecessário dizer que esta situação é apoiada por um imenso poderio militar, inclusive nuclear, respaldando a política. Num plano secundário encontram-se países como Inglaterra, França, Rússia e China, com Forças Armadas poderosas, porém menos letais que as americanas e respaldadas por uma capacidade nuclear e meios de lançamento. Esses países situam-se mais ou menos numa condição de não serem incomodados, a menos que grave dissensão ocorra. Novamente a política sendo respaldada pela força, confirmando a máxima de Clausewitz, teórico da guerra: “A guerra é a política por outros meios”. Num plano terciário, Índia, Paquistão e possivelmente Israel possuem poderio nuclear e alguma capacidade de lançamento. Qual a vantagem de possuir armamento nuclear? Qual a vantagem de se gastar milhões de dólares para entrar nesse seletor clube? Apenas uma: Poder de Dissuasão, ou seja, um país de muito menor poderio militar que os Estados Unidos, ou

“Num mundo ideal, as Forças Armadas são perfeitamente dispensáveis. Num mundo ideal, as Forças Policiais também o são.”

outro qualquer do clube atômico, poderá inibi-lo de qualquer ação bélica. Recorramos à História, que é a melhor mestra a ser consultada. Lembremos-nos de que a História sempre se repete com as adaptações ao tempo e às condições atuais. Em 1945, os Estados Unidos eram a única potência nuclear do planeta, e, sem nenhuma possibilidade de retaliação por parte dos japoneses, lançou dois artefatos nucleares sobre o Japão. Logo após iniciou-se a Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética, a qual trabalhava incessantemente para conseguir a sua capacidade nuclear, e assim ter meios de dissuasão contra qualquer guerra com os Estados Unidos. (Notar que sob o ponto de vista soviético, era admissível a hipótese de serem atacados pelos Estados Unidos). Inglaterra e França também buscavam a capacidade nuclear e, logo após a Rússia, ingressaram também no seletor clube atômico, o que ocorreu no final da década de 40, início da década de 50. Em 1950, a Coreia do Norte invade a Coreia do Sul. Os Estados Unidos, com o apoio das Nações Unidas, intervêm no conflito e desembarcam em Inchon, praticamente vencendo a guerra. Entretanto a China de Mao Tse Tung, ainda não possuidora de arsenal nuclear, entra no conflito e, com as suas divisões, muda radicalmente a guerra em favor dos coreanos do norte. A Rússia de Stalin apóia a China. O General americano Douglas Mac Arthur, comandante das Forças da ONU, deseja resolver o conflito rapidamente bombardeando a China com o uso de armamento atômico, se necessário. O Presidente americano Harry Truman, percebendo o perigo de uma hecatombe nuclear, demite o maior general americano do último século, e a guerra acaba com um armistício assinado em 1953 e que, até hoje, não resolveu inteiramente a questão. Naquela época, a China

“Qual a vantagem de possuir armamento nuclear? Qual a vantagem de se gastar milhões de dólares...?”

ODENÃOOPROLIFERAÇÃO

“A História registra inúmeros casos de países que perderam a sua soberania por meio de pressões militares.”

não possuía armamento nuclear, mas a Rússia sim, e tornou claro que entraria no conflito. Os americanos recuaram. Crise dos mísseis em Cuba, 1962. A União Soviética de Kruschev instala mísseis em Cuba apontados para Miami, a 150 milhas de distância. Aquilo foi intolerável para os Estados Unidos, que se sentiram ameaçados, embora esse país tivesse mísseis apontados para a União Soviética a menos de 150 milhas do território russo. O Presidente norte-americano Kennedy declarou que os Estados Unidos não admitiriam essa situação e obrigou os russos a interromperem o envio de mísseis para Cuba e a desativarem os já instalados, com uma ameaça de guerra, inclusive nuclear, se necessário fosse. Desta vez quem recuou foram os russos. Vietnã, ainda na década de 60. Os Estados Unidos não puderam ganhar a guerra por meios convencionais e estavam limitados pela China que já possuía, ou estava em vias de possuir, arsenal atômico e meios de lançá-los. (Um conflito com a China provavelmente arrastaria a União Soviética para o lado dos chineses). Meados da década de 60. A União Soviética invade a Tchecoslováquia e, apesar dos protestos das Nações Unidas liderados pelos americanos, nada acontece, e os russos mantêm os seus blindados como força de ocupação. Novamente o poder de dissuasão limitando politicamente a dimensão do conflito. Dentro desse pequeno ensaio sobre capacidade de dissuasão, poderemos inferir que os Estados Unidos, ou qualquer outra potência com poder nuclear, só atacam potências mais fracas, isto é, que não possuam capacidade de retaliação. E o Brasil? Poderemos manter a nossa soberania territorial neste século em que, ao que tudo indica, até a água será motivo

para disputa? Qual o poder brasileiro de dissuasão no caso muito real de termos problemas não com Cuba, ou com países que foram ou são comunistas, mas com os Estados Unidos? Assistimos, nos últimos anos, a um total desmantelamento das Forças Armadas brasileiras e de sua indústria bélica também. A adesão do Brasil ao *Pacto de Não Proliferação de Armas Nucleares* tornou o país extremamente vulnerável neste século em que a guerra é, como sempre foi, o coroamento da política por outros meios. Enquanto os Estados Unidos se dão o direito de intervir onde e quando acharem necessário para a manutenção dos seus interesses, mantendo assim a *Pax Americana*, a China invade o Tibet, país que não tinha nenhuma possibilidade de resistência, e a Rússia invade o Afeganistão, numa espécie de Vietnã ao contrário. Poderá o Brasil ficar alheio ao problema, como se fossemos inatingíveis por catástrofes dessa natureza? Nós brasileiros devemos e temos obrigação de nos conscientizarmos do problema, a fim de tomarmos as providências necessárias, as quais são, em primeiro plano, o aumento da capacidade de pronta-resposta das Forças Armadas brasileiras num plano de guerra convencional. Paralelamente, trabalhar para a obtenção da capacidade de retaliação nuclear, o que não será tarefa fácil, mas de prioridade absoluta para a manutenção de nossa soberania. Caso não obtenhamos um Poder de Dissuasão que afaste os possíveis inimigos, acabaremos perdendo território, talvez ainda dentro das três primeiras décadas do século. Este território será tomado de nós através de Forças Armadas Convencionais ou até mesmo de tratados que tenhamos de assinar por falta absoluta de meios para reagir. A História registra inúmeros casos de países que perderam a sua soberania por meio de pressões militares. O único argumento que um país militarmente mais fraco tem contra um país mais forte é a Dissuasão Nuclear. ✈

“O único argumento que um país militarmente mais fraco tem contra um país mais forte é a Dissuasão Nuclear.”

Wylton Silva
Ten.-Cel. Av. Ref.

Escudo Raço

“Aos nossos dirigentes políticos, refletir sobre os verdadeiros objetivos das nossas Forças Armadas, é preciso.”

É Incontestável, sólido e por demais conhecido o significado da missão a ser desempenhada pelas Forças Armadas de qualquer país do mundo. Ou não?!

Acredita-se que as doutrinas e os meios a serem aplicados para sua manutenção necessária dependerão sempre de acertos políticos.

Explica nosso ilustre Professor Jorge Boaventura, em suas conferências, que: a sociedade é tribal. E como tal possui uma organização semelhante à de uma comunidade silvícola, onde existe o trabalho diário de seres com arco e flecha exercendo sua defesa de um possível ataque de animais ferozes, bem como de outros bípedes, com vistas a ampliar seus domínios e riquezas, retirando-as do solo vizinho...e assim aqueles tribais defensores assemelham-se aos militares dessas Forças Armadas, que no entender do aludido professor são: a materialização física do instinto de sobrevivência.

Na aplicação desses conceitos repousa o exercício tranqüilo da Segurança Nacional de qualquer povo...penso. Mas o que temos? A força e o poder necessário para a aceitação dessa filosofia, minimizados pelo entendimento errado dos nossos políticos sobre as adequadas noções de Defesa e Ações Cívico-Sociais que globalizam os objetivos das nossas Forças Armadas, apesar de, nas três Armas, suas escolas de formação apresentarem um ensino teórico tático, técnico e estraté-

tégico de alto nível. Mas o que adianta essa teoria se na prática deteriora-se a aplicação desses ensinamentos: uma Armada sem os adequados vetores de Defesa para atender tão imensa costa; um Exército afogado em equipamentos, em sua grande maioria, da década de 60 (sessenta) – obso-

letos para a Defesa de tão grande continente; e uma Força Aérea com mais de 50% de sua frota parada.

Vemos o alicerce magno de uma força militar: sua disciplina; antes rígida e séria – hoje curvada e ridicularizada, talvez pelo desinteresse de seus mentores e seguidores... Qual a razão?!?

Em carta assinada por Moniz Barreto a El-Rey D. Carlos, em 1893, escrevia: “Senhor, em uma de suas casas existem homens que vivem em comum... conhecemo-los por militares que desprezam a morte e o sofrimento físico... é tão grande a beleza de suas ações que os poetas não cansam de celebrar em suas canções... mas publicistas de vista curta acham-nos caros como se alguma coisa fosse mais cara que servir... e eles calados continuam guardando a Nação... e quando se põem em marcha a sua esquerda vai a Coragem e a sua direita a Disciplina.”

E o que dizer hoje? Principalmente aos jovens idealistas que anseiam servir ao seu país por intermédio das Forças Armadas? Onde achar a motivação própria para o incentivo dessa carreira? Mas como motivá-los com esta plethora de crises econômico-financeiras, embutidas em exemplos ilícitos de alguns muitos políticos, alardeadas exaustivamente por todos os meios de comunicação? E a não firmeza de

“Vemos o alicerce magno de uma força militar: sua disciplina; antes rígida e séria – hoje curvada e ridicularizada...”



chado

propósitos desses homens públicos, que atinge, de certo modo não democrático, essas Forças?

Anuncia-se vir por aí uma nova Lei de Segurança Nacional. Segundo Carlos Chagas em uma de suas crônicas: “...Segurança Nacional envolve as Forças Armadas, tornando-se necessário inserir no texto a punição para aqueles que, propositadamente, tentam enfraquecê-las, seja cortando verbas orçamentárias im-

prescindíveis, seja desviando-as de suas atribuições constitucionais.” E continua Carlos Chagas: “seria punida com prestação de serviço civil obrigatório a simples proposta

para Exército, Marinha e Aeronáutica subirem morros, combatendo o

narcotráfico, ou permanecerem no asfalto enfrentando os camelôs. Vacilar na defesa da integridade territorial do país também constituiria atentado contra a Segurança Nacional, como paralisar a implantação do Projeto Calha Norte ou não reagir às investidas internacionais sobre a Amazônia...”

Estamos com novo governo e com novas esperanças. Noticiam usar as Forças Armadas na Integração Nacional do país, como se as FA nunca a tivessem feito. Meu Deus!!! Lembro-me bem que, nos idos de 1960, os pilotos de B-25 (Bombardeiro Médio da Segunda Guerra Mundial), aproveitando suas viagens de treinamento obri-

gatório, utilizavam o espaço do *Bombay* (compartimento de bombas) do B-25 para carregar alimentos e roupas para as regiões ribeirinhas do Norte e Nordeste do país, bem como para as áreas de fronteira, sempre em conjunto com o Exército e a Marinha. Tínhamos o vetor aliado à vontade política.

Aos nossos dirigentes políticos, refletir sobre os verdadeiros objetivos das nossas Forças Armadas, é preciso. Aos nossos comandantes, redimensionar recursos, recuperar equipamentos elevando o nível, *reatualizar* a teoria estratégica nas escolas superiores, reequipar filosofias antigas, também é preciso.

E se as mudanças não se realizarem no tempo em que são necessárias, com a modificação adequada da vontade política, vamos assistir um país sem superioridade tecnológica, com seu Escudo de Defesa Rachado. ✈

“...e quando se põem em marcha a sua esquerda vai a Coragem e a sua direita a Disciplina.”



Carlos Alberto de Paiva
Cel. Av. RR

“...não se tratou de um ato passageiro, fruto de mera casualidade...”

Em agosto de 1996, o *Arauto* publicava texto do Cel. Av. RR Alfredo Muradas Dapena, tratando do relacionamento de Santos=Dumont com as mulheres. Dizia ele que Alberto Santos=Dumont dedicou um carinho especial às mulheres, usando os homens para construir seus inventos e as mulheres para usufruir deles. Identificou-o como um homem excêntrico por ter andado de avião quando ninguém o fazia. E sublinhou que não existe na História um brasileiro que tenha seu nome – Dumont – constituindo personagem de maior orgulho nacional, sendo justo, portanto, que todos queiram identificar-se com ele.

Isso mesmo! Há alguma coisa mágica que nos impele a tentar entender aquele homenzinho, aparentemente frágil, com particularíssimos traços pessoais – de fisionomia, de trajar, de relacionar-se e de compreender o mundo à sua volta.

Sua inteligência privilegiada impulsionou-o pelos caminhos da Ciência e da Arte, promovendo discontinuidades bastante exploradas por analistas de todos os tempos. Há, entretanto, um pequeno detalhe que necessita ser reconhecido e tratado com destacado realce – sua assinatura com o sinal de igualdade: Santos=Dumont.

Devido a essa peculiaridade, aparentemente deixada ao acaso, venho tentando descobrir o porquê de a partir de um determinado momento, Alberto ter começado a assinar com o sinal de igualdade. Seria mais uma de suas excentricidades?

Por que foram despendidos tantos esforços para justificar o uso do hífen no nome de Alberto, e não se valorizou o sinal de igualdade, que se constitui numa característica ímpar, seja lá a justificativa que se queira dar?

Certa vez, meu comandante, que participara ativa-

mente da organização das comemorações do centenário do nascimento de Santos=Dumont, relatou-me ter tomado conhecimento que Alberto, ao ser inquirido sobre o porquê da igualdade, teria explicado que assim procedendo desejava dar o mesmo valor às suas descendências, brasileira e francesa, posto que as mesmas não se superpunham, superavam ou subtraíam: elas se equivaliam!

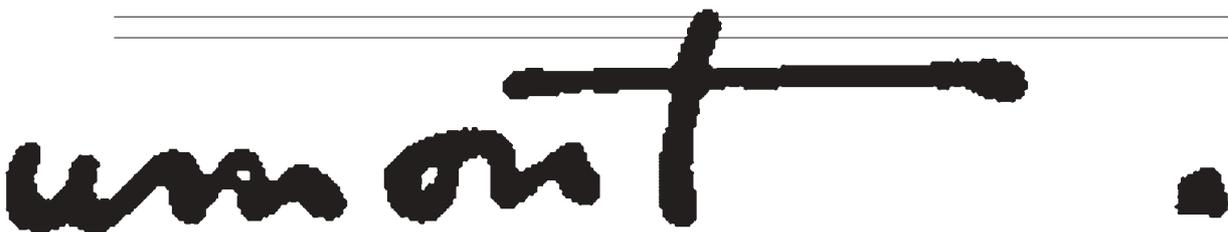
Intrigado, observei que sua assinatura, no início, não continha nenhum sinal entre Santos e Dumont; posteriormente ele interpôs um hífen, que, ao final, foi substituído pelo sinal de igualdade. É lícito concebermos que aquele hífen o tenha incomodado, por poder denotar subtração de valores. Por sua sensibilidade, com notável perspicácia para os detalhes, cuidou de corrigir a conotação negativa. Assim, traduziu a fusão de sua herança genética, definitivamente, com um sinal de igualdade entre Santos e Dumont, integrando seus valores brasileiros e franceses. Só um ser de elevada sensibilidade poderia ter feito isso!

Deve-se notar que não se tratou de um ato passageiro, fruto de mera casualidade, que o agradara momentaneamente, posto que, ao iniciar a assinatura com a igualdade, não mais deixou de utilizá-la.

Após várias consultas, não consegui comprovação daquele relato. Resta para nós a inequívoca mudança de estilo no traço do próprio autor, com a manifesta vontade de que tal sinal traduzisse seu estado de espírito. Pode-se considerar que se tratava de marca particularíssima,



“Só um ser de elevada sensibilidade poderia ter feito isso!”



Uma Assinatura *sui generis* !

fruto de uma inteligência promotora de discontinuidades, com características próprias de sua humanitária excentricidade.

Ora, se não há registro do porquê do uso do hífen ou do sinal de igualdade, é possível conceber que quaisquer razões que tenham levado à utilização do hífen como *marca da assinatura* de Alberto tornar-se-ão mais fortes para que se adote o sinal de igualdade. Ao adotá-lo, não estaremos sendo caprichosos nem piegas, mas reconhecidos. É, no mínimo, marca de um gênio. Mesmo sem razão alguma, o sinal de igualdade como fato é significativo. Resta-nos reconhecê-lo como elemento histórico e dar-lhe o devido valor.

Poderíamos parar por aqui, e provavelmente deixar tal sinal de igualdade permanecer no ostracismo, não fosse o acaso um zeloso auxiliar nas descobertas. Passava eu por uma das alamedas do Cemitério São João Batista quando me chamou a atenção o mausoléu da família Dumont. Dirigi-me até ele e fiquei a observar os detalhes do monumento, bem como as mensagens contidas nas placas ali depositadas.

Sem estar preocupado com qualquer pesquisa, de repente deime conta do que estava constatando: bem na minha frente, na derradeira despedida a seus pais, Alberto fizera insculpir na lápide sua definitiva intenção ao assinar **Santos=Dumont**. Não menos significativas foram as demais mensagens dedicadas à família, que, pelo cinzel, manifestaram seu reconhecimento e admiração ao registrarem o nome Santos=Dumont.

Portanto, por que olvidar detalhe de particular genialidade,

quando outros foram capazes de reconhecer a vontade de Alberto? Por que prevalecer o hífen como marca de sua assinatura, se caiu em desuso pelo próprio autor? Será devido ao fato de alguns entenderem que não faz sentido o sinal de igualdade, porque nosso idioma não o contempla para unir elementos de palavras compostas? Ora, Santos=Dumont estava acima das limitações humanas: não pediu para voar nem para produzir suas inúmeras criações. Ele apenas o fez...

Não parece que tais ilações se justifiquem, mesmo porque, sabidamente, por sua cultura, ele não abusaria do idioma. Sabia o que estava fazendo. Era excêntrico: elevou-se com o mais-pesado-que-o-ar, trouxe a lume diversas inovações e substituiu o hífen pelo sinal de igualdade no seu nome.

“Falha? Não...sinal de genialidade!”



Assim, creio que é hora de ser reconhecida a assinatura de Alberto Santos=Dumont com o sinal de igualdade, porque não existe na História um brasileiro que tenha seu nome, e tampouco se conhece quem, antes dele, tenha inserido em sua assinatura o sinal de igualdade. A marca é dele próprio...

Que se retifiquem os nomes nos logradouros, nos livros, nas organizações militares, nos monumentos e noutros locais mais onde estiver lavrado, dando lugar ao nome Santos=Dumont como ele o quis.

Falha? Não...sinal de genialidade!

Isso ainda é o mínimo que podemos e devemos fazer para reverenciar a memória desse homem que tanto nos orgulha e que sempre haverá de nos surpreender com atitudes *sui generis*. ✨

Sala Demoiselle: novo espaço no MUSAL

Vilma Souza dos Santos
Cap. QFO Mus.



Museu Aeroespacial, dentro do seu plano de trabalho, tem se empenhado em criar soluções dinamizadoras dos serviços que a instituição oferece ao visitante. Esses serviços podem ser resumidos em ações como colecionar, proteger, interpretar e expor os bens materiais do passado.

No que se refere à comunicação, a exposição é o recurso que mais aproxima o Museu do seu público, onde o visitante pode tomar conhecimento de todas as atividades levadas a efeito pelos diversos setores da instituição.

A Sala de exposições temporárias *Demoiselle*, inaugurada em julho de 2002, foi idealizada para ser um espaço destinado a montagens de exposições de caráter provisório, com o duplo papel de ampliar as informações sobre os aspectos abordados na exposição permanente, bem como ser uma espécie de mídia museológica, divulgando, junto à imprensa, o valioso patrimônio cultural sob a guarda do Museu Aeroespacial, guardado, inúmeras vezes, na Reserva Técnica ou no Arquivo por falta de espaço físico.

A proposta é inaugurar a cada quatro meses uma exposição diferente, cujo tema gire em torno da Aviação, possibilitando com isso maior dinamismo à instituição e o retorno do visitante ao MUSAL outras vezes. A primeira mostra foi sobre a *História da Aviação*

através da Filatelia e, atualmente, encontra-se montada a exposição *Aviação do Campo dos Afonsos nos Movimentos de 1924, 1930 e 1932*.

Tantos são os temas, que já existe um calendário de exposições praticamente completo até 2007, comprovando o potencial que existia no Museu e não estava sendo explorado.

O horário de visitação do Museu Aeroespacial é de terça a sexta-feira, das 9 h às 15 h. Sábados, domingos e feriados, das 9h 30 às 16 h, com entrada franca.

O MUSAL fica na Avenida Marechal Fontenelle, 2000 – Marechal Hermes. Nosso site é www.musal.aer.mil.br.

Revista 
aeronáutica

2003

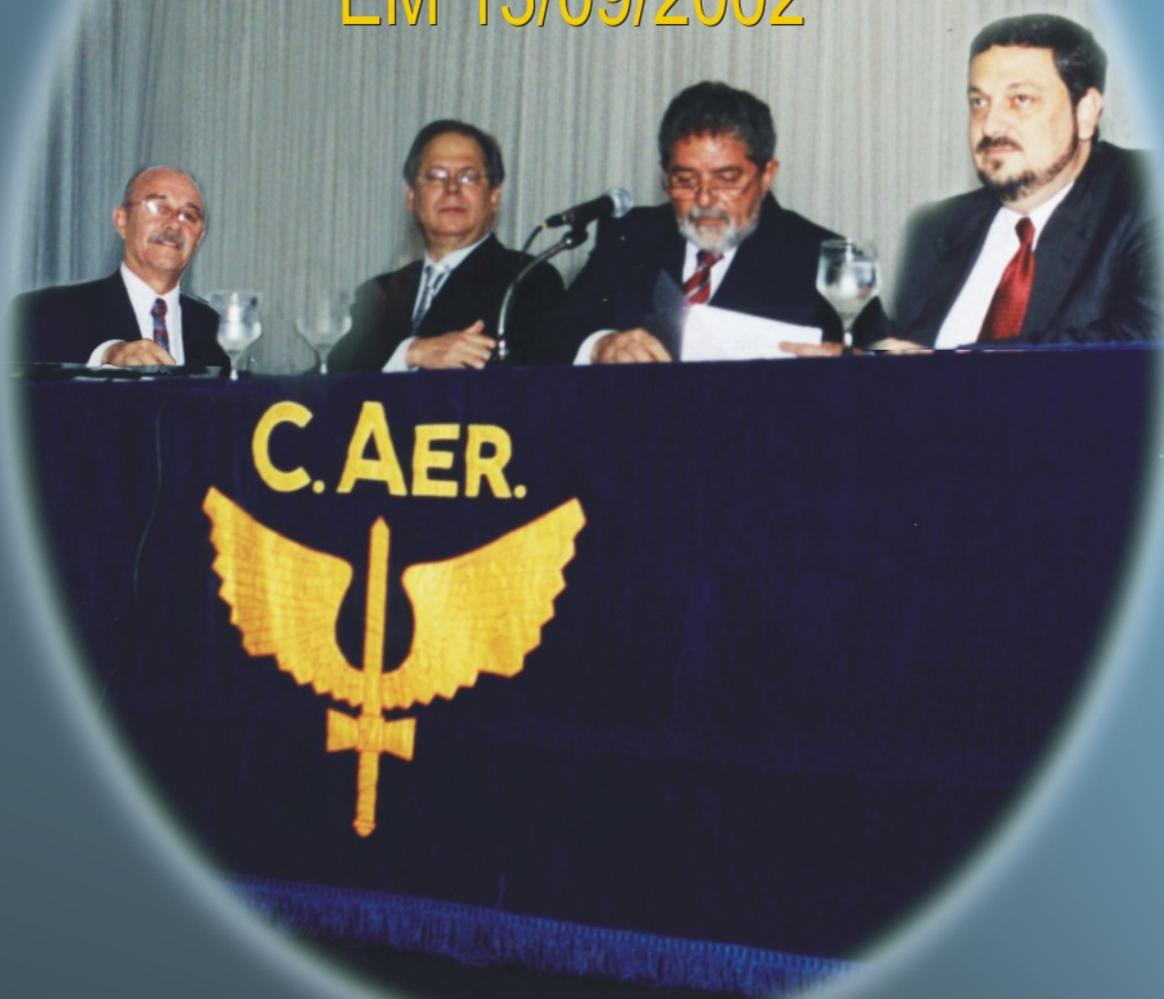
E-mail: caerorj@domain.com.br

Número 237

PALESTRA

DO PRESIDENTE LULA
NO CLUBE DE AERONÁUTICA

EM 13/09/2002



ENCARTE

Palestra do Presidente, à época candidato Sr. Luiz Inácio Lula da Silva em 13/12/2002 (Transcrição)

Caros leitores,

No dia 13 de dezembro do ano de 2002, recebemos no auditório de nosso Clube a visita do então candidato à Presidente da República o Sr. Luiz Inácio Lula da Silva que, a convite da Comissão Interclubes Militares, proferiu uma palestra sobre seu Programa de Governo, com ênfase no papel das Forças Armadas.

Este encarte à Revista aeronáutica transcreve na íntegra toda a palestra e tem como objetivo dar conhecimento aos sócios que não puderam assistí-la; deixar registrado no histórico de nosso Clube um acontecimento bastante significativo; e, finalmente, possibilitar ao leitor guardá-lo para consultas eventuais nos próximos 4 anos de mandato do nosso Presidente.

Conselho Consultivo da Revista Aeronáutica

Candidato Lula: Bem, eu queria começar cumprimentando o Vice-Almirante Odilon Luiz, Presidente do Clube Naval; o General-de-Exército Luís Gonzaga Neto, Presidente do Clube Militar; e o Brigadeiro Danilo Paiva Álvares, Presidente do Clube de Aeronáutica.

Lembro a vocês que este convite, para mim, é importante, e a nossa presença, enquanto Direção de Partido; enquanto coordenadores de campanha, é mais importante ainda, na medida em que nada será mais importante do que nós sermos conhecidos pelo que nós somos, pelo que nós pensamos, e não por aquilo que os outros falam de nós. Esse é o primeiro contato que eu tenho direto, e acho que é uma oportunidade ímpar para conversar um pouco sobre o Brasil.

Mais ou menos, eu vou repetir um pouco do que falei pela manhã. Quem já esteve de manhã, vai ouvir pela segunda vez. Mas a maioria não participou àquela hora.

Quando o PT começou a discutir a sua candidatura, a primeira coisa que ferveu na discussão do Partido era que a oportunidade para o PT disputar esta eleição era a melhor de todas as oportunidades que ele já teve. Primeiro, porque o PT está muito mais calejado depois de 22 anos de idade de nascimento. Segundo, porque as experiências administrativas do PT têm sido experiências exitosas, na medida em que nós governamos em cinco estados da Federação, governamos sete

capitais, e governamos 180 cidades, parte delas, cidades com mais de 200.000 habitantes; e o PT, por conta disso, é um partido que tem ganho, praticamente, 50% de todos os prêmios oferecidos por fundações como a Fundação Getúlio Vargas, como a Fundação Ford, e como a UNICEF, por todas as experiências públicas adotadas pelo PT. A começar pelo Orçamento Participativo, que foi a marca mais forte do nosso partido, criando as condições para que o povo de uma cidade ou de um Estado decida onde e como será gasto o dinheiro arrecadado do próprio povo, além do que, decidir as prioridades. A segunda, porque o PT tem sido um partido que tem cuidado, de forma extraordinária, com a questão da saúde pública, a questão da educação, do trato das crianças de rua. Isso tem dado muitos prêmios ao PT! Então o PT sentiu a necessidade de que essa campanha fosse UMA CAMPANHA, e que, por ser a chance mais importante que o PT tinha para ganhar as eleições, o PT resolveria, então, se abrir, para alargar o leque de alianças que nós tínhamos que fazer.

No início, tentamos fazer alianças com setores do PMDB, que eram dissidentes do Governo. Já tentamos fazer alianças com o PSB...o PPS, e não foi possível, porque eles decidiram lançar candidatos. Como nós chegamos aonde chegamos, porque tínhamos candidatura própria, ao longo desses anos todos, nós não te-



mos nada contra o fato de que eles tenham candidatos. Lamentamos que não tenha havido aliança, porque as pesquisas demonstraram que aqueles que fazem oposição ao Governo teriam quase que por volta de 70 % dos votos. Na medida em que nós nos dividíssemos, poderíamos facilitar a vida do Governo.

Mas, de qualquer forma, o jogo já está sendo jogado, não tem como mudar as campanhas que estão nas ruas e, mesmo assim, nós estamos com uma forte perspectiva de ganhar. Por conta desta responsabilidade, nós resolvemos fazer um programa de governo que fosse um programa atípico, que não fosse um programa que nós não pudéssemos trabalhar para cumpri-lo, durante um mandato de quatro anos.

O programa foi feito com base na experiência acumulada das outras administrações, com base na experiência acumulada, na nossa vivência na relação com o conjunto da sociedade e, eu quero crer, que fizemos o programa mais importante que um candidato já teve, para disputar as eleições no Brasil. E, também, porque este programa...ele resulta de uma experiência acumulada das derrotas que nós tivemos, ou seja, eu acho que no caso de nossa derrota, que vem desde 89, 94 e 98, ao invés de nos desanimar, a derrota serviu para que nós nos preparássemos melhor para outros enfrentamentos e, desde 1997, nós estamos trabalhando na elaboração de um programa de governo, fazendo um programa específico. Primeiro, fizemos um grande programa de moradia, depois fizemos um grande programa de combate à miséria, depois fizemos um grande programa de segurança pública, depois fizemos um grande programa de energia elétrica, fizemos um grande programa de educação, ciência e tecnologia.

E, com base nesses programas específicos, o Palocci envolveu aí milhares de pessoas, num debate nacional, que concluiu o programa de governo que nós estamos apresentando na campanha. Um programa de governo que tem, como base fundamental, a retomada do crescimento econômico e a geração de empregos para o nosso povo. E por que a retomada do crescimento? Porque somente o crescimento econômico, somente com o fortalecimento do mercado interno, somente com o aumento das exportações e com uma redução das taxas de juros o Brasil pode sonhar a voltar a crescer, à taxa de crescimento que nós já crescemos, em algum momento. É importante lembrar que nós estamos praticamente há 8 anos estagnados; que a economia cresce muito pouco e que nós estamos, neste momento, vivendo um dos maiores desníveis de desemprego de toda a História deste país.

São 12 milhões de desempregados e, ainda por cima, temos mais de 40% da população economicamente ativa vivendo na informalidade, ou seja, contribuindo para dificultar, ainda mais, os projetos de seguridade social que nós temos no país.

Quando nós falamos em crescimento, normalmente as indagações aumentam: como faremos o Brasil crescer, se o Orçamento previsto pela União não dá margem de manobra para que tenhamos dinheiro para investimento?

Primeiro, nós achamos que, a partir do dia 30 de outubro, se ganharmos as eleições, nós vamos ter que rediscutir com o próprio Governo as diretrizes orçamentárias aprovadas no Congresso Nacional, porque o que tem para investimento é uma quantia muito pequena: 7,9 bilhões de reais. Segundo, porque existe um outro montante de dinheiro que não passa pelo Orçamento que é o dinheiro do BNDES, que é o dinheiro do FAT, que é o dinheiro do Fundo de Garantia, que é o dinheiro do Banco do Brasil, da Caixa Econômica, do BASA, ou seja, os quais perfazem um total de 126 bilhões de reais, e que podem efetivamente ser aplicados em coisas que signifiquem a retomada do crescimento.

Quero lembrar a vocês que nós somos um país *sui generis*. O Brasil já teve uma poupança interna da ordem de 23% do PIB e hoje nós temos uma poupança interna de apenas 17% do PIB. Poderiam fatalmente dizer: podemos aumentar esta poupança interna. Nós somos um país de poder capitalista, aonde o capital está proibido, de um lado, para financiar o capital de giro das empresas, de outro lado, está proibido para financiar os consumidores que querem comprar um pouco das coisas que ele próprio produz. Se uma família hoje quisesse comprar uma geladeira em quatro prestações, ou melhor, em 12 meses ou em 24 meses, ela certamente pagará o equivalente a três geladeiras, porque a taxa de juros é uma das mais altas do mundo, a nível de consumidor. O outro ingrediente é a necessidade de reduzir a taxa de juros. Obviamente que eu não seria leviano de chegar aqui e dizer para qualquer pessoa que se pode reduzir a taxa de juros dos 18% de hoje para 5% de amanhã, porque nem vocês acreditariam, nem eu acreditaria no que estou falando, mas nós temos que criar condições de reduzir a taxa de juros, porque, a continuar assim, o país está proibido de crescer e, se ele estiver proibido de crescer, nós não vamos gerar a riqueza que nós precisamos para gerar empregos, gerar salários, gerar renda para as pessoas que querem trabalhar no nos-

so país.

Então, o eixo principal do nosso programa de governo é o desenvolvimento econômico e a geração de empregos. Nós estamos trabalhando com muito carinho, no sentido de fazer mudanças nas normalizações do Banco Central, para começar a criação de empréstimo nesse país, a fim de ver se colocamos dinheiro para funcionar. Eu acredito que há grande possibilidade da gente fazer um incentivo muito grande para criação de cooperativados no Brasil, para que as pessoas possam ter seu dinheiro a 2,5% como eu vi ontem na COOTRABALHO, em Maringá, no Paraná, e não a 8,5% como a gente tem que fazer quando dá o cheque especial nosso para pagar uma dívida ou para comprar alguma coisa. E ao mesmo tempo, nós queremos incentivar uma outra coisa; queremos incentivar a criação de fundo de pensões por categorias organizadas. Nós achamos que é plenamente possível, nós temos que criar uma cultura para que as pessoas se sintam capazes de atender o apelo do Estado para fazer uma capitalização que a gente veja num país grande como esse. Dinheiro para poder financiar o setor econômico e financiar o crédito. Tem países que o dinheiro disponível para crédito é quase que 100% do PIB. No Brasil, o dinheiro disponível para crédito hoje, significa apenas 28% do PIB, ou seja, é quase nada diante do que nós precisamos. E estamos vivendo uma situação delicada, porque, em determinado momento histórico, o Governo brasileiro entendeu que o modelo de estabilização econômica que ele precisava para o país era o de vender os nossos ativos públicos a um preço muito barato e fazer uma política de juros bem altos, como atrativo pra trazer para cá capital estrangeiro. Bem, o que aconteceu é que nós nos desfizemos de nossos ativos públicos; hoje temos poucos ativos públicos e continuamos devendo mais do que quando tudo começou, ou seja, possivelmente já sejamos um país que construiu, em oito anos, o maior passivo da nossa História, sem termos nenhum ativo para mostrar. Olha, uma dona de casa quando compra uma geladeira, ela fala pro marido, ou o marido fala pra ela: – *Olha, nós temos uma dívida agora, mas está aqui a minha geladeira, assim nova, e podemos até fazer um sorvete à noite.* Está aqui o caso típico do ativo. Nós não temos ativo. Nós não temos nenhuma grande *deleta* para mostrar: olha, fizemos uma dívida enorme, mas está aí Itaipu pronta, produzindo não sei quantos megawatts. Nem isso nós temos. Mas o resultado de tudo isso foi que, no ano passado, o povo brasileiro foi pego de surpresa com o *apagão*. Quando todo mundo dizia que o Brasil estava extraordinário, que o avanço do Brasil estava dando certo, o caminhão entrou de mar-

cha a ré e o povo brasileiro, se não fosse solidário e se não tivesse noção de solidariedade, teria tido um caos. Porque o povo economizou 20% ou mais de energia e agora está pagando porque economizou, porque as empresas reivindicaram que o Governo devolvesse para elas o dinheiro relativo ao prejuízo que elas também não tiveram, porque também não produziram energia, ou seja, nós estamos pagando por termos sido solidários ao Estado brasileiro, por termos economizado. Esse é o país que nós vamos pegar a partir do dia 1º de janeiro, se ganharmos as eleições. É um país numa situação difícil, numa situação complicada, mas, ao mesmo tempo, nós estamos motivados e sabemos que estas complicações é que podem fazer com que a gente consiga fazer o Brasil dar certo. Eu acredito no mecanismo de fazer política diferente do que tem sido adotada no Brasil nos últimos anos. Eu queria lembrar a todos vocês que o Governo de Juscelino Kubstchek, para dar um exemplo muito importante na vida deste país...Ah! Porque outro dia eu disse do crescimento econômico na década de 70; a imprensa disse que eu estava elogiando o regime militar...então, hoje eu vou dar um exemplo de um momento muito democrático no Brasil, que foi o momento de JK, em que a economia cresceu em 7% ao ano, a produção industrial cresceu em 80%, a produção da indústria mecânica brasileira cresceu 380%, a indústria de produção de materiais de transporte cresceu 600%, e o PIB brasileiro dobrou, ou seja, em quatro anos de mandato de Juscelino o PIB brasileiro foi três vezes maior do que todos os outros países da América do Sul, numa demonstração de que também você pode crescer em pleno regime democrático, sem nenhum problema. O que se precisa é definir estrategicamente o tipo de desenvolvimento que você quer para você poder também definir estrategicamente os investimentos. O Governo atual optou pelo dinheiro fácil: *Bem, eu tenho um patrimônio, vou vender o patrimônio e com esse dinheiro vou resolver os problemas.* Conclusão, gastou-se no Brasil quase 90 bilhões para sanear as empresas que foram vendidas e as venderam por 98, ou seja, o resultado final foi 8 bilhões de lucro e teve de pagar juros, portanto não teve lucro nenhum. Eu tenho dito que a opção correta para um país crescer é oferecer atrativos para trazer investimento do exterior; sobretudo do exterior é que você tem que oferecer três outros ingredientes, ao invés de oferecer empresas públicas e juros altos. Você tem que oferecer infra-estrutura, mão-de-obra qualificada e mercado. Por que o Brasil não tem mercado? Qualquer área capitalista do mundo terá que querer investir num país que tenha o mercado consumidor para comprar os seus produtos. Nós acha-



mos que o crescimento econômico é a única possibilidade que nós temos de tirar esse país da encalacrada em que ele se encontra. Em 1994, nós éramos a oitava economia mundial. Hoje nós somos a décima primeira economia. O Brasil já pagou mais salários do que está pagando hoje. O povo já teve uma faixa salarial que já caiu, nesses anos, mais de 10%. Tudo indica que todos nós ficamos um pouco mais pobres. O Brasil já teve uma participação no comércio exterior de 1,5% de tudo que era o foro do comércio exterior, onde o Brasil teve 0,8%, ou seja, andamos para trás, também nessa questão da própria política de exportação. Isso porque o nome do programa governamental chama-se *Avança Brasil*. Imagina se fosse *Recua Brasil*. Nós temos clareza de que não teremos facilidade pela frente. Nós temos clareza da vulnerabilidade que o Brasil está vivendo, mas temos um otimismo ímpar de que é possível, com muita seriedade, estabelecer um novo padrão de diálogo com a sociedade brasileira, coisa que inexiste nesses últimos anos. Só para você ter idéia, em oito anos de Governo só houve duas reuniões de Governadores de Estado neste país, e só houve duas reuniões ministeriais. Em oito anos de Governo! Ora, se eu não reúno meu Ministério, se eu não reúno meu Estado, se eu não converso com empresários, sindicalistas e militares, se eu não converso com intelectuais, com quem eu vou conversar? Noutro dia, não sei se vocês viram no programa *Bom Dia Brasil*, a jornalista me fez uma pergunta interessante, de como é que eu iria lidar com a solidão do Poder. Primeiro, se tem uma coisa que não deve dar solidão é o Poder, porque a quantidade de assessores que tem um Presidente da República é mais do que tudo que está aqui dentro desta sala. Então, só se isola quem quer se isolar. Como eu não acredito que o Presidente da República tenha que saber de todas as coisas que tem que fazer no país. Se ele tiver a boca menor do que os ouvidos, e portanto, se ele ouvir mais do que fala, a chance dele errar é muito, mas muito menor, e ele não vai errar. Se ele ouvisse, por exemplo, o que os técnicos brasileiros informaram, desde 1996, que a gente ia ter uma crise de energia, a gente não teria tido a crise de energia. Não ia ter! Ou seja, então a grande coisa que falta para o nosso país hoje é uma palavra que parece mágica, sabe? Mas é a palavra que eu mais tenho usado. O que falta no Brasil é planejamento estratégico de longo prazo: que nação nós queremos ser daqui a vinte ou trinta anos? Se a gente não definir o tipo de nação que nós quisermos ser, e nós não planejarmos isso de forma adequada, envolvendo a participação de todos os segmentos da sociedade, a gente vai ficar trabalhando, tendo em conta que o mandato de um

Presidente é de apenas quatro anos. E a gente vai ficar apenas atendendo os interesses sócio-conjunturais e não vai pensar para o país grandes estratégias que nós queremos construir, ou seja, ao invés de fazer uma grande cirurgia, você fica fazendo curativos por trás de curativos, até o paciente pegar uma infecção hospitalar, como nós estamos pegando agora. Então, este país tem que pensar grande, porque ele é grande. Este país não pode continuar sendo tratado como se fosse uma coisa menor, como se fosse uma coisa sem importância, como se nós não tivéssemos auto estima, como se nós não nos respeitássemos enquanto Nação e como se nós não tivéssemos vocação para ter um país desenvolvido do ponto de vista econômico, desenvolvido do ponto de vista tecnológico, desenvolvido do ponto de vista militar da nossa defesa. Se a gente não pensar assim, não constrói nada. É por isso que vocês estão vendo na televisão que a palavra, sabe, planejamento, foi cercada de mentiras muitas vezes. É para as pessoas pensarem, e eu tenho até tentado, em debates populares, mostrar o planejamento que eu faço na minha casa para sobreviver. Eu fico imaginando o planejamento de vários cidadãos que ganham 200 reais por mês, para aquele dinheiro dar para trinta dias. Primeiro ele tem que planejar cada coisa, até o cafezinho que ele vai tomar. Ele tem que planejar porque, senão ele não toma o cafezinho. Então eu acho que planejamento é a palavra mágica que falta para este país; que este país deixou de ser planejado. Eu tenho dito sempre, para todo mundo ouvir, mas há quem diga que o Brasil foi pensado estrategicamente em três momentos históricos. Ele foi pensado com Getúlio, foi pensado com JK, foi pensado no regime militar, com planos decenais e plurianuais. E foi isso que aconteceu seriamente. Ora, nós temos divergências com o regime militar, por conta da falta de liberdade política, na época. Não me faz negar, no entanto, o fato histórico. Não me faz deixar de reconhecer o fato histórico. Este é um dado concreto e objetivo e eu acho que de lá para cá o Brasil deixou de ser pensado a longo prazo e planejado. E aí está esta coisa que você vê agora. Nós ficamos por conta das intempéries. A falta de planejamento faz com que o Nordeste brasileiro, sabe, continue, há 300 anos, sendo utilizado como se a seca fosse responsável por toda a desgraça do Nordeste, e não é, na verdade! A seca é um fenômeno que pode estabelecer uma política de convivência com a sociedade nordestina, com ela, sem nenhum problema. É preciso adequar a realidade do Nordeste, adequar o tipo de planejamento, o tipo de agricultura que queremos introduzir no Nordeste. Lógico que não é você ficar plantando arroz em cerrado nordesti-



no, não dá para você querer criar gado de corte; você pode criar outras coisas, você pode plantar outro tipo de coisa. Eu, por exemplo, estava discutindo, não é Dirceu?, com os usineiros nordestinos por esses dias, no estado como Pernambuco, por exemplo, a cana-de-açúcar é um problema, porque ela não tem competitividade com o Centro Sul do país. Em São Paulo, pode, porque haverá uma tendência da mecanização, e São Paulo produz, pelo menos, duas vezes e meia mais cana do que produz o Nordeste, então, do ponto de vista econômico, não é competitivo. Agora, se você não tiver planejamento, o que vai acontecer, é que pode aparecer um louco dizendo que vai acabar com a cana-de-açúcar em Pernambuco, e sem dizer antes o que vai colocar para aquelas pessoas poderem sobreviver de outros recursos. Por falta de planejamento sai no jornal a notícia de que tem corrupção que fecha a SUDENE. Sai uma notícia de corrupção que fecha o IBC, sai uma notícia de corrupção que fecha a SUDERJ, sai uma notícia de corrupção que fecha a SUDAM, ou seja, então seria mais barato para o Estado prender os corruptos e deixá-los em prisões, deixando a Instituição funcionando acertadamente. Este é o Brasil que nós vamos pegar a partir de 1º de janeiro, se ganharmos as eleições, e é este país que eu estou convencido de que nós temos condições de consertar. Agora, para consertar, nós temos que ter definido, antes, o que queremos e para onde vamos, porque se eu continuar privilegiando os incentivos às empresas multinacionais que têm faturamento maior do que a maioria dos Estados brasileiros têm de receita, e não priorizar o pequeno e médio empresário brasileiro e o pequeno e médio agricultor, eu vou ter sempre meus empresários quebrando e meu agricultor quebrando, e vou ter sempre as multinacionais numa performance de dízimo, que pegou 10 milhões emprestados do Governo para gerar noventa empregos, ou seja, é esta falta de tato, de planejamento, de objetividade, que falta no Brasil e que nós queremos introduzir, com muita força, para que este país possa voltar a ser respeitado, voltar a ser grande, e que a gente recupere a coisa que para mim, que na minha opinião, é mais sagrada, que é recuperar a auto estima do nosso povo. É para fazer com que o povo volte a ter orgulho de ser brasileiro, volte a acreditar que o nosso país possa crescer, voltar a ter referência, porque estamos perdendo, porque não há referência mais. O coitado do cidadão está na sua casa vendo televisão, aí está vendo a notícia do vereador que roubou não sei o quê, o deputado fez não sei o quê, o senador fez não sei o quê, o juiz fez não sei o quê, o Ministro fez não sei o quê; ele vai falar: — *Isto aqui é a casa de Maria Joana, todo mundo manda e*

rouba eu também roubo. Até nós chegarmos ao ponto de que, hoje, um ladrão não tem que estar em liberdade para comandar um assalto, e ele telefona e coordena da cadeia. Lá em São Paulo, um cara roubou do BANESPA 29 milhões de dentro da cadeia, por celular. Agora eu sou um cidadão que tenho endereço fixo, pago imposto de renda; para eu vir de São Paulo até aqui, eu tive que passar por uma máquina de raio X, tive que tirar meu isqueiro, tive que tirar minha cigarrilha, tive que tirar telefone e colocar na esteira, porque, se não, buzina. Agora, um cara para entrar na cadeia, entra com revólver, navalha, escopeta, telefone celular e ninguém sabe por onde entra isso, ou seja, há uma inversão de valor, ou seja, as pessoas honestas que trabalham é que estão trancafiadas dentro de casa, com medo de sair na rua. Eu tenho dito e vou repetir para vocês, para terminar esta primeira fase: hoje, no Brasil, não pensem que os problemas econômicos são os principais problemas que nós temos que enfrentar, não pensem. Os problemas econômicos são até relativos. Temos muitos economistas. Apesar de que os economistas não têm resolvido muita coisa ultimamente. Mas o problema hoje que eu acho mais sério no Brasil é o problema da desagregação da estrutura da sociedade brasileira. A perda de valores. Eu, com 57 anos, sou do tempo que, para entrar na escola primária pública, a gente tinha que ficar em pé e cantar o Hino Nacional. Mas hoje uma criança não vai para a escola para aprender. Vai para a escola por causa de uma merenda escolar, porque não, não...e se o professor der uma bronca, é capaz, em determinado lugar, sabe, dos estudantes se reunirem e darem uma surra no professor, ou seja, hoje nós temos um problema com a família brasileira, temos que recuperar o princípio elementar da família, os valores da família, porque o jovem não nasce bandido. Ele não nasce ruim, sabe? Não tem essa de um nascer com sangue bom e outro nascer com sangue ruim. A sociedade é que vai transformando um pouco cada um de nós para melhor ou para pior, e esses jovens que hoje estão na delinquência são resultado de um modelo desenvolvido pela sociedade brasileira, que tem levado as pessoas a não terem volta. Hoje, quando um Governo de Estado gasta 1.000 reais, 1.200 reais, 1.300 reais para cuidar de um adolescente da FEBEM, tentando recuperá-lo, ficaria mais barato dividir estes 1.200 reais por seis famílias e dar o salário desemprego para a família, e obrigar esta família a co-participar, de cuidar desta criança porque, quem sabe, quem tem que ser recuperada, não é a criança, é a família. E não existe espaço para discussão. Nós, então, queremos introduzir um novo jeito de governar. Eu vou dizer para vocês que o grande



centro do JK foi o Plano de Metas, foi o jeito que ele governou, ou seja, constituiu-se um grupo de trabalho, de cada segmento da sociedade tinha representante, e passou-se a discutir, então, os problemas de cada setor da sociedade. Eu acho que de qualquer jeito depende do que foi feito. A quantidade dos debates com empresários neste país – tem reunião que eu vou com empresários que a impressão que eu tinha é que os empresários conversavam todo dia com o Governo – quando eu parti para a reunião, o que eu ouço é que o empresariado não tem tido espaço para conversar; nem grande, nem pequeno, nem médio, ou seja, é um Governo fechado numa redoma de vidro, sem ouvir quem quer que seja, até para errar um pouco menos. Então nós queremos introduzir no Brasil uma coisa chamada diálogo, ou seja, nós vamos constituir grupos de trabalho com base em setores; porque eu tenho tentado passar idéias de que nós poderemos ser a única chance deste país ter um pacto social, um novo contrato social, e introduzindo, sabe, uma discussão muito democrática neste país. Nós temos seis meses ou um ano para fazer, porque se não fizermos no primeiro ano, a máquina engole o candidato, engole o presidente, engole os ministros, aí fica todo mundo só discutindo as coisas que os outros querem que a gente discuta, sem que a gente priorize discutir o que é interessante para nosso país. Então, é este país que nós estamos prontos para construir obviamente após as eleições. Ainda faltam 23 dias, nós não ganhamos nada, o jogo está sendo jogado, estamos tentando fazê-lo da melhor forma possível; vamos tentar fazer a campanha no nível mais elevado que alguém já fez neste país. Não sabemos até onde podemos chegar, mas, de qualquer forma, queremos fazê-lo da melhor maneira possível, tentando discutir todo e qualquer assunto que deve ser discutido neste país. No nosso programa, nós previmos, para o primeiro ano, reforma política, reforma tributária, reforma da estrutura sindical, estrutura de legislação trabalhista. Estamos propondo reforma previdenciária, estamos propondo reforma agrária e estamos propondo mudança na política de comércio exterior, ou seja, o Brasil, com uma diplomacia fantasticamente preparada para fazer diplomacia em época de Guerra Fria; acabou a Guerra Fria e começou a guerra comercial, e nós precisamos preparar a nossa relação exterior para fazer política de comércio exterior, onde ninguém quer levar desvantagem. Todo mundo quer exportar mais do que importar, todo mundo quer fazer superávit comercial e não déficit comercial, e aí vai precisar de muita competência. Nesta nossa proposta nós queremos criar Secretaria de Comércio Exterior ligada à Presidência

da República, e queremos criar mascates nas embaixadas. Mascates é um nome simpático! É uma coisa que me comove desde pequeno. Eu lembro quando chegava um, eu pensava que era turco, não sei se era turco, mas chegava na minha casa, com uma sacola de roupa, batia palma, minha mãe vinha no portão dizendo que não tinha dinheiro, mas em meia hora ela voltava com um pedaço de pano debaixo do braço, comprado para pagar em não sei quantos meses. É essa figura que nós queremos introduzir nas embaixadas brasileiras para atender o Brasil. O Brasil não é só carnaval, não é só criança de rua, não é só futebol. O Brasil tem coisas boas que precisam ser vendidas corretamente lá fora, porque este país tem tudo para se transformar numa grande Nação. É só a gente aprender a se respeitar, porque se nós não tivermos respeito por nós mesmos, ninguém vai ter, e nós queremos que a gente seja respeitado a partir de nós para que os outros possam também nos respeitar, e aí, quem sabe, construiremos a grande Nação que, no fundo, no fundo, é o sonho de todos os 173.000.000 de brasileiros que aqui moram. Obrigado.

Locutor: Vamos iniciar as perguntas.

Jornalista: Senhor Candidato, nós então vamos iniciar as perguntas. Inicialmente aquelas que foram elaboradas pela Comissão Interclubes. A primeira, o Senhor praticamente já respondeu, mas poderá naturalmente ter alguma coisa a acrescentar. Quais as razões que levaram V.S. a aceitar o convite da Comissão Interclubes Militares, a fim de apresentar suas idéias e o seu programa acerca da defesa nacional?

Candidato Lula: É uma razão simples. A primeira que eu já falei, é que eu prefiro que vocês me conheçam pelo que eu sou e não pelo que dizem que eu sou; a segunda porque como nós queremos governar o Brasil para 173.000.000 de habitantes, e queremos ouvir todos os segmentos da sociedade, eu não poderia deixar de reconhecer que as Forças Armadas Brasileiras são uma Instituição muito importante e que o Brasil precisa muito dela em muitas das decisões importantes que a gente vai tomar em defesa dos interesses brasileiros; por isso eu estou aqui.

Jornalista: Como V.S. vê o emprego das Forças Armadas em crises internacionais, em particular no continente sul-americano?

Candidato Lula: Olha, eu sou uma pessoa que acha que todos os conflitos nós temos que resolver da forma mais pacífica possível. Na América do Sul o Brasil só não tem relações, melhor dizendo, só não tem fronteira, com dois países, que são o Equador e o Chile. Portanto, aumenta a responsabilidade do Brasil como um país que deve ter



uma vocação; não a vocação de procelnista, de ser império diante dos mais frágeis, mas uma vocação procelnista no ponto de vista de ajudar até na ação mais diplomática de outros países em tempos de conflitos. Eu acho que o Brasil pode, inclusive, e as Forças Armadas Brasileiras têm, sabe, têm tecnologia suficiente, até para ajudar alguns dos parceiros mais pobres a ter acesso a coisas, em que nós poderíamos ajudá-los. Eu acho que falta um pouco desta vocação do Brasil para ser mais parceiro, mais companheiro da América do Sul. Eu sonho com integração política cultural na América do Sul, eu sonho em fazer o Mercosul dar certo; acredito nisso; acho que o Mercosul não deu certo porque, durante vários anos, nós contamos duas mentiras: o Real nunca valeu o Dólar, e o Peso nunca valeu o Dólar. Quando houve o desmoronamento da mentira, o plano, o método se fragilizou, mas eu estou convencido de que o Mercosul é um instrumento importante até para fazer com que, em qualquer negociação futura sobre a Alca, a gente aja em conjunto com outros países. O Mercosul tem que trazer mais gente, outros países, e vou mais ainda, acho que nós precisamos começar a tentar criar instituições multilaterais como foi feito na União Européia. Quem sabe, começar a criar Parlamentos no Mercosul; quem sabe começar, para um dia a gente sonhar com Moeda Única, com Banco Central, e isso vai levar tempo, porque nós estamos muito frágeis ainda.

Jornalista: No seu entender, que medidas poderiam ser implementadas, principalmente pelo Governo Federal, no sentido de adequar a expressão militar do Poder Nacional à estrutura político estratégica da Nação brasileira, em particular às suas necessidades básicas de Segurança e de Defesa?

Candidato Lula: Olha, eu acho que o Brasil tem clareza da importância de uma grande política de Defesa. Aliás, essa é uma das coisas: a gente não cria as Forças Armadas para a guerra; a gente cria e guia ela para a paz, e quanto mais forte, e quanto mais preparada ela for, mais chance a gente terá de ter paz. Se alguém perceber que a gente é frágil e fraco, qualquer um pode tentar se meter e querer ficar mais de perto e querer testar as Forças Armadas. Eu vou dizer mais: eu acho que as Forças Armadas Brasileiras têm um papel inclusive importante e amplo na sua função, sabe, de subsidiar e tentar ajudar, como na Amazônia. Eu estive 15 dias no anonimato na Amazônia para conhecer os igarapés abandonados, e lá a gente encontrava o quê? Um barco da Marinha dando assistência médica, fazendo vacina, ou seja, eu acho que estas ações são as chamadas ações paramédicas que as Forças Arma-

das têm dado ao Brasil, e acho que nós temos que levar, não sei da necessidade da preocupação da Amazônia mais corretamente, e cuidar melhor das nossas fronteiras. Nós somos um país com 8.500km de costa marítima, e sabemos que a nossa indústria naval foi rifada, a nossa Marinha Mercante foi rifada, e hoje, nós gastamos 4 bilhões e 700 milhões em fretes de transporte das coisas que a gente poderia transportar, sabe, com a nossa própria embarcação. Só para você ter idéia da gravidade do que é isso, o Brasil hoje produz apenas 700 toneladas para o mercado. O brasileiro come apenas 7kg *per capita*, quando a Organização Mundial de Saúde recomenda que deveríamos comer 13kg *per capita* para viver um pouco melhor. O Brasil importa peixe do Peru e importa peixe do Chile, o que é descabido para um país que tem 8.500km de costa, e tem ainda 200 milhas marítimas de projeção desde 1970, ou seja, a impressão que eu tenho é que, muitas vezes, nós não gostamos de nós.

Jornalista: Senhor candidato, tendo em vista a escalada da violência no Brasil, motivada e acelerada pelas organizações criminosas, particularmente as vinculadas ao narcotráfico e a tendência atual, estimulada pela mídia, de empregar as Forças Armadas no combate ao narcotráfico, como vê esta questão em face da missão constitucional das Forças Armadas?

Candidato Lula: Olha, primeiro eu não acho que seja esse o papel das Forças Armadas. Não acho. A não ser que você esteja num momento de emergência e, em momento de emergência, em momento de excepcionalidade; você trata da excepcionalidade com ações muito, mas muito excepcionais. Se hoje nós colocássemos aqui no Rio de Janeiro todo o Exército, toda a Marinha, toda a Aeronáutica e ainda colocássemos todos que já estão na reserva para enfrentar o banditismo, não teria nenhum problema para eles, porque eles estão comandando da cadeia. Sabe, aqueles que estão soltos ligam para São Paulo; se levarmos todos para São Paulo, eles iriam para o Espírito Santo. Se levarmos para o Espírito Santo, eles vão...Eu acho que o problema não é só esse. Hoje a minha preocupação, na verdade, são duas: primeiro, combater quem já está na criminalidade, baseado num muro, para evitar que outros entrem na criminalidade. Eu acho que as Forças Armadas poderiam dar uma contribuição se a gente tivesse a Marinha bem equipada para tomar conta da nossa costa marítima; se a gente tivesse nossa Aeronáutica, sabe, melhor equipada e não com os nossos aviões propriamente quase todos cariados e olha que não é só o Focker 100. E se nós tivéssemos, por exemplo, o Exército podendo funcionar



corretamente, porque hoje os coitados dos nossos soldados têm que ficar só quatro meses, porque não conseguem ficar mais, e notem a nossa preocupação fronteiriça, quer dizer, o Brasil tem, da Argentina à Guiana Francesa e à Guiana Inglesa e coisa e tal, uma fronteira de não sei quantos mil quilômetros, e que não está corretamente ocupada. Isso, obviamente, iria inibir o contrabando de armas, poderia inibir, óbvio, o narcotráfico; poderia inibir, porque hoje o cara chega aqui de qualquer jeito. O sujeito passa pelo Aeroporto de Cumbica, pelo Aeroporto do Galeão; imagina nessa fronteira seca que nós temos aí como é fácil! Se a gente tivesse maior estruturação das nossas Forças Armadas, poderia ser uma contribuição inibidora para o aumento do contrabando, só para lembrar a vocês que nós estamos lidando com uma coisa mais séria do que já lidamos em qualquer outro momento. O crime organizado não é o enfrentamento que nós estávamos habituados a fazer com os bandidos. Bandido comum, antigamente, tinha cara. Nós sabíamos onde ele estava; tinha jeito. Hoje nós não sabemos. E mais grave do que isso é que o crime organizado tem seu lado político. Veja, por exemplo, o que aconteceu com Ildebrando no Acre – ele era coronel da Polícia Militar? Agora, você prender um homem daquele e mantê-lo no Acre é você manter ameaça constante de desobediência. Então eu acho que as Forças Armadas poderiam contribuir se ela estivesse mais equipada, mais estruturada, mais preparada, mas ela não deve ter como função combater isso não. Isso é uma peça eleitoral. No desespero, todo mundo fala, sobretudo aqui no Rio de Janeiro. Colocam na televisão: – *Vamos colocar o Exército na rua*. Não, do jeito que o povo está passando fome, é capaz de roubar até o revólver do soldado do Exército, capacete e tudo mais. Então nós temos, no Rio de Janeiro, uma ligação entre a miséria e este problema todo, porque...nesses dias eu vi a entrevista de um ladrão, de um traficante, que foi a coisa mais grave que eu já vi na televisão. Primeiro, eu não sei como o repórter chegou até ele, mas chegou. Ele estava encapuzado. E ele falou por que que é fácil cooptar um jovem para o crime organizado, e para narcotráfico. Ele disse: – *Ó, porque o jovem, o pai está desempregado, a mãe está desempregada, ele quer uma camiseta de marca, porque vê os amigos tendo; ele quer um tênis de marca, porque vê os amigos tendo. Ó, a gente dá a camiseta, a gente dá o tênis e ganhamos o cidadão, que começa soltando o rojão para avisar quando a polícia chega e daqui a pouco está com um revolver na mão e não tem mais jeito*.

Então eu acho que nós temos que fazer a ligação com os problemas sociais do Brasil.

Jornalista: O Orçamento da União vem contemplan-

do as Forças Armadas com recursos muito aquém das suas necessidades. Nem mesmo possibilitando atender as exigências básicas da sua vida vegetativa. Neste quadro, as Forças Armadas vêm há anos sofrendo um perigoso processo de desaparelhamento e desatualização tecnológica que não só compromete, certamente, a sua operacionalidade, como traz graves implicações para o cumprimento das suas missões constitucionais. Qual a opinião de V.S. sobre essa situação tão angustiante para as Forças Armadas?

Candidato Lula: Uma matéria que saiu no *Estado de São Paulo*, no dia 8 de setembro, portanto, cinco dias atrás, dizia o seguinte: do Orçamento dos 5 bilhões e 200, inicialmente previstos para esse ano que estamos agora, apenas 3,6 bilhões serão liberados até dezembro, ou seja, 2 bilhões não serão liberados. Nem o que já está previsto vai ser liberado este ano. E diz mais a matéria: *A parte mais sensível é a da Aeronáutica, que enfrenta uma situação muito delicada, porque dos 750 bilhões da EAB, 45% encontram-se condicionados ao voo. O Exército decidiu dispensar 44.050 recrutas antes de cumprir o serviço militar obrigatório*.

Ora, minha gente, o problema eu tenho dito: nós temos que definir se as Forças Armadas – como eu disse isso na Câmara dos Deputados, quando o Oto me convidou para debate – nós temos que definir se as Forças Armadas, sabe, se elas são importantes ou não para o nosso país, para a nossa defesa, para garantir a nossa soberania, para que a gente possa dormir tranquilamente. Agora, se o Governo não pode pagar um miserável de um salário mínimo de 200 reais a um recruta e não pode, nem sequer, fazer a manutenção das contas que você já tem, definitivamente nós estamos destroçando uma Instituição que, historicamente, tem uma importância vital para o desenvolvimento do Brasil, inclusive com ações da mais diferente tecnologia muito importante para o nosso país. Então eu acho que nós vamos ter que tomar a decisão: isso vale para todo o Orçamento. Nós constatamos que o Orçamento previsto para o ano que vem é muito pequeno, nós vamos ter apenas 7,8 bilhões de reais para investimento. É muito pouco. Nós vamos ter que, a partir do dia 30 de outubro, montar uma equipe nossa, se nós ganharmos essas eleições, através da Câmara dos Deputados; junto com o Poder Executivo, rediscutir o Orçamento da União que já foi aprovado a nível orçamentário. Mas o Orçamento vai ser votado até o dia 11 ou 15 de dezembro, e até lá, nós vamos ter que fazer as modificações necessárias, para ver o que a gente pode mudar para melhorar estas e outras situações. Porque até o dinheiro do combate à fome vai diminuir. O

nível de educação vai diminuir, o dinheiro da saúde vai diminuir para o próximo ano.

Jornalista: O Senhor falou, ainda há pouco, em tecnologia. As Forças Armadas têm dado grande contribuição ao desenvolvimento científico e tecnológico do país por intermédio de suas Escolas de Engenharia, IME e ITA, e seus Centros de Pesquisas e Desenvolvimento, CETEC, CTA e CTN em São Paulo. Hoje, porém, atravessam momentos de grandes dificuldades, em razão de suas restrições orçamentárias; da não abertura de concursos públicos para preenchimentos de vagas existentes, e dos reconhecidos baixos salários. Pergunta-se: qual a sua visão a respeito da continuidade da participação das Forças Armadas no setor de Pesquisa e Desenvolvimento, e qual será a sua orientação para os próximos Ministros da Defesa e do Planejamento, Orçamento e Gestão a respeito do assunto?

Candidato Lula: Bem, eu já vi que o Brasil precisa continuar utilizando aquilo que as Forças Armadas têm de competência na área de Ciência e Tecnologia para ajudar o Brasil a sair da mesmice em que ele se encontra. Nós estamos propondo, no nosso programa de governo, dobrar o Orçamento de investimento do Centro de Pesquisa que hoje é de 1% para 2% do PIB, o que não é pouca coisa. Estou propondo isto em quatro anos e esperamos cumprir, porque nós achamos que o que vai dar condições ao Brasil de ter uma inserção no mundo de forma mais respeitável será exatamente a nossa capacidade de investimento em ciência e tecnologia, e as Forças Armadas têm dado contribuição importante para o Brasil. Se depender de nossa disposição, do Ministério da Defesa e do Ministério do Planejamento, nós vamos tentar fazer com que haja auto-suficiência de recursos para que continuem dando esta contribuição ao Brasil.

Jornalista: Nós queremos lembrar à platéia que as perguntas que estão sendo realizadas no momento foram formuladas pela Comissão de Interclubes. Os Ministérios da Defesa, por intermédio do Comando da Aeronáutica, participa do Programa Nacional de Atividades Espaciais, produzindo o projeto do Veículo Lançador de Satélites e a implantação do Centro de Lançamento de Alcântara com recursos da Agência Espacial Brasileira, a AEB. Desde a criação da AEB, em 1994, somente foi possível lançar dois protótipos do VLS e o terceiro, muito provavelmente, não será lançado este ano, em razão, principalmente, do contingenciamento orçamentário que recebeu. Isso deixa o Centro de Lançamento de Alcântara ocioso, com um lançamento a cada dois ou três anos, não justificando, portan-

to, vários investimentos feitos até agora. Pergunta-se como V.S. vê a participação do Ministério da Defesa nesses projetos de grande impacto estratégico-militar considerando as pressões internacionais para encerramento dos mesmos. E qual será sua orientação para o Ministério da Defesa e para o Ministério da Ciência e Tecnologia, ao qual a Agência Espacial Brasileira responde sobre estes projetos?

Candidato Lula: Primeiro vamos ter em conta que o acordo de Alcântara não foi um bom acordo para o Brasil. Vamos ter em conta que foi um acordo ruim, que só ganha uma parte, a outra não ganha nada. Eu estou até, aqui, com um texto da proposta que foi apresentada pelo Deputado Valdir Pires que passou e, depois, o Governo mandou outra para ser votada, quando o acordo estava ainda para ser votado na Câmara. Nós vamos ver quando é que o Governo vai decidir votar, mas eu acho que do jeito que está feito este acordo, é capaz de amanhã, se o Presidente Fernando Henrique Cardoso for lá fazer uma visita, os americanos não deixarão ele entrar. É verdade, é um dado delicado, porque o Brasil não pode, sequer, fazer revista num container que chegue lá, é...o Brasil...está dentro do nosso território, e se nós pudermos fazer uma parceria, vamos fazer parceria, mas parceria pressupõe igualdade, não pressupõe submissão. Eu acho que o brasileiro, o Brasil, não pode se permitir ser tratado como se fosse um país insignificante, nós somos um país grande, nós não precisamos disso. A promessa inicial do Governo era que isto ia dar rendimento de 30 milhões de dólares ao Brasil de aluguel e não está dando. E a gente pode ter perdido a oportunidade de fazer parceria com outro país. Eu acho que o Brasil precisaria gostar mais de si mesmo e estes acordos são delicados, porque o Brasil poderia fazer um acordo em que houvesse transferência de tecnologia para nós e que amanhã a gente pudesse...nós mesmos, estamos aí donos daquilo. Lançando o nosso foguete e ir mudando de acordo com os nossos interesses. Lamentavelmente, não foi assim que foi feito o acordo e eu espero que a Câmara dos Deputados, está aqui o Milton Temer, e eu espero que vocês consigam sabe, eu vou dar esta oportunidade a vocês quanto a isso, e vocês fazerem uma dobradinha, mais dois aqui e aí a gente...mais um ali, e quem sabe, a gente pode fazer uma reparação no acordo que eu acho que foi desagradável e pretensioso para o Brasil.

Jornalista: Senhor Luiz Inácio Lula da Silva, a maior parte dos armamentos, equipamentos e materiais utilizados pelas Forças Armadas Brasileiras vem importada ou, quando produzida no país, tem considerável participação, em processo estrangeiro. Contrariando essa



tendência constrangedora, a Marinha, em associação com Institutos Civis de Pesquisa, desenvolveu todas as etapas do ciclo do combustível nuclear. Além de contribuir para o desenvolvimento científico e tecnológico nacional e gerar empregos, grande parte dos oficiais da Marinha consideram que a existência do submarino nuclear brasileiro contribuirá, também, para espelhar o poder militar compatível com a posição que o Brasil deveria ter no cenário econômico e político mundial. Por pressões internacionais e por estar fora de foco no cenário nacional, o programa de desenvolvimento do submarino nuclear brasileiro, que teve grande prioridade até o início da década de 1990, tem sido praticamente cozinhado em banho-maria nos últimos oito anos. Assim, pergunta-se: qual será a atitude de V.S. em relação ao programa de desenvolvimento do submarino nacional com propulsão nuclear?

Candidato Lula: Primeiro, eu sou favorável, eu disse de manhã que eu sou favorável, eu tenho dito que o Brasil precisa ser dono da tecnologia e tem que utilizá-la em defesa dos nossos interesses; o pouco de verba que foi aprovado para a manutenção do projeto foi aprovado por conta da Comissão da Câmara dos Deputados, dirigida pelo companheiro Aldo Rebelo, e nós queremos que o Brasil volte, a partir do próximo ano, se ganharmos as eleições, a permitir que a gente continue a desenvolver a tecnologia, ou seja, eu ia dizer uma coisa no começo, que como eu já tinha dito, eu não quis dizer. Acho que há três maneiras de um país ser grande: ou ele pode ser grande uma a uma, ele será bem maior se ele tiver as três opções, por exemplo: o país pode ser respeitado no mundo se ele tiver um alto teor de tecnologia, ou se ele for uma potência econômica muito grande, ou se ele for uma potência militar. O correto é que fossem os três juntos, o correto é se ele tivesse uma boa base econômica, uma boa base tecnológica e uma boa base militar. Então, eu acho que a gente tem que se preparar, não é pelo princípio das Forças Armadas, é a defesa que a gente terá, se ficar prevenido e provido das coisas que os outros têm. Se os outros podem ter, nós vamos ter cuidado e ter o nosso também. Eu sei que é meio...meio...mas os cientistas sabem que nós precisamos ter meio não, um inteiro! Não só inteiro, como sou favorável que a gente tenha, que a gente continue. Porque o Brasil precisa ser mais Brasil.

Jornalista: Alguns candidatos mostraram-se favoráveis à extinção do Serviço Militar Obrigatório, substituindo as Forças Armadas com inscritos, por Forças Armadas inteiramente profissionais. A Marinha e a Aeronáutica,

devido às suas características, já mostraram maiores efetivos profissionalizados, o que já não acontece com o Exército, que ainda se vale de um considerável número de inscritos. Por outro lado, sabemos que o Serviço Obrigatório possibilita a formação, em toda a plenitude, do caráter nacional das Forças Armadas, que aqui se fazem presentes em todos os cantos. No nosso imenso território integram as Forças Armadas durante o Serviço Militar, os mais diferentes tipos de brasileiros, como por exemplo, o índio da Amazônia, o nordestino da caatinga, o gaúcho dos Pampas etc. etc. Isto não acontece por força profissional. Embora responda com mais eficiência às necessidades da guerra moderna, existe uma estrutura permanente e muito mais onerosa. Por isso tudo, pergunta-se: o que pensa V.S. sobre o assunto?

Candidato Lula: Eu vou dizer com poucas palavras o que eu disse de manhã. Se o Brasil fosse um país que tivesse uma renda *per capita* de 20.000 dólares, se o Brasil fosse um país que tivesse empregos para o nosso povo, eu acho que até a gente poderia ter umas Forças Armadas totalmente profissionalizadas, o que não é o caso do Brasil. É que, em algumas circunstâncias nós, em várias regiões do Brasil, ainda temos pessoas que têm no seu ano de Serviço Militar o primeiro salário da vida dele e nós temos noções de cidadania para dar para muita gente que não teve a oportunidade de aprender. É por isso que eu acho que devemos continuar conduzindo a Constituição como ela prevê, sabe, o Serviço Militar Obrigatório.

Jornalista: Senhor Luís Inácio, em dezembro de 2000 foi emitida a Medida Provisória 2.131, hoje como 2.215, não tendo sido submetida à votação do Plenário do Congresso. Esta Medida Provisória dispõe sobre a reestruturação da remuneração dos militares, revoga a lei de combinação anterior, altera o Estatuto dos Militares e a lei que dispõe sobre o Tesouro Militar. A Medida Provisória violenta a Constituição em seu artigo 5º, inciso 36, ao eliminar direitos adquiridos dos militares e seus pensionistas, em seu artigo 40, parágrafo 8º, ao não estender aos aposentados e pensionistas benefícios concedidos aos militares da ativa. Por sua vez, Oficiais e praças em atividade; muitos, inclusive, com mais de 29 anos de serviço, faltando meses para a transferência para a inatividade, tiveram direitos emitidos sem que uma regra de transição possibilitasse preservar a proporcionalidade deste direito. O Congresso não pode sanar o caso das inconstitucionalidades da Medida Provisória promovendo as alterações necessárias, pois o restabele-

cimento dos direitos emitidos representam o aumento das despesas previstas, ou seja, o Presidente da República violenta dispositivos constitucionais eliminando direitos adquiridos que, por sua vez, não podem ser restabelecidos pelo Congresso em face de outros dispositivos da Constituição impedirem. Somente o Presidente da República poderá sanar estas irregularidades que dizem respeito aos direitos adquiridos que foram extintos, sem que fosse aplicada uma regra de transição, porque, por uma questão de justiça, são feitos em situações semelhantes. Se for eleito Presidente, V.S. tomará providências para substituir a Medida Provisória, a fim de sanar a sua inconstitucionalidade e também assegurar os direitos proporcionalmente aos anos de serviços militares prestados na data da publicação da Medida Provisória?

Candidato Lula: Isso não é uma pergunta, é um catálogo. Olha, eu vou dizer a mesma coisa que eu disse na Comissão presidida pelo Aldo Rebelo. O funcionário vai questionar, também, e pedir igualdade. Na verdade, gente, o que eu disse, pessoal, é que o direito adquirido é direito adquirido. Eu lembro que na bancada do PT, na Constituinte, nós tínhamos umas figuras importantes, não na bancada do PT, mas pessoas idôneas, pessoas honestas de outros partidos políticos, alguns juizes, alguns grandes advogados, que a gente brigava muito, porque eu e o meu grupo, como éramos sindicalistas, éramos defensores da inclusão dos direitos adquiridos na Constituição e eles eram contra, sabe, porque achavam absurdo: vai, sabe, defender os interesses dos grandes proprietários de terras e não sei das quantas.

Eu dizia: não tem problema, eu estou defendendo os deles, mas estou defendendo os nossos também. Então eu acho que direito adquirido é uma coisa sagrada. Bom, vocês sabem que nós, do PT, temos uma visão de que nós haveremos de criar condições para fazer uma reforma da Previdência brasileira. E essa reforma só poderá ser feita se esta gente entender que política previdenciária não é uma coisa que você muda todo dia e toda hora, é uma coisa que você conversa com a sociedade, conversa com os outros envolvidos, até que você chegue num denominador comum que possa contemplar os interessados. É até uma coisa que nós, com muito carinho, nós vamos discutir com a sociedade brasileira. Agora o que eu acho é o seguinte: quando eu comecei dizendo que nós temos que ter uma definição do que nós queremos das Forças Armadas é porque, em contrapartida, é preciso dizer que

o soldado não ganha hora extra, não ganha periculosidade, insalubridade, que não tem Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, e as Forças Armadas do meu sonho para o Brasil, é eu dormir toda noite tranqüilo e saber que eles estão sendo guardiões do meu sono. Porque eu acho que se a função é uma função essencial, é preciso que a gente tenha o cuidado de discutir, também, a essencialidade dos direitos. Eu discuto isso desde o tempo do movimento sindical, e esta é uma coisa, quando eu falei aqui em mudanças estruturais da questão sindical, da questão da legislação trabalhista, é que é uma coisa que a gente tem que adaptar o Brasil à sua nova realidade e isso só pode ser feito se a gente sentar com a sociedade, discutir, ver a coisa boa de cada lado, a coisa ruim, tentar aparar. O que for possível aparar. Então uma coisa que vocês podem ter certeza é que nada neste país será feito na calada da noite e nada neste país será feito sem que se sente para negociar. A palavra negociação é uma palavra que está fora do vocabulário do Brasil nestes últimos anos e eu quero reintroduzi-la, porque há muita coisa a ser acertada no nosso país. Eu quero ver se a gente tem condições e é a única chance que eu vejo da gente governar. Por que vocês pensam que a reforma tributária é discutida todo santo dia e é unanimidade nacional, e ela não acontece? É porque cada um tem a sua reforma na cabeça. Então é preciso que tenha um maestro, assim como em todo meio militar tem que ter um comandante que possa juntar todo o pessoal envolvido naquela questão e definir, não a política tributária, por exemplo, para determinado setor da sociedade, mas aquela que é boa para o Brasil. E a gente então fazer. Então eu acho que estas coisas nós vamos ter que discutir. Mas o princípio básico que eu tenho dito para vocês e tenho dito para o servidor público é que em direito adquirido não se mexe. Direito adquirido é uma coisa que não será mexida nunca.

Jornalista: Sr. Luís Inácio, a outra pergunta que praticamente o Senhor já respondeu agora é sobre a Previdência. Como o Senhor já respondeu, vou passar para outra.

Considerando o segmento das Forças Armadas no que se refere à defesa ou segurança, é inevitável no Ministério da Defesa a formulação ou atualização quase que constante da política de defesa e de sua decorrente e, mais ainda, se nossa atual política de defesa é um documento de 1996, visto que até então não existia formalmente, embora os militares da ativa soubessem da hipótese de guerra, o



que acha V.S. da sugestão de receber e ouvir companheiros militares, hoje inativos, mas intelectualmente atuantes, a fim de que possam eles expressar suas idéias à luz das grandes diferenças do que hoje se passa no campo militar no Brasil e no mundo?

Candidato Lula: Olha aqui, eu acho que a grande surpresa que vocês vão ter no Brasil, se eu ganhar essas eleições, é que nenhum segmento da sociedade, e vocês fazem parte desta sociedade, vai deixar de ser chamado para que a gente possa discutir os assuntos que são mais importantes no país, ou seja, a experiência acumulada por vocês na Academia tem tanta importância quanto, sabe, da Universidade brasileira para o bem deste país. Então, o que eu posso dizer para vocês é que a todo instante em que nós percebermos que a sociedade brasileira tem que ser chamada nas mais diferentes áreas, você pode ficar certo que o que eu estou falando para vocês é o que eu tenho falado para os trabalhadores já inativos. Eu tenho dito que os trabalhadores inativos vão passar a administrar a Previdência Social junto com o Governo e junto com os trabalhadores da ativa. E se a experiência acumulada de vocês lá na Academia pode dar uma contribuição para este país...nós estamos numa situação tão delicada que nós não temos o direito de prescindir de nenhuma contribuição que um brasileiro ou brasileira possa dar para melhorar a condição de vida do povo brasileiro. E isto vai ser uma prática constante. Vocês vão perceber que eu vou, se ganhar as eleições, realizar uma profecia que eu tenho dito ao longo dos anos; se eu ganhar as eleições eu quero passar para a História do Brasil como o Presidente dos grandes e principais acordos, o que o Brasil precisa fazer para se reestruturar para o futuro.

Jornalista: Levando em conta que a situação da segurança pública em nosso país tem deixado a população perplexa, em pânico e revoltada, sabemos que diversas são as razões que levaram a isso, a esse estado de coisa. Deficiência nas organizações policiais, comprometimento de maus profissionais com grupos criminosos, sistema carcerário anacrônico, lentidão da Justiça para a solução dos incontáveis processos em curso, injusta distribuição de renda, falta de perspectivas de trabalho nas periferias dos grandes centros urbanos e outras mais. Diante dessa situação, o que o Senhor pensa em fazer para devolver a tranquilidade à família brasileira?

Candidato Lula: Eu tinha que ter trazido para vocês uma coisa...nada de muito importante: era um conjunto de programas que nós temos que entregar para

todos que estão aqui e para entregar para outras pessoas. Nós passamos praticamente 15 meses construindo um programa de segurança pública no Brasil. E eu quero dizer para vocês que não existe solução fácil e nem solução imediata. A coisa chegou num patamar que nós vamos ter que parar de culpar os outros, porque é muito fácil chegar na frente da televisão e falar: a Benedita deveria ter feito tal coisa, a Benedita não fez aquilo. O que eu percebo que aconteceu aqui é resultante de um conjunto de erros estruturais que vêm acontecendo ao longo dos últimos 20 anos. Só para você ter idéia, aqui no Rio de Janeiro, nos últimos 20 anos, com 100% de crimes cometidos nesse Estado, apenas 8% foram isentados e 92% foram arquivados. Esta história do Rio de Janeiro deve ser a mesma de São Paulo, a qual deve ser a mesma do Espírito Santo. Ora, como é que a gente vai cuidar da violência: primeiro, nós temos que discutir, com muito carinho, o papel combinado do Governo Federal, dos Governos Estaduais e até dos Governos Municipais. Nós temos que reestruturar o sistema carcerário brasileiro, porque tem gente que não deveria estar preso e está, tem gente que deveria estar preso e não está. Nós precisamos ter um Poder Judiciário mais ágil, que funcione melhor. Nós precisamos ter uma polícia mais competente, mais preparada tecnicamente, cientificamente. Os mais modernos chamam isso de polícia inteligente. Nós precisamos acabar com a banda podre da polícia, porque não é possível que entre uma escopeta dentro de uma cadeia e ninguém veja; entre celular e ninguém veja. Há uma banda podre que deve ter mais força que a sadia. Eu era feliz no tempo em que eu alugava uma casa perto de uma delegacia e aí eu tinha a certeza de que nunca ia aparecer um ladrão. Hoje, primeiro os caras vão na delegacia, roubam a delegacia, batem no delegado, depois vão na minha casa e assaltam e não acontece nada. É porque o Estado não tem controle. Já que o Estado está lidando com uma coisa mais sofisticada, com a qual nós não tínhamos o hábito de lidar, que é o crime organizado, e que é o narcotráfico, e que não são feitos por gente pequena. Quem é preso é o coitado que mora na favela, mas deve ter gente grossa, que não mora na favela e que nunca é preso. Tudo isso exige de nós um pouco de reflexão para que a gente não fique transferindo a culpa para os outros. Eu, de vez em quando, vejo pessoas querendo culpar a Benedita, só que ela tem quatro meses de Governo e já está sendo culpada por tudo o que acontece aqui no Rio. Você tem uma indústria que funciona aqui há mui-

to tempo. Você tem São Paulo; como é que pode se organizar o tal de PCC em São Paulo? Daqui a pouco estão lançando candidato. E o pior é que é capaz de ganhar! Esses absurdos...quando o crime organizado ou o bandido consegue ser maior e mais atuante do que o aparelho de Estado, é a falência do Estado. Então, é preciso pensar que tipo de Estado queremos construir. Na nossa proposta, está: primeiro, ter um sistema único de polícia. Ter uma solução combinada entre o Governo Federal e os Governos Estaduais. Estamos propondo grandes investimentos em educação, esporte, cultura e lazer. Estamos propondo política de geração do primeiro emprego, para ver se a gente poderá combater o que já está na criminalidade; a gente criar uma muralha para evitar que outros se virem para a criminalidade. É uma tarefa, gente, que vai ter que virar, meu caro Pinguelli, tema de debate na Universidade brasileira. Porque a coisa chegou a um volume de gravidade que não será resolvida. Eu, de vez em quando, vejo, na televisão, que o soldado sai de serviço e coloca a roupa na sacola, vai para a casa sem roupa, com medo do bandido. Antigamente era motivo de orgulho a farda. Nós chegamos aonde? Eu acho que a gravidade que estamos vivendo tem que nos levar a fazer uma reflexão profunda, não de ficar culpando ninguém. Meditar onde cada um de nós errou, em algum momento da nossa história, e isso tem muito a ver com o processo educacional do país, tem muito a ver com a política econômica do país, com as políticas públicas que ainda existem neste país. Eu contei, disse agora há pouco, e vou contar: no Seminário que nós faremos para discutir envolvimento da delinquência juvenil, dos adolescentes brasileiros; na criminalidade brasileira, nós detectamos que o maior número de jovens envolvidos se dá exatamente nos lugares onde não tem políticas públicas no Estado. Não tem emprego, nem educação, nem saúde, nem esporte, nem lazer, nem cultura. Eu queria pedir a vocês que assistam o filme *Cidade de Deus* que vocês vão perceber que o problema da segurança pública no Brasil não será resolvido com polícia, mas com política social, com política de desenvolvimento a médio e longo prazo. Agora, se a sociedade entende que colocar mais policiais nas ruas vai criar um efeito psicológico; eu acho que tem que colocar. Agora, policiais na rua com revólver 38 na cintura...lá em São Bernardo, no outro dia, eu perguntei para um policial: – *Você vai na Academia?*

– *Fui, mas só treinei seis tiros, porque não tinha bala.*

Eu disse: – *Que Academia é essa que só dá seis tiros, com*

um revólver muitas vezes enferrujado? A segurança particular é melhor do que a do Estado. Soldados mal treinados, mal remunerados e amedrontados é uma coisa muito séria! Eu fico, de vez em quando, meio preocupado quando vejo as pessoas encontrarem soluções mágicas, como se fosse um toque; eu não acredito neles. Porque, hoje, a violência no Brasil já não é mais uma coisa que envolve um setor, envolve muita gente, muita criança. Lá em São Paulo, na Avenida do Estado, a minha secretária foi assaltada três vezes por moleques com menos de 12 anos. Tem pessoas que são assaltadas cinco vezes no mês, por meninos aos quais vocês não dão um tostão furado, que para mim é uma criança. Então, é mais sério o assunto. Eu acho que é uma coisa a que nós vamos ter que nos dedicar, debruçar, quem sabe, conversar muito com a sociedade civil e começar a agir, ser mais duro para pegar os criminosos e ser mais duro na execução de política pública, para evitar que outros ladrões entrem na sociedade. O problema é complicado e eu acho que merece reflexão. É certo que o Governo Federal vai pegar o papel mais pesado, na minha opinião, de coordenador do projeto. Eu confesso a vocês que, eu não sei, mas acho que o Fernandinho Beira Mar não deveria estar no Rio de Janeiro, assim como o Ildebrando não deveria estar no Acre, onde andou comandando. Nós temos que criar presídios especiais para estas pessoas ficarem. Para que as pessoas que trabalham honestamente possam transitar mais tranquilamente pelas ruas do nosso país.

Jornalista: Nós estamos chegando ao final do debate. Faltam apenas algumas perguntas. Na plataforma de campanha do Presidente da Colômbia recém-eleito, Álvaro Uribe, forçava a solicitação de apoio externo, à luta armada contra a narcoguerrilha estabelecida em seu país a ser encaminhada aos EUA, à União Européia e a países vizinhos. Depois de eleito, o Presidente Uribe já esteve em Brasília formalizando o pedido de apoio e, mais recentemente, os EUA iniciaram uma certa pressão para que o Brasil participe da Força Internacional na Colômbia. Por outro lado, diversos órgãos da Imprensa divulgam com alguma frequência a forte simpatia de segmentos do PT, especialmente do Rio Grande do Sul, pelas causas das FARC. Pergunta-se: qual a visão pessoal do Senhor ao movimento da FARC e, se for eleito, como trataria a questão do Governo colombiano?

Candidato Lula: Primeiro, narcoguerrilha já é por conta de uma visão do Governo da Colômbia, ou seja, eu não tenho certeza se a guerrilha é ligada ao narcotrâ-



fico. Quem está dizendo isso é o Governo colombiano. Possivelmente os guerrilheiros podem achar que é o Governo que seja um narcogoverno. Veja, eu acho que a Colômbia não vai encontrar a saída em outros países, isto é claro; se a Colômbia quiser encontrar um momento de tranquilidade lá, cabe ao Governo colombiano, que tem o poder, que tem mais força, se abrir para fazer uma negociação. Esta coisa não é nova, não aconteceu ontem. As FARC são uma coisa que já está estruturada há muitos anos na Colômbia. Este não foi o primeiro grupo. A Colômbia tem uma tradição nessas lutas de guerrilha. Acho que o Governo colombiano precisa parar de pedir a intervenção americana, que pode não ser boa para eles e não ser bom para o Brasil. E ela deve cuidar, do seu problema, negociando corretamente e cumprindo os acordos que tem que fazer. Se viessem falar comigo, eu iria dar conselhos: – *Olha, meu filho, negocia lá, porque eu acho que você pode encontrar a solução dentro da Colômbia.* Obviamente que eu não tenho conhecimento de que o PT tenha gente que admira as FARC. Não tenho conhecimento! Agora, o PT é um partido democrático, que mantém relações com todas as forças políticas. Tem gente pró FARC, porque as FARC têm ativistas em vários países; são quase como os Palestinos no tempo em que não eram reconhecidos no Brasil e, daqui a pouco, vão pedir uma Embaixada no Brasil. Porque já ocupam um bom território da Colômbia e é bem possível que fique como na minha casa: eu sou são-paulino e no interior sou corintiano. Posso ter atraído, do Prefeito, grande simpatia, numa luta que eles fazem lá. Até porque o Governo colombiano não é um exemplo de grande Governo para que eu possa ter gente querendo ser rebelde por ele. Eu queria só terminar dizendo que a solução será feita pela Colômbia, à hora que ela estabelecer vontade de negociação. A solução é interna e não externa.

Jornalista: Nas últimas cinco pesquisas de opinião sobre a confiabilidade das Instituições Nacionais, realizadas pelo Ibope, de 1993 a 2000, mais de 75% dos entrevistados responderam que não acreditam nos políticos e partidos políticos. Isto, além de profundamente lamentável, é perigoso, pois, poderá levar, mais cedo ou mais tarde, a uma crise social e institucional. Pergunta-se: não acha o candidato que, para se reverter esta triste situação de apatia e descrédito nacional generalizado, é imprescindível uma reforma política completa que, entre outras providências, fortaleça os partidos políticos, reduzindo o seu número e tornando-os ideologicamente mais definidos, e instituindo

a fidelidade partidária, que faça com que o eleitor, pelo voto distrital, identifique-se melhor com seus representantes e, vice-versa, eleve a auto estima do povo brasileiro, que se encontra num baixo nível, talvez nunca visto?

Candidato Lula: Olha, esta questão da reforma política é uma questão extremamente delicada e necessária para o Brasil. Essa é uma das reformas que eu achei que, em 1995, o Presidente Fernando Henrique Cardoso iria introduzir na sua discussão, porque ele, como Cientista Político, eu falei: ele vai propor a reforma política, como coisa imediata. Entretanto não se mexeu na reforma política. E a reforma política se faz necessária pra quê? Primeiro, para que a gente tenha partidos políticos respeitáveis; e segundo, para que a gente tenha financiamento público que não permita que, numa campanha, fiquem os candidatos confinados a interesses da iniciativa privada, porque depois, quando tiver que pagar, vai ficar muito mais caro para o Estado; terceiro, que nós temos que definir, ou seja, nós não temos uma definição do PT sobre voto obrigatório ou não. Eu penso uma coisa e pode ser que os companheiros aqui pensem outra. Eu, a princípio, sou contra o voto obrigatório, porque eu acho que isso faria passível trabalhar muito para o convencimento da sociedade, mas há aqueles que achem que isso faria com que o poder econômico iria corromper mais gente ainda no Brasil. Eu sonho, que um dia, a gente tenha a votação no Brasil holista e não votação nominal, como é hoje. Faço o Partido, passo uma lista e os eleitores votam mais ideologicamente nos partidos políticos. Acho que nós temos em conta que a fidelidade partidária é outra coisa que precisa acontecer no Brasil, urgentemente. Eu vou dar um dado para vocês que é estarrecedor: de 1985 a 2001, portanto 16 anos, 846 Deputados Federais mudaram de partido. Mais grave na atual legislatura, que foi de 1990 até agora: 30% dos Deputados mudaram de partido, ou seja, 154 Deputados mudaram de partido depois das eleições de 98, sendo 80 deles entre a eleição e a posse. Então não tem seriedade. Eu acho que está aqui o José Dirceu, Presidente do partido, e dos companheiros. Eu acho que reforma política é uma coisa que nós vamos tentar fazer com uma certa pressa. Obviamente que reforma política não pode ser a que o PT quer, tem que ser a que seja possível de ser feita, mas ela se faz necessária e acho que é um erro muito grave as pessoas tentarem criar uma imagem negativa dos políticos como é criada hoje, no Brasil, porque daqui a pouco, começam a acreditar que o Congresso Nacional não vale nada, que os partidos não valem nada e daqui a pouco começam a surgir coisas da Itália, Liga daqui, Liga de lá...nós temos uma boa

experiência de partidos políticos fortes no Brasil, portanto nós vamos tentar botar em prática, no Brasil, uma discussão sobre reforma política, para ver se ele se consolida como um país democrático, de partidos fortes, de partidos respeitáveis junto à sociedade brasileira.

Jornalista: Vou chamar o Presidente do Clube de Aeronáutica para fazer o agradecimento ao Sr. Luís Inácio Lula da Silva em nome da Comissão de Interclubes.

Presidente do Caer: Exmo. Sr. Candidato a Presidente da República, Sr. Luiz Inácio Lula da Silva, em nome dos sócios dos Clubes Naval, Militar e o de Aeronáutica, seus Presidentes agradecem a presença de V. Ex., na nossa casa, pela proveitosa exposição proferida sobre Defesa Nacional e o papel das Forças Armadas em conjunção aos demais Poderes da Nação Brasileira.

Agradecemos, também, o atendimento ao nosso convite, já que todos os Candidatos à Presidência da República o receberam e até o momento somente de um deles não obtivemos qualquer sinalização.

Acreditamos que V. Ex. bem percebeu, em função dos debates, as reais preocupações da família militar e suas instituições, pois desejamos o Brasil para os brasileiros; soberano em suas decisões, preservado em sua integridade; justo socialmente; e feliz como Nação.

A estrutura militar, historicamente, baseia-se em Disciplina e Hierarquia. Estes princípios são ensinados e exigidos de todos os militares, porém, em contrapartida ensinamos também Chefia e Liderança. O exercício destes ensinamentos torna a estrutura militar da forma piramidal, e o elemento que consolida toda esta estrutura é a confiança mútua entre chefes e subordinados, pois sem ela dificilmente o soldado imolaria a sua vida em defesa da Pátria. O topo desta pirâmide é ocupado, o que nos orgulha muito, pelo Presidente da República.

Que Deus o ilumine neste momento histórico brasileiro, de dificuldades de toda a ordem, que passamos como Nação.

Para materializar este evento, passo às suas mãos uma lembrança da presença de V. Ex. em uma de nossas casas.

Muito Obrigado Sr. Lula.

Candidato Lula: Eu quero agradecer ao Brigadeiro Danilo, Presidente do Clube de Aeronáutica, ao General Luís Gonçalves, Presidente do Clube Militar, ao Odilon Luís, Presidente do Clube Naval, e à presença de vocês, e agradecer também ao José Dirceu e ao Arlindo, que aceitaram o meu convite para vir aqui. E, ainda, aos companheiros Deputados. E dizer para vocês que cada coisa que eu disse a vocês, são as coisas nas

quais eu acredito e que o Brasil precisa fazer acontecer. Eu nunca consegui entender como é que um país fantasticamente da importância do Brasil jogou fora tanta oportunidade de dar um salto de qualidade, de deixar de ser um país *em vias desenvolvimento para ser um país desenvolvido*. Nós perdemos muitas oportunidades; eu acho que o PT não quer perder esta oportunidade! Eu quero que vocês saibam, por tudo que nós representamos, pela nossa história, pelo princípio do PT, eu quero que vocês saibam que nós temos noção exata, da responsabilidade que significa governar este país, a partir de 1º de janeiro do próximo ano. Mas, ao mesmo tempo, nós temos a certeza, também, de que ganhando as eleições, a gente não tem o direito de não fazer aquilo que gente prometeu para o povo brasileiro. Até porque, não estamos prometendo nada de absurdo, estamos prometendo apenas aquilo que nós acreditamos que seja possível a gente fazer. Eu estou convicto de que podemos ganhar as eleições, estou convicto de que nós vamos precisar construir neste país aquilo que me disse o Presidente Sarney na casa dele. Em primeiro lugar, para construir uma Unidade Nacional, somente nós teríamos condições de fazê-la. Envolver todos os segmentos da sociedade, para que a gente consiga, não apenas reformular, mas executar as propostas políticas que fazem parte do nosso Governo; e eu espero que nessa tarde de hoje eu tenha conseguido explicitar um pouco para vocês aquilo em que nós acreditamos. Fico feliz de ter participado do encontro, porque, a partir de agora, se vocês quiserem falar mal de mim ou falar bem, vão falar, porque ouviram da minha boca, o que eu falei. Não pelo que está escrito no editorial do jornal ou numa coluna qualquer. Eu acho que assim vai ser o tipo de Governo que nós pretendemos fazer nesse país. Governo em que a sociedade vai ter vez e voz de poder, de forma organizada; ajudar a gente a recuperar os caminhos que este país jamais deveria ter perdido. O país precisa aprender uma lição: nós só seremos respeitados no mundo, quando nós nos respeitarmos, e eu acho, que muitas vezes, os governantes do Brasil e de outros países da América do Sul agem com certa pequenez diante dos países ricos, e ninguém na História da humanidade respeita um negociador fraco e frágil. Se Deus quiser, ganhando as eleições, esperamos cumprir cada palavra que aqui foi dita para vocês, e que vou dizer daqui a pouco, no comício em Caxias. Muito obrigado pela oportunidade, e espero ter outra oportunidade de voltar a falar com vocês.